

CYNTHIA ELIAS DE LELES VILAÇA

LIBRO DELL'ABATE ISAAC DI SIRIA

(cód. *ricc.* 1489 da BRF): edição e
confronto com a edição *princeps* de 1500

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Área de Concentração: Lingüística

Linha de pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Lingüística

Orientador: Prof. Dr. César Nardelli Cambraia

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2008

Ficha catalográfica elaborada pelas Bibliotecárias da FALE/UFMG

173l.Yv-I Vilaça, Cynthia Elias de Leles.
Libro dell' Abate Isaac di Siria (cód. ricc. 1489 da BRF) [manuscrito] :
edição e confronto com a edição princeps de 1500 / Cynthia Elias de
Leles Vilaça. – 2008.
418 f., enc.: il.

Orientador: César Nardelli Cambraia.

Área de concentração: Lingüística.

Linha de pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Lingüística.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 408-413.

Anexos: f. 414-418.

1. Isaac, Bispo de Nínive, Séc. VII. Livro de Isaac de Nínive – Crítica textual. 2. Lingüística histórica. 3. Filologia italiana. 4. Idade Média. I. Cambraia, César Nardelli. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 410

Dissertação defendida por CYNTHIA ELIAS DE LELES VILAÇA em 18/02/2008 e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos Profs. Drs. relacionados a seguir:

César Nardelli Cambraia – UFMG
Orientador

Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz – UEFS

Ana Maria Chiarini – UFMG

Aos meus queridos pais: Nancy e Cícero.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. César Nardelli Cambraia, pela simpatia com que acolheu a minha primeira manifestação de interesse pelos “mistérios sistematizáveis” da mutação das línguas e dos textos; pelo modo sábio com que partilha a sua erudição com os outros; pela obtenção de cópia impressa da edição *princeps* (de 1500) italiana do *Livro de Isaac* junto à Bibliothèque Nationale de France em outubro de 2003 e de cópia microfilmada do códice *ricc. 1489* junto à Biblioteca Riccardiana di Firenze em agosto de 2005.

À Profa. Dra. Ana Maria Chiarini, pela amabilidade e disponibilidade com que me orientou e acompanhou no início da minha atividade docente.

À Profa. Dra. Maria do Carmo Viegas, pelo parecer favorável ao projeto que deu origem a este trabalho.

À Profa. Dra. Maria Cândida Seabra, pelo interesse e incentivo às minhas pesquisas acadêmicas.

À Profa. Marília Matos, por ter me apresentado a língua italiana e pelo entusiasmo com que incentivou o meu progresso acadêmico.

Ao colega Rômulo Souza, que tão gentilmente intermediou a compra da cópia microfilmada do códice *ricc. 1489* da Biblioteca Riccardiana di Firenze.

À Biblioteca Riccardiana di Firenze, por ter permitido a consulta direta ao códice *ricc. 1489* e outros códices de seu acervo em junho/julho de 2007.

Aos bibliotecários da Biblioteca Riccardiana di Firenze, da Biblioteca Medicea Laurenziana e da Biblioteca Nazionale Centrale di Firenze, pelas gentilezas prestadas durante a consulta a códices de seus respectivos acervos em junho/julho de 2007.

À Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão de dez meses de bolsa de estudo (maio/2007–fevereiro/2008).

Ao Programa de Pós-graduação em Estudos Lingüísticos (PosLin) da Faculdade de Letras da UFMG.

À Grazi, à Livinha, à Val, ao Ivan, à Priscila, à Thaíse, à Márcia, ao Cirlan e ao André Justo, pela inestimável gratuidade de seus sentimentos e ações, capazes de transformar a minha realidade; por dividirem comigo os meus fardos e as minhas alegrias.

A todos os meus queridos companheiros da jornada acadêmica, de forma especial ao Leo Araújo, ao Fernando, à Danívia, à Teresa, ao Sandro, à Luisa, à Ceriz e ao Marcelo.

Ao Mateus, *fratellino*, pela participação sublime em minha vida; pela compreensão; pela admiração; por me dividir com o Abade Isaac.

Ao André, *l'altro fratello*, pela generosidade e pela compreensão.

Aos meus pais, por acreditarem na educação como um bem de grande valor e caminho de prosperidade, jamais medindo esforços para me oferecer as melhores condições possíveis para trilha-lo com serenidade; por terem sabido o exato momento de soltar a minha mão para que eu me sentisse apta a dar os meus próprios passos; pelo amor manifestado em liberdade e confiança.

À minha mãe, por sempre ter feito dos meus sonhos os seus, compartilhando intensamente das alegrias e angústias advindas de cada uma das minhas escolhas; por ouvir com atenção e incansável admiração os meus longos discursos e questionamentos sentimentais, espirituais, filosóficos, lingüísticos, filológicos, codicológicos, paleográficos...; por buscar me compreender sempre antes de pretender ser compreendida por mim.

A todos aqueles que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização deste trabalho.

A Deus, pelo Seu amor por mim; pela vida de todas essas pessoas que tornaram suave o meu caminhar; pela minha história; pelas oportunidades e providências; pelos sonhos que, outrora ousados, se fizeram a realidade com a qual eu jamais sonhara.

“Quando l’anima sarà inebriata nel gaudio della speranza sua e della letizia di Dio, allora il corpo diventa insensibile alle tribolazioni, avvegna ch’egli sia infermo, e sostiene doppio peso, e non lo intende, ma portalo ed è atato nelle delizie dell’anima.”

Libro dell’Abate Isaac di Siria, cap. 47 (ms. ricc. 1489 da BRF, fól. 148r)

RESUMO

Este trabalho consiste na edição paleográfica do *Libro dell'Abate Isaac di Siria* presente no códice *ricc. 1489* da Biblioteca Riccardiana di Firenze, acompanhada por um aparato de variantes relativas à edição *princeps* desse texto, publicada em 1500. Na *introdução*, justifica-se a realização da edição dessa obra, apresentando as almejadas contribuições que essa pode trazer a diversos campos do conhecimento. Em seguida, encontram-se organizadas em três capítulos as informações que orientaram o estabelecimento do texto da referida edição. Assim, no *primeiro capítulo*, apresentam-se dados sobre o autor, Isaac de Nínive, e sua obra (tradição e doutrina). No *segundo capítulo*, faz-se uma descrição codicológica e paleográfica detalhada e atualizada do códice *ricc. 1489*. No *terceiro capítulo*, justifica-se a opção pelo estabelecimento do texto de acordo com os parâmetros previstos para uma edição paleográfica, e expõe-se as normas utilizadas para a transcrição do texto e para a constituição do aparato de variantes, apresentando-se imediatamente o texto editado. Por fim, nas *considerações finais*, comentam-se as contribuições deste trabalho.

RIASSUNTO

Il presente lavoro consiste nell'edizione paleografica del *Libro dell'Abate Isaac di Siria* presente nel codice *ricc. 1489* della Biblioteca Riccardiana di Firenze, accompagnata da un apparato di varianti concernenti l'edizione *princeps* del testo, pubblicata nel 1500. Nell'*introduzione*, si giustifica la realizzazione dell'edizione di questa opera, presentando gli auspicati contributi che questa può portare a diverse aree di conoscenza. Successivamente, le informazioni e i criteri che hanno orientato lo stabilimento del testo della riferita edizione sono stati organizzati in tre capitoli. Dunque, nel *primo capitolo*, si presentano i dati sull'autore, Isacco di Ninive, e la sua opera (tradizione e dottrina). Nel *secondo capitolo*, si fornisce una descrizione codicologica e paleografica dettagliata e aggiornata del codice *ricc. 1489*. Nel *terzo capitolo*, prima di presentare il testo editato, si giustifica la scelta per lo stabilimento del testo a seconda dei parametri previsti per un'edizione paleografica e si espongono le norme utilizzate per trascrivere il testo e per la costituzione dell'apparato di varianti. Alla fine, nelle *considerazioni finali*, sono commentati i contributi di questo lavoro.

LISTA DE ABREVIATURAS

ALC – Alcobacense	l(s). – linha(s)
ampl. – ampliada	LC – lugar-crítico
BL – Bodleian Library (Oxford)	ms. – manuscrito
BML – Biblioteca Medicea-Laurenziana (Florença)	mss. – manuscritos
BNCF – Biblioteca Nazionale Centrale di Firenze (Florença)	n. – número
BNM – Biblioteca Nazionale Marciana (Veneza)	p. – página
BRF – Biblioteca Riccardiana di Firenze (Florença)	p. ex. – por exemplo
BU – Biblioteca University (Pensilvânia)	r – <i>recto</i>
cap. – capítulo	<i>ricc.</i> – <i>riccardiano</i>
cf. – conferir	<i>Rubr.</i> – <i>Rubrica</i>
cód. – código	rev. – revista
cols. – colunas	séc. – século
Ed. – editor	Tr. – tradutor
<i>Expl.</i> – <i>Explicit</i>	v – <i>verso</i>
fól(s). – fólio(s)	vol. – volume
<i>Inc.</i> – <i>Incipit</i>	

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Cruzamento de informações sobre os testemunhos manuscritos italianos do <i>Livro de Isaac</i>	32
QUADRO 2: Correspondência entre os capítulos de alguns testemunhos da <i>Primeria Parte</i> da obra de Isaac	36
QUADRO 3: Composição dos cadernos do código <i>ricc. 1489</i>	47
QUADRO 4: Alfabeto do <i>Libro dell'Abate Isaac di Siria</i> (código <i>ricc. 1489</i>)	62
QUADRO 5: Abreviaturas braquigráficas presentes no texto de Isaac (cód. <i>ricc. 1489</i>)	74
QUADRO 6: Recursos especiais utilizados na transcrição paleográfica	97

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 - LIVRO DE ISAAC: AUTOR, TESTEMUNHOS E DOCTRINA	16
1.1. Isaac de Nínive	16
1.1.1. Dados biográficos	16
1.1.2. Obra	19
1.2. Tradição da obra de Isaac: do siríaco ao italiano	21
1.3. Tradição italiana do <i>Livro de Isaac</i>	25
1.3.1. Tradição manuscrita	26
1.3.1.1. Século XIV	26
1.3.1.2. Século XV	28
1.3.1.3. Século XVI	30
1.3.2. Tradição impressa	33
1.4. Doutrina do <i>Livro de Isaac</i>	38
CAPÍTULO 2 - DESCRIÇÃO CODICOLÓGICA E PALEOGRÁFICA DO CÓDICE <i>RICC. 1489</i>	41
2.1. Identificação	41
2.2. Descrições prévias	41
2.3. Descrição codicológica atualizada	42
2.3.1. Datação	42
2.3.2. Lugar de origem	43
2.3.3. Suporte material	44
2.3.4. Encadernação	45
2.3.5. Composição	46
2.3.6. Organização do fólio	48
2.3.7. Conteúdo	49
2.3.8. Numeração dos capítulos	52
2.3.9. Ornamentação	53
2.3.10. Marginália	57
2.3.11. Outras particularidades	58
2.4. Descrição paleográfica	58
2.4.1. Classificação da escrita	58
2.4.2. Aspectos paleográficos	60

2.4.2.1. Grafemas	60
2.4.2.2. Abreviaturas	71
2.4.2.3. Diacríticos	76
2.4.2.4. Separação vocabular translinear e intralinear	77
2.4.2.5. Sinais de pontuação	78
2.4.2.6. Sinais de supressão, emendas e seleção de elementos textuais	79
CAPÍTULO 3 - EDIÇÃO DO <i>LIBRO DELL'ABATE ISAAC DI SIRIA</i> (CÓD. <i>RICC. 1489</i>)	82
3.1. A escolha do tipo de edição	82
3.2. Normas e procedimentos adotados para a transcrição do texto	90
3.3. Critérios adotados para a constituição do aparato	98
3.4. Texto da edição paleográfica do <i>Libro dell'Abate Isaac di Siria</i> (cód. <i>ricc. 1489</i>)	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS	407
REFERÊNCIAS	408
1. Edições impressas da obra de Isaac de Nínive em italiano (em ordem cronológica)	408
2. Outras edições impressas da obra de Isaac de Nínive citadas na dissertação	408
3. Demais obras citadas na dissertação	409
ANEXOS	414
ANEXO A - Alfabeto das capitulares em rubrica presentes no <i>Libro dell'Abate Isaac di Siria</i> (cód. <i>ricc. 1489</i>)	414
ANEXO B - Fac-símile do fól. 3v (cód. <i>ricc. 1489</i>): Casamento místico entre São Francisco e Nossa Senhora da Pobreza	415
ANEXO C - Fac-símile do fól. 9v (cód. <i>ricc. 1489</i>): São Francisco recebendo os estigmas	416
ANEXO D - Fac-símile do fól. 10r (cód. <i>ricc. 1489</i>): Capitular com a figura do Abade Isaac	417
ANEXO E - Fac-símile do fól. 162r (cód. <i>ricc. 1489</i>): Ilustração em campo aberto contendo a cruz e os outros com os símbolos da paixão de Cristo	418

INTRODUÇÃO

Do Oriente Médio em pleno sétimo século da era cristã, as palavras de um simples religioso que teria preferido a solidão da montanha às atribuições e privilégios de um bispado se espalharam de modo abundante pelo mundo cristão. Embora destinadas ao ambiente clerical, os textos de Isaac de Nínive também teriam sido lidos e meditados por pessoas que praticavam outra forma de vida cristã. A doutrina transmitida por esses textos representa um dos fundamentos da teologia espiritual cristã, particularmente monástica, seja do oriente ou, ainda que em menor proporção, do ocidente.

A importância singular da obra de Isaac de Nínive para a literatura religiosa medieval, constatada pela sua larga difusão pelo mundo durante os séculos que a seguiram, justifica por si qualquer estudo a seu respeito. Dentre as tradições dessa obra nas mais diversas línguas, a tradição italiana é a que abrange o maior número de testemunhos manuscritos identificados até então. Tal constatação, acrescida da ciência das características inerentes ao processo de cópia (sobretudo no período medieval) e da incontestável certeza de que os textos sofrem modificações ao longo do processo de sua transmissão, torna a investigação da tradição italiana da obra de Isaac um exercício instigante e de grande valor para todos os que utilizam os testemunhos dessa tradição como fonte – especialmente religiosos, historiadores, literatos, linguistas, filólogos, paleógrafos e críticos textuais.

A tradução italiana da obra de Isaac teria sido considerada pelos acadêmicos da Crusca – que, a propósito, patrocinaram algumas de suas edições – um testemunho da melhor tradição lingüística italiana. Esse fator reforça as razões que motivam a edição dos testemunhos italianos da obra de Isaac, dentre eles, o presente no códice *ricc. 1489* da

Biblioteca Riccardiana di Firenze. Logo, a edição desse manuscrito colabora para a recuperação, transmissão e preservação do patrimônio cultural italiano e, de forma modesta, da cultura medieval. No entanto, há motivos especiais para se editá-lo.

Em primeiro lugar, a edição paleográfica do *Libro dell'Abate Isaac di Siria* (cód. *ricc. 1489* da Biblioteca Riccardiana di Firenze) acompanhada por variantes derivadas da sua comparação com a edição *princeps* italiana (impressa em Veneza no ano 1500) apresentada neste trabalho contribui de forma sensível com os estudos de *Crítica Textual*: por tornar disponível para o público moderno a edição de um manuscrito medieval italiano até hoje inédito; por listar lugares-críticos, que concorrem para uma futura elaboração do *estema* de todos os testemunhos da tradição italiana; por servir de subsídio para comparações entre as traduções do *Livro de Isaac* em línguas românicas com objetivo de investigar o processo de transmissão desse texto no interior das mais variadas culturas e civilizações pertencentes ao mundo românico.

Em segundo lugar, a referida edição oferece particular contribuição para os estudos de *Linguística Histórica* e de *Linguística Românica*: à primeira, por identificar fatos significativos de variações e mudanças linguísticas ocorridos na passagem do século XIV para o XVI, e por representar um *corpus* rigorosamente preparado para análise de fenômenos de variação e mudança linguística no italiano dos séculos XIV e XVI; à segunda, por possibilitar a realização de posteriores confrontos entre as traduções do *Livro de Isaac* em línguas românicas, e dessas com o texto latino, o que certamente será de grande valia para estudos acerca da formação das línguas românicas.

Em terceiro lugar, é preciso notar que a edição em apreço apresenta ainda contributo para os estudos de *Tradução*, uma vez que se trata de um texto em italiano traduzido do latim. Além disso, pode-se pensar na realização de futuras comparações entre os testemunhos a fim

de se analisar a prática da tradução na Itália. Igualmente viável seria um confronto das traduções em línguas românicas a partir do latim.

Portanto, expostos os principais motivos para se editar o texto de Isaac constante do códice *ricc. 1489* da Biblioteca Riccardiana di Firenze, resta apresentá-lo de maneira eficiente para que de fato contribua para o desenvolvimento das diversas disciplinas aqui mencionadas.

CAPÍTULO 1

LIVRO DE ISAAC: AUTOR, TESTEMUNHOS E DOCTRINA

1.1. Isaac de Nínive

1.1.1. Dados biográficos

Isaac de Nínive ou Isaac da Síria foi um foi um monge pertencente à Igreja Siro-Oriental ou Igreja Nestoriana que viveu no século VII e escreveu textos de conteúdo ascético-espiritual.

Segundo uma antiga tradição, a Igreja Siro-Oriental estaria ligada à pregação do apóstolo Tomé e de seus discípulos (CHIALÀ, 2000, p. 3). Ao descrever a expansão dessa igreja, Chialà (2000, p. 6) afirma que a cristandade siro-oriental se estende, salvo algumas exceções, ao leste do rio Eufrates, na Mesopotâmia, Pérsia, Arábia, Ásia Central, Índia e China, conforme uma articulação em províncias eclesiásticas¹. Do ponto de vista teológico, a Igreja Siro-Oriental se diferencia das outras por não ter aceitado as definições do Concílio de Éfeso em 431, no qual se condenava a então chamada “heresia de Nestório”²; quanto à liturgia, a Igreja Siro-Oriental possui um rito próprio, denominado “rito caldeu”. (CHIALÀ, 2000, p. 7).

¹ Sobre as províncias eclesiásticas do século de Isaac, consultar Chialà (2000, p. 6).

² Para Nestório, patriarca de Constantinopla entre 428 e 431, haveria duas pessoas separadas em Cristo encarnado – uma divina e outra humana –, opondo-se à doutrina ortodoxa, para a qual Cristo era uma única pessoa, ao mesmo tempo Deus e homem. Essa concepção de Nestório foi caracterizada pela rejeição da maternidade divina de Maria, Mãe de Deus (*Theotókos*) (cf. CROSS & LIVINGSTONE, 1974, p. 961-963, 1365).

Excetuando-se as informações biográficas contidas nos manuscritos e edições que contêm os textos de Isaac, dispõe-se de apenas duas estimáveis fontes: (a) um trecho da obra *Livro da Castidade*³, escrita no século IX (entre 806 e 870) por um autor da Síria Oriental chamado Isho‘denah de Basra, e editada por Chabot (1896); (b) um texto anônimo de data e origem desconhecidos⁴, editado por Rahmani (1904). A seguir, apresenta-se a tradução dessas fontes feita por Cambraia (2000, p. 18-20) a partir da versão em inglês presente em Miller (1984, p. lxx-lxxvi):

a) *Livro da Castidade*:

Sobre o santo Mar Isaac, bispo de Nínive, que renunciou a seu bispado e compôs livros sobre a disciplina da solidão. Ele foi ordenado bispo de Nínive por Mar Jorge, o Católico, no Mosteiro de Beit ‘Abe. Mas, depois de ter mantido a pastoral de Nínive por cinco meses (como sucessor de Moisés, bispo antes dele), ele renunciou a seu bispado por razão que Deus conhece, e foi-se embora e viveu nas montanhas. Depois de o cargo estar vago durante um tempo, o abençoado Sabrisho’ foi ordenado seu sucessor. Ele igualmente renunciou a seu bispado e tornou-se um anacoreta na época de Henanisho’, o Católico, partindo desta vida no Mosteiro de Mar Shehin na região de Qardu. Logo após Isaac ter deixado o cargo em Nínive, ele subiu até a montanha de Matout, que era cercada pelo região de Beit Huzaye, e viveu em silêncio junto com os anacoretas que habitavam por lá. Em seguida, ele foi para o Mosteiro de Rabban Shabur. Ele era extraordinariamente bem versado nas Sagradas Escrituras, a ponto de ter perdido sua visão pela sua leitura e ascetismo. Ele penetrou profundamente nos mistérios divinos e compôs livros sobre a disciplina divina da solidão. Ele disse, porém, três coisas que não foram aceitas por vários. Daniel Bar Tubanitha, bispo de Beit Garmai, ficou escandalizado com ele por causa dessas [três] coisas que expôs. De qualquer maneira, quando atingiu idade bem avançada, Isaac partiu desta vida temporal; e seu corpo foi enterrado no Mosteiro de Shabur. Ele nasceu em Beit Qatraye e acredito que a inveja foi sucitada contra ele por aqueles que viviam no interior, assim como foi o caso de José Hazzaya, João da Apaméia e João de Dalyatha. (MILLER, 1984, p. lxx, tradução de CAMBRAIA, 2000, p. 18-19).⁵

³ O *Livro da Castidade* (*Liber castitatis*) é concebido como um conjunto de breves biografias de monges famosos da Mesopotâmia (CHIALÀ, 2000, p. 53).

⁴ Chialà (p. 54, nota 3) diz saber apenas que o manuscrito utilizado por Rahmani em sua edição é datado de 1471/2. Quanto à origem, Chialà (p. 54) comenta que a expressão “genitrice di Dio” (genitora de Deus) presente na frase que conclui o texto, embora possa levar a pensar em uma origem siro-ocidental, poderia também ser um acréscimo do copista, o que revelaria a origem do manuscrito e não a do autor do texto.

⁵ No original: “On the holy Mar Ishaq (Isaac), Bishop of Nineveh, who abdicated from his episcopacy and composed books on the discipline of solitude. He was ordained bishop of Nineveh by Mar Giwargis (George) the Katholikos in the monastery of Beit ‘Abe. But after he had held the office of the Shepherd of Nineveh for five months (in succession to Moses, the bishop before him), he abdicated his episcopacy for a reason which God knows, and he departed and dwelt in the mountains. After that the throne was vacant for a time, and then the blessed Sabrisho’ was ordained after him. He likewise abandoned his episcopacy and became an anchorite

b) *Obra anônima:*

Além disso, lembramo-nos da história (ou, de fato, do triunfo) do abençoado Pai Mar Isaac, que informa sua pátria, seu modo de vida e como foi bispo de Nínive, mas depois abandonou esse cargo e foi para um mosteiro e compôs cinco volumes de regras para monges. Este Mar Isaac de Nínive nasceu na região de Beit Qatraye, antes da Índia. Após ter se tornado versado nas Escrituras da Igreja e em seus comentários, tornou-se monge e professor em sua região. Mas, quando Mar Jorge, o Católico, veio à sua região, ele levou Isaac para Beit Aramaya, porque um de seus parentes era Mar Gabriel de Catar, o comentador [das Escrituras] da Igreja. Mar Isaac foi ordenado bispo de Nínive no Mosteiro de Beit ‘Abe. Mas, por causa de seu intelecto aguçado e de seu zelo, ele pôde exercer sua pastoral nesta cidade por apenas cinco meses; em seguida, ele retornou para seu silêncio. Ele persuadiu o Papa a exonerá-lo e o Papa ordenou-lhe [que partisse]. Em seguida, Isaac partiu e viveu em silêncio na montanha de Beit Huzaye junto com monges que viviam por lá. Por fim, ele tornou-se cego e seus irmãos registraram seus ensinamentos. Eles o chamavam de segundo Dídimo, porque de fato ele era calmo, bondoso e humilde, e sua palavra era gentil. Comia apenas três fatias de pão por semana, com alguns vegetais; e ele nunca experimentou comida cozida. Compôs cinco volumes, que são conhecidos até hoje, [cheios de] doces ensinamentos. (...). Posteriormente, quando envelheceu e atingiu idade bem avançada, partiu em direção ao Nosso Senhor, e foi enterrado no Mosteiro de Mar Shabur. (MILLER, 1984, p. lxxv-lxxvi, tradução de CAMBRAIA, 2000, p. 19-20).⁶

in the days of Henanisho’ the Katholikos and he fell asleep in the monastery of Mar Shehin in the region of Qardu. Now after Isaac abandoned the throne of Nineveh, he ascended the mountain of Matout, which is encircled by the region of Beit Huzaye, and he dwelt in stillness together with the anchorites who lived thereabouts. Afterward he went to the monastery of Rabban Shabur. He was exceedingly well versed in the divine writings, even to the point that he lost his eyesight by reason of his reading and asceticism. He entered deeply into the divine mysteries and composed books on the divine discipline of solitude. He said, however, three points that were not accepted by many. Daniel Bar Tubanitha, the bishop of Beit Garmai, was scandalized at him on account of these [three] propositions which he expounded. Howbeit, when he reached deep old age, he departed from temporal life, and his body was placed in the monastery of Shabur. He was born in Beit Qatraye, and I think that envy was stirred up against him by those who dwelt in the interior, even as was the case with Jausep (Joseph) Hazzaya, Johannan (John) of Apamea, and Johannan (John) of Dalyatha.”

⁶ No original: “Further we record the history (or indeed the triumph) of the blessed Father Mar Ishaq (Isaac), which declares his homeland, his way of life, and how he was bishop of Nineveh, but afterward forsook this and went to a monastery and composed five volumes of instruction for monks. This Mar Isaac of Nineveh was born in the region of Beit Qatraye beneath India. When he had become versed in the writings of the Church and the commentaries, he became a monk and a teacher in his own region. But when Mar Giwargis (George) the Katholikos came to his region, he took him to Beit Aramaya because one of his relatives was Mar Gabriel of Qatar, the [scriptural] interpreter of the Church. Mar Isaac was ordained bishop of Nineveh in the monastery of Beit ‘Abe. But because of the acuteness of his intellect and his zeal, he could only endure the pastoral care of his city for five months; then he returned to his stillness. He persuaded the Papa to dismiss him, and the Papa gave him the command [to depart]. Then he left and dwelt in stillness in the mountain of Beit Huzaye together with the monks who lived thereabouts. Finally he became blind and the brethren wrote down his teaching. They called him the second Didymos, for indeed, he was quiet, kind, and humble, and his word was gentle. He ate only three loaves a week with some vegetables, and he did not taste any food that was cooked. He composed five volumes, that are known even until this day, [filled with] sweet teaching (...). Thereafter, when he had grown old and advanced in years, he departed unto our Lord, and he was placed in the monastery of Mar Shabur.”

A comparação dessas duas fontes, consiravelmente concordantes, permitiu que Cambraia (2000) reconstituísse o seguinte perfil bigráfico de Isaac de Nínive:

Isaac nasceu em Beit Qatraye (no atual Catar) e foi ordenado bispo de Nínive no Mosteiro de Beit ‘Abe (no norte do atual Iraque) por Jorge, o Católico. Cinco meses depois, renunciou ao cargo e foi viver como anacoreta na montanha de Matout, na região de Beit Huzaye (no atual Irã). Posteriormente, mudou-se para o Mosteiro de Rabban Shabur (também no atual Irã), onde aprofundou seus conhecimentos das Sagradas Escrituras e escreveu suas obras. Por causa da intensa leitura, acabou por se tornar cego. Morreu com idade bem avançada e foi enterrado no próprio Mosteiro de Rabban Shabur. (CAMBRAIA, 2000, p. 20).

Apesar de não haver precisão com relação a datas, Brock (1987, p. 242) e Miller (1984, p. lxxviii) asseguram que a ordenação de Isaac teria ocorrido quando da presença do Católico Jorge na região do Catar, em 676 (ano do sínodo). Com base em dados constantes dos textos de Isaac, Miller (1984, p.lxxiii-lxiv) sugere ainda que os textos de Isaac teriam sido compostos por volta de 688, época em que o autor já estaria com idade avançada. Para Brock (1986b, p. 8), Isaac de Nínive teria falecido em torno do ano 700.

1.1.2. Obra

Antes de comentar a transmissão da obra de Isaac de Nínive ao longo dos séculos e através das mais diversas línguas, faz-se necessário discutir quantas e quais seriam as obras de sua autoria. No *Livro da Castidade*, Isho‘denah fala genericamente de “livros sobre a disciplina divina da solidão”; já no texto publicado por Rahmani, assinala-se que Isaac “compôs cinco volumes”. Entretanto, Miller (1984, p. lxxii-lxxiii) e Chialà (2000, p. 66) lembram que ‘Abdisho’ de Nisibe, em seu *Catálogo dos Escritores Eclesiásticos*, atribui a Isaac sete tomos: “Isaac de Nínive compôs sete tomos: sobre a conduta do espírito, sobre os mistérios divinos, e sobre o juízo e a providência” (‘ABDISHO’ DI NISIBE, 1725, p. 104, citado por CHIALÀ, 2000, p. 55). Considerando que os escritos de Isaac atualmente acessíveis apresentam uma

organização diferente da em tomos, constitui tarefa impossível reestabelecer a divisão original de sua obra. Diante de tal realidade, Miller (1984, p. lxxix-lxxxv) propôs o agrupamento dos textos de Isaac em: *Homilias*⁷ *Ascéticas (Primeira Parte); Segunda Metade (Segunda Parte); Livro da Graça*; homilias em verso sobre assuntos variados; um tratado teológico; e diversas orações. Chialà (2000, p. 66) assegura que, em siríaco – língua semítica em que teria sido escrita a obra de Isaac –, são conhecidos, ainda que parcialmente editados e traduzidos, três compilações de discursos, dois fragmentos de uma *Quinta Compilação (Quinta collezione)*, algumas orações e outros escritos de autoria duvidosa.

Visto que não há consenso sobre a legitimidade da autoria de Isaac com relação a todos os textos, optou-se – como fez Cambraia (2000, p. 22) – por tratar neste trabalho apenas do conjunto de textos que está dividido em duas partes⁸ (a *Primeira* compreende 82 capítulos⁹; e a *Segunda*, 41 capítulos¹⁰), cuja legitimidade foi atestada por Brock (1987, p. 243).¹¹

As compilações contentoras dos escritos de Isaac de que se tiveram notícias até o presente momento variam seja quanto ao número de capítulos de que se compõem seja quanto à ordem e à divisão desses capítulos. Isso se deve à excepcional difusão e popularidade da obra de Isaac ao longo dos séculos. As operações de tradutores e copistas decerto não se

⁷ O termo utilizado para designar as unidades em que a *Primeira Parte* dos textos de Isaac encontra-se dividida varia consideravelmente: “homilias” (MILLER, 1984, p. lxxiii); “sermões” (CHABOT, 1982, p. 107); “tratados” (WENSINCK, 1969, p. vii-xii); “textos”/ “discursos” (BROCK, 1987, p. 243-244); “capítulos” Cambraia (2000, p. 22) ; “discursos” (CHIALÀ, 2000, p. 66). Neste trabalho, adota-se o termo “capítulo”, por ser esta a denominação mais comum nos testemunhos italianos consultados.

⁸ Segundo informa Cambraia (2000, p. 22), essas duas partes teriam sido unidas após a morte de Isaac.

⁹ Conforme apurou Cambraia (2000, p. 22), na *Primeira Parte* encontra-se um conjunto de capítulos que, posteriormente, circularia em latim com o título: *Liber de Contemptu Mundi (Livro do Desprezo do Mundo)*.

¹⁰ No texto de 1987 (p. 243), Brock afirma que a *Segunda Parte* seria composta por 42 capítulos diferentes dos da *Primeira parte*, com exceção dos de número 16 e 17, que corresponderiam, respectivamente, aos de número 54 e 55 da *Primeira Parte*. Já no texto de 1999-2000 (p. 476), esse autor assegura que a *Segunda Parte* é composta por 41 capítulos.

¹¹ Brock (1986, p. 33) assinala que cinco capítulos da *Primeira Parte*, também presentes na tradução grega de Theotokis (1770), não são de autoria de Isaac de Nínive. Dentre esses, quatro seriam de João de Daliatha (caps. 2, 7, 43 e 80 da tradução de Theotokis), outro escritor monástico siro-oriental; e o quinto seria do teólogo siro-ortodoxo Filoxeno de Mabbug (cap. 4 da tradução de Theotokis). Conforme apuraram Cambraia, Melo & Vilaça (no prelo), desses cinco capítulos, dois circularam na tradição latino-românica: o cap. 2, correspondente ao cap. 43 do ms. latino plut. 89 sup. 96 da BML [cap. 30 do ms. italiano *ricc. 1489* e 29 da edição *princeps* italiana de 1500]; e o cap. 7, correspondente ao cap. 70 do ms. latino plut. 89 sup. 96 [cap. 48 do ms. italiano *ricc. 1489* e 50 da edição italiana de 1500].

limitavam a seguir um único modelo disponível, ao contrário, esses profissionais estabeleciam juízo com relação aos textos (acrescentando, subtraindo e/ou alterando a ordem de trechos), no intuito de “corrigir” o que consideravam erro ou “facilitar” a interpretação de determinadas passagens.

1.2. Tradição da obra de Isaac: do siríaco ao italiano

Tendo em conta as mencionadas intervenções de tradutores e copistas na transmissão dos textos de Isaac e a grande propagação desses textos pelo mundo ocidental e oriental por meio das mais diversas línguas, assume-se como trabalho complexo a organização de um inventário dos manuscritos e edições impressas que veicularam as idéias de Isaac. Podem-se citar, no entanto, alguns trabalhos que descreveram parcialmente o processo de transmissão dos textos de Isaac. São eles: Chabot (1892, p. 54-59); Petit (1924, p. 10-11); Khalifé-Hachem (1971, cols. 2041-2054); Miller (1984, p. lxxvii-cxii); Bunge (1985, p. 4-7); Brock (1986b, p. 8-9; 1999-2000, p. 476-484); Cambraia (2000, p. 22-32); e Chialà (2000, p. 65-83, 325-369).

Com o objetivo de situar os testemunhos italianos do texto de Isaac nessa rede, serão sucintamente apresentadas, em seguida, as possíveis vias de transmissão da obra de Isaac do siríaco ao italiano.

Segundo Miller (1984, p. lxxvii), os textos de Isaac de Nínive teriam sido transmitidos a partir do siríaco por meio de duas famílias: a oriental e a ocidental. O códice *Mardin 46*¹², copiado em 1235 e proveniente de Mardin¹³, comporia o ramo oriental. Os códices *Sinai syr. 24*, *Vat. Syr. 125* e *Vat. syr. 124* comporiam o ramo ocidental. Para Miller

¹² De acordo com Chialà (p. 67, nota 45), as informações oferecidas por Bedjan (*Mar Isaac Ninivita, de Perfectione Religiosa*, p. VI) sobre o manuscrito *Mardin 46* permitem identificá-lo como o ms. *Parigi*, Bibl. Nat. *Sir.* 359.

¹³ Mardin é uma região de Urmian, no atual Iraque.

(1984, p. lxxvii), as diferenças entre esses dois ramos consistem nos fatos: (a) de o ocidental possuir algumas poucas passagens ausentes no oriental; (b) de o oriental possuir diversas passagens e oito capítulos que faltam ao ocidental; e (c) de passagens atribuídas a Teodoro da Mopsuestia, Diodoro de Tarso e Evagrio no ramo oriental serem atribuídas, no ocidental, a outros autores. Chialà (2000, p. 67) confirma a hipótese de transmissão ramificada postulada por Miller, e acrescenta que o ramo oriental conservaria um texto mais próximo ao original, uma vez que o ocidental teria sofrido adaptações ao ambiente “anti-nesoriano”. Chialà e Miller divergem, todavia, com relação ao número de capítulos (ou discursos) presentes no ramo oriental e ausentes no ocidental: para o Chialà, seriam sete; para Miller, oito e mais outras passagens. Veja-se a seguir o trecho em que Chialà confirma a existência de duas famílias de textos e descreve as diferenças entre elas:

Que os manuscritos desta *Primeira Compilação* [a que se identificou anteriormente como *Primeira Parte*] pertençam a duas famílias bem distinguíveis é um dado suficientemente claro. Há um grupo de tipo “oriental”, que conserva um texto mais próximo ao original, e um segundo de tipo “ocidental” que se caracteriza, ademais, por algumas adaptações realizadas em ambiente “anti-nesoriano”, como por exemplo, a substituição dos nomes de Teodoro de Mopsuetia, Diodoro de Tarso e Evagrio Pontico. A tradição oriental apresenta sete discursos a mais que faltam à ocidental; inversamente, na tradição oriental faltam apenas poucas passagens atestadas na ocidental. (CHIALÀ, 2000, p. 67, tradução nossa).¹⁴

Dentre os muitos manuscritos em siríaco encontrados e tantas edições parciais da *Primeira* e da *Segunda Parte*, a edição produzida por Bedjan em 1909 (*Mar Isaacus Ninivita De Perfectione Religiosa*) seria a mais abrangente. Bedjan teria se baseado no manuscrito encontrado em Mardin (copiado em 1235), por ter lhe parecido, dentre os que ele tinha à disposição, o texto menos corrompido e mais completo (juízo de Bedjan reportado por

¹⁴ No original: “Che i manoscritti di questa *Prima collezione* appartengano a due famiglie bem individuabili è un dato abbastanza chiaro. C’è un primo gruppo di tipo “orientale”, che conserva un testo più vicino all’originale, e un secondo di tipo “occidentale” che si caratterizza, tra l’altro, per alcuni adattamenti avvenuti in ambiente “anti-nesoriani”, come ad esempio la sostituzione dei nomi di Teodoro di Mopsuetia, Diodoro di Tarso e Evagrio Pontico. La tradizione orientale riporta inoltre sette discorsi che mancano in quella occidentale; viceversa nella tradizione orientale mancano solo pochi passi attestati invece in quella occidentale.”

CHIALÀ, 2000, p. 67). Outra edição em siríaco de considerável importância foi realizada por Sebastian Brock em 1995 (*The Second Part*, chapters IV-XLI . vol. 554), a partir do manuscrito *sy. e.* 7¹⁵ da Biblioteca Bodleiana de Oxford. Nessa edição, estão presentes os capítulos IV a XLI da *Segunda Parte*.

Entre o fim do século VIII e o início do século IX, aproximadamente um século após a morte de Isaac, a obra de Isaac teria sido traduzida para o grego por dois monges – Patrikios e Abramios – do mosteiro de Mar Sabbas, na Palestina, a partir de algum manuscrito do ramo siríaco ocidental (MILLER, 1984, p. lxxxv-xciv; CHIALÀ, 2000, p. 325-326). Essa tradução mais antiga corresponderia ao manuscrito *Parigi*, Bibl. Nat. suppl. *Gr.* 693, 1v-78v. A edição *princeps* grega (da *Primeira Parte*) foi publicada por Nikephoros Theotokis (*To ō áγιου Πατρὸς ἡμῶν Ἰσαάκ, ἐπισκόπου Νινεβί, τὰ ἐρεθέντά*) em 1770.

A tradução latina da obra de Isaac, composta por excertos da *Primeira Parte*, aqui chamada de *Livro de Isaac*, foi feita a partir do grego em âmbito franciscano, passando em seguida ao beneditino em suas várias ramificações (CHIALÀ, 2000, p. 356). As hipóteses com relação à data dessa tradução a localizam entre os séculos X e XV. Entretanto, os manuscritos latinos localizados até então se concentram entre os séculos XIII e XV, sendo o ms. *plut.* 89 *sup.* 96 da BML (Florença), datável do século XIII, o mais antigo de que se tenha notícia. Ademais, segundo Chialà (2000, p. 356), a mais antiga citação de Isaac em língua latina, feita pelo franciscano Giovanni di Peckham em seu *Tractatus Pauperis*, data de 1270. Dessarte, assume-se o século XIII como *terminus ad quem* para a tradução latina da obra de Isaac. Com relação ao autor da tradução latina, há controvérsias. Gribomont (citado por CHIALÀ, 2000, p. 355), seguido por outros autores, propôs que a obra de Isaac teria sido traduzida do grego para o latim pelo franciscano Angelo Clareno (1255?-1337)¹⁶, autor de

¹⁵ Este manuscrito foi localizado por Brock em 1983.

¹⁶ Angelo Clareno (o del Chiarino), também conhecido como Pietro da Fossombrone, pertenceu à congregação dos *pauperes eremitae* e, posteriormente, a dos celestinos. Outras informações biográficas podem ser encontradas em Levasti (1935, p. 993-994) e Frugoni (1961, p. 223-226).

diversas traduções de obras patrísticas gregas, dentre as quais a *Scala* de João Clímaco, a qual em alguns manuscritos estaria associada aos discursos de Isaac de Nínive¹⁷. Essa hipótese também seria sugerida, segundo Chialà (2000, p. 355), por uma citação que Clarenno faz em seus escritos da obra de Isaac. Porém, Potestà (também referido por CHIALÀ, 2000, p. 355) teria mostrado que a citação isaaquiana feita por Clarenno, junto a outras de vários autores presentes no mesmo contexto, já estaria em carta escrita por Pietro di Giovanni Olivi (ca. 1248-1298), a partir do que Potestà concluiu que a tradução latina seria anterior a Clarenno. Chialà (2000, p. 297) endossa a hipótese de Potestà ao afirmar que Clarenno teria feito várias alusões à obra Isaac de Nínive em seus textos – não apenas a capítulos que fazem parte da compilação latina, como também a capítulos presentes somente em textos em siríaco e em grego –, o que atestaria o seu acesso direto ao texto grego (fonte da tradução latina) e, naturalmente, ao siríaco. Isso significa que, se Clarenno tivesse sido o tradutor, deveria ter incluído, em sua hipotética compilação latina, todos os textos aos quais ele próprio teve acesso em grego e em siríaco.

A versão latina da obra de Isaac foi impressa pela primeira vez em 1506 (*Sermones Beati Isaac de Syria*. Venetiis; editor desconhecido). Contudo, o texto latino de referência é ainda a edição publicada por Jacques-Paul Migne em 1865 (*Patrologiae Cursus Completus. Series Graeca*), que apresenta 53 capítulos e teria sido baseada na edição preparada por Andrea Galland em 1778 (*Bibliotheca veterum patrum*).

A partir do latim, a obra de Isaac teria sido traduzida para as línguas românicas do século XIV ao XVI. Dentre as tradições românicas, a italiana é, indubitavelmente, a que possui o maior número de testemunhos manuscritos conhecidos, o que mostra a grande popularidade dos textos de Isaac na Itália.

¹⁷ De acordo com informações presentes no *Catalogo di codici italiani. Catalogo manoscritto, Classe I* da Biblioteca Marciana (p. 12), no cód. *it. I 63* (ou 4898) dessa biblioteca, o texto de Isaac precede o de João Clímaco. Já no códice ALC 387 da Biblioteca Nacional de Lisboa, o texto de Isaac em latim sucede ao de João Clímaco (cf. Amos, 1988-1990, p. 141-145, v. 3).

1.3. Tradição italiana do *Livro de Isaac*

Em relação à tradução latina, o conteúdo da versão italiana do *Livro de Isaac* teria sido aumentado em dois capítulos, às vezes reunidos em um único, atestados nos testemunhos manuscritos e nos impressos. O primeiro deles é intitulado *Degli esempli de la scriptura sacra: gli quali c'inducuno ad penitentia*, e o segundo, *Doctrina utile e generale per monachi et religiosi*.¹⁸

No prefácio da edição italiana de 1720 (p. vi), Buonaventuri reporta o parecer do Monsignor Borghini¹⁹ sobre o “vulgarizador”²⁰ do texto de Isaac. Segundo Borghini, a obra de Isaac teria sido traduzida [para o vulgar – provavelmente o dialeto usado na Toscana²¹] na época de Dante ou em torno dessa época, por uma pessoa simples, que teria empregado uma língua considerada boa e correta, embora sem ornamentos. Contradiz em parte o parecer de Borghini, o comentário feito por Chialà (2000, p. 361), segundo o qual, o italiano do texto de Isaac seria especialmente tratado e apresentaria aliterações e ornamentos ausentes nas versões em latim e em grego. Segundo Chialà (2000, p. 361), esta seria uma razão pela qual os acadêmicos da Crusca teriam estimado a tradução italiana do texto de Isaac como um testemunho da melhor tradição lingüística italiana, tendo patrocinado algumas de suas edições²².

Até o presente momento, tem-se notícia de 27 testemunhos italianos do *Livro de Isaac* supérstites: 23 desses pertencem à tradição manuscrita; e 4, à tradição impressa. A

¹⁸ No ms. *ricc. 1489* da BRF, editado neste trabalho, esses capítulos correspondem ao capítulo 49, último capítulo do texto de Isaac. Já na edição *princeps*, esses correspondem aos capítulos 51 e 52, respectivamente.

¹⁹ Buonaventuri (1720, p. v) afirma ter traduzido esse parecer de uma cópia de um manuscrito antigo feita pelo Senator Filippo Buonarroti. Esse texto conteria muitos pareceres de Borghini e de outros sobre alguns escritores (Buonaventuri usa a expressão *nostri Scrittori*).

²⁰ O “vulgarizador” (*volgarizzatore*) seria aquele que teria feito a tradução da obra de Isaac do latim para o vulgar então utilizado na Itália.

²¹ Chegou-se a essa conclusão a partir da expressão *volgar nostro*, usada por Buonaventuri no prefácio da edição de 1720, e da informação de que esse testemunho foi impresso em Florença.

²² Segundo informou Buonaventuri (1720, p. v), esse texto é identificado como *Collazione dell' Abate Isaac* no Vocabolario degli Accademici della Crusca.

identificação desses testemunhos foi realizada com base em: Buonaventuri (1720, p. v-xii); Cambraia (2000, p. 29), Chialà (2000, p. 360-362); e Vilaça (2004, p. 3-6).

1.3.1. Tradição manuscrita

Dos 23 testemunhos pertencentes à tradição manuscrita, 4 constituem apenas excertos da obra de Isaac de Nínive. São eles: *palat. 99*, 65v-67v, séc. XIV, BNCF; *ricc. 1460*, 39v-50v, séc. XV, BRF²³; *ricc. 1488*, 9v-14, séc. XV, BRF²⁴; *ricc. 1509*, 26v-32v, séc. XV, BRF²⁵. Os demais testemunhos pertencentes à tradição manuscrita são especificados a seguir por ordem cronológica (comprovada ou presumida).

1.3.1.1. Século XIV

O manuscrito *ricc. 1489* da BRF, identificado como ms. *Bargiacchi* por Buonaventuri (1720, p. vi)²⁶ e editado pela primeira vez no presente trabalho, é considerado o mais antigo da tradição italiana por Buonaventuri. Esse códice será descrito com detalhes no capítulo 2;

²³ Em consulta direta ao códice *ricc. 1460* (em julho de 2007), intitulado «Detti e Fatti di Virtù Estratto del Libro dell' Ab. Isac» e identificado por Chialà (2000, p. 360) como continente de um excerto da obra de Isaac, verificou-se que tal excerto, presente entre os fólhos 39v e 50v, não se encontra nos testemunhos italianos editados por Vilaça (2004) nem no ms. editado neste trabalho (*ricc. 1489*), embora se leia no fólho 39v o seguinte título: «Queste parole sono tratte dellibro dellabate Ysaac de la prouincia de siria brieuemente. Autilita de ki le legge:». Considerando a possibilidade de esse excerto pertencer a uma tradição italiana diferente, nada se pode afirmar acerca de sua genuinidade.

²⁴ O excerto presente no códice *ricc. 1488* corresponde ao capítulo XLVIII do ms. *ricc. 1489*.

²⁵ A consulta direta ao códice *ricc. 1509* (em julho de 2007) permitiu notar que o trecho presente entre os fólhos 26v-32v da numeração mecânica não consta dos testemunhos italianos editados por Vilaça (2004) nem do ms. editado neste trabalho (*ricc. 1489*), não obstante o título «<<Detti dellabate Ysac edipiu santi padri>>, evidente no folio 26v. Entretanto, também neste caso, não se pode assegurar que tal excerto seja ou não de autoria de Isaac de Nínive.

²⁶ A identificação desse manuscrito foi possível sobretudo graças a uma nota, presente no fólho 1r do códice *ricc. 1489*, com informações sobre a sua procedência.

por ora, convém salientar que esse é dividido em 51 capítulos, embora dois deles não tenham sido numerados nem intitulados.

O manuscrito *palat. 47* da BNCF foi copiado em tipo gótico (duas colunas por face) em pergaminho; possui rubricas, capitulares iluminadas e anotações nas margens de alguém que possivelmente comparou o texto com outro que possuía uma divisão de capítulos diferente. O *Livro de Isaac* está compreendido entre os fólhos 2r e 39r desse códice e apresenta-se dividido em 51 capítulos.

O manuscrito *ricc. 1384* da BRF, que, de acordo com Gramigni (2004, p. 197), seria o 3º ms. *Riccardi*²⁷, foi descrito como faltoso no princípio e semelhante ao ms. *Bargiacchi* por Buonaventuri (1720, p. ix). O texto de Isaac aparece entre os fólhos 1 e 21v deste códice. No fólho 22v, o trecho “Fa’ che si sappi che l’anno di questa ruota comincia adì XXV di março di 1338” constituiu um *termine ad quem*, isto é, o ms. *ricc.1384* teria sido copiado antes de março de 1338.

O manuscrito *ricc. 1713* da BRF tem como título *Istruzioni del Monaco o Istruzione Morale*. O texto de Isaac contido neste códice não dispõe de índice, nem apresenta divisão e título dos capítulos. Ademais, em relação ao ms. *ricc. 1489*, o ms. *ricc. 1713* mostra-se mutilado em muitas partes. De acordo com Adini (1997, p. 144), tais mutilações impedem a reconstrução da entidade das partes perdidas, o que, por sua vez, impossibilita a identificação da obra.

O manuscrito *palat. 48* da BNCF, embora tenha sido listado por Chialà entre as versões italianas da obra de Isaac (que estaria entre os fólhos 2v e 38v), não corresponde ao conjunto de capítulos que se reconhece como *Livro de Isaac*, isto é, não foi identificado nos testemunhos italianos editados por Vilaça (2004), nem no ms. *ricc. 1489*. Tal contatação foi feita a partir de consulta direta ao códice em junho de 2007. Entretanto, como no caso dos

²⁷ Buonaventuri (1720, p. vi) diz ter se servido de três manuscritos pertencentes ao Marquês Cosimo Riccardi. O editor os identifica como 1º, 2º e 3º mss. *Riccardi*.

excertos presentes nos códices *ricc. 1460* e *ricc. 1509*, o ms. *palat. 48* pode pertencer a outra tradição italiana da obra de Isaac. Sendo assim, até que tal possibilidade seja comprovada, não há como assegurar que o texto do ms. *palat. 48* seja ou não genuíno.

Chialà (2000, p. 360) identificou ainda dois testemunhos italianos atribuídos ao século XIV em Veneza: o manuscrito *it. I 39* (ou 5233)²⁸, fólhos 7v-152, da BNM; e o manuscrito *S. Michele 940*²⁹. Todavia, não foi possível verificar a genuinidade desses testemunhos.

1.3.1.2. Século XV

No códice *plut. 27.15* da BML, o título atribuído ao *Livro de Isaac é Il Libro della Vita Monastica*. Esse testemunho teria sido copiado por duas mãos diferentes, sendo a primeira de 1400 (BUONAVENTURI, 1720, p. vii-viii).

O códice *ricc. 1345* (ou ms. *Salvini*)³⁰ da BRF, que tem como título *Isaac (Volgarizzamento della Collazione dell'Abate) Lettera di S. Caterina. Monte d'Orazione ec.*, foi copiado por Giovanni di Lionardo di Stoldo Frescobaldi em Santo Stefano no ano de 1406. Nesse códice, o texto de Isaac – localizado entre os fólhos 1r e 58r – possuiria muitas lacunas e transposições de palavras, parecendo ter origem em outra vulgarização, segundo Buonaventuri (1720, p. viii).

²⁸ No *Catalogo di codici italiani. Catalogo manoscritto, Classe I* da Biblioteca Marciana (p. 8), esse códice é datável do século XV. De acordo com dados enviados pela Biblioteca Marciana em junho de 2006, esse códice provém da biblioteca dos “Sommaschi di Santa Maria della Salute” em Veneza e encontra-se descrito em Frati & Segarizzi (1909, p. 140).

²⁹ Segundo informoram da Biblioteca Marciana em junho de 2006, a indicação *San Michele 940* remete à biblioteca dos “camaldolesi” de S. Michele di Murano.

³⁰ À época da edição de 1720, o ms. *ricc. 1345* pertencia ao Abade Salvini. Daí ser este identificado por Buonaventuri como ms. *Salvini*.

O manuscrito *ricc. 1495* da BRF tem como título *Isaac, del Disprezzo del Mondo* (fólios 1r-128v). De acordo com Morpurgo (1900, p.504-505), a mão que copiou esse códice é do princípio do século XV.

O 1º manuscrito *Riccardi* seria – conforme a descrição de Buonaventuri (1720, p. viii-ix) – diferente de todos os outros, parecendo ter origem em outra vulgarização. Esse manuscrito seria organizado em sermões (e não em capítulos, como os demais) até o quarto, em seguida teria os capítulos numerados a partir do XVIII até o fim, e divididos quase da mesma forma que os outros códices. Possuiria, ainda segundo Buonaventuri, uma introdução diferente da do ms. *Bargiacchi* e apresentaria, ao lado de palavras obscuras, algum sinônimo ou outra afirmação com o objetivo de tornar o texto inteligível. Essas características, bem como as lições desse ms. citadas por Buonaventuri na última seção da edição de 1720 – denominada *Osservazioni*³¹ –, foram observadas no manuscrito *ricc. 1352* (fólios 3r-46v) da BRF, intitulado *Isaac (Volgarizzamento della Collazione dell'Ab.)*.

O 2º manuscrito *Riccardi* seria, na avaliação de Buonaventuri (1720, p. ix), quase uma cópia do 1º ms. *Riccardi* (ms. *ricc. 1352* da BRF).³² A data de sua cópia (1445) citada por Buonaventuri (1720, p. ix), acrescida pela sua semelhança com o ms. *ricc. 1352*, possibilitaram a sua identificação com o ms. *ricc. 2623* (fólios 8r-201v) da BRF, que apresenta, no fólio 202r, a seguinte anotação: “sp scriptto nel M cccc^o xlv adi xv di febraio per mano duna mona dimonticelli”.

No códice *canon. 271* da BL, o *Livro de Isaac* está compreendido entre as páginas 136 e 167 e tem como título *Il Libro dell'Abate Isaac di Siria, 'volgarizzato'*. A nota que precede esse manuscrito atesta que o processo de cópia começou em 1464. De acordo com

³¹ Na seção *Osservazioni*, Buonaventuri apresenta lugares-críticos identificados no confronto que diz ter feito entre os mss. que contêm os textos de Isaac por ele consultados.

³² A consulta direta a esse códice permitiu verificar que a sua introdução é idêntica à encontrada no ms. *ricc. 1352* (1º manuscrito *Riccardi*).

Mortara (1864), esse manuscrito apresenta 49 capítulos no índice, mas o texto termina no meio do 45º capítulo.

No códice *canon. 163* da BL, o texto de Isaac, intitulado *Il Libro dell'Abate Isaac di Siria, volgarizzato dal latino*, ocupa as páginas de 1 a 136 e é dividido em 49 capítulos (MORTARA, 1864).

Pertenceriam ainda ao século XV, segundo Chialà (2000, p. 360), os códices: *II, IX 135*, páginas 12 a 98, da BNCF; *it. I 43* (ou 5234), fólhos 1 a 226v, e *it. I 63* (ou 4898), páginas 1 a 32, ambos da BNM³³; e *144* localizado em Vicenza. Entretanto, a genuinidade seja desses códices seja dos da BL anteriormente mencionados não pôde ser comprovada.

1.3.1.3. Século XVI

Ao século XVI é atribuído apenas o manuscrito *ital. 2* (fólhos 57 a 99) da BU na *Pennsylvania*. Também a esse códice não se pôde ter acesso.

Por fim, vale mencionar a existência de dois manuscritos que ainda não foram localizados e que podem ou não corresponder a algum dos manuscritos dos quais se conhece somente a cota. São eles: o ms. *Guadagni*, consultado por Buonaventuri; e o ms. *Zanotti*, utilizado por Bartolomeo Sorio na edição de 1845. De acordo com Buonaventuri (1720, p.vi), o ms. *Guadagni* teria pertencido a Piero del Nero e, no momento em que o prefácio da edição de 1720 foi escrito, pertencia ao Senador Gio. Batista Guadagni. Buonaventuri (1720, p. vii)³⁴

³³ Conforme informações enviadas pela Biblioteca Marciana em junho de 2006, os códices da BNM – o 5234 e o 4898 – provêm, respectivamente, da biblioteca de S. Nicola di Tolentino em Veneza, e da coleção particular de Iacopo Morelli, bibliotecário da BNM entre 1778 e 1819. Esses códices encontram-se descritos em Frati & Segarizzi (1909, p. 142-143, 162-163).

³⁴ Algumas lições do ms. *Guadagni* foram referidas por Buonaventuri (1720) na seção *Osservazioni*. Tais lições poderão facilitar a identificação desse manuscrito em futuras análises dos códices já localizados e de outros que, porventura, possam ser descobertos.

afirma que esse manuscrito seria de considerável antiguidade e muito semelhante ao ms. *ricc. 1489*, entretanto, teria sido copiado por alguém de “tempo inferior” que teria “corrigido” o que considerava como erro, além de apresentar um texto que teria sido deteriorado/danificado e corrompido.³⁵ Já sobre o manuscrito *Zanotti*, sabe-se apenas ser datado de 1454.

O quadro 1 mostra a correspondência entre as informações obtidas até então acerca dos 23 testemunhos italianos manuscritos do *Livro de Isaac*, a partir das informações contidas no prefácio do testemunho impresso em Florença (BUONAVENTURI, 1720, p. v-xii); em Chialà (2000, p. 360-362); e na lista enviada pela BRF em maio de 2005.

³⁵ Buonaventuri (1720, p. vii) assinala que, se não apresentasse tais “falhas, o ms. *Guadagni* teria sido eleito como o testemunho de maior estima e prestígio, e, por isso, tomado como exemplar de colação para a edição por ele preparada.

QUADRO 1

Cruzamento das informações sobre os testemunhos manuscritos italianos do *Livro de Isaac*

	Buonaventuri (1720)	Chialà (2000)	BRF (2005)
1.	Carlo Dati > Niccolò Bargiacchi	<i>Firenze</i> , Bibl. Riccard. 1489, 4-155v, séc. XIV	<i>Firenze</i> , Bibl. Riccard., 1489, Collazioni, séc. XIV
2.	Libreria Medicea-Laurenziana, Banco 27 n° 15	<i>Firenze</i> , Bibl. Laur. Plut. XXVII 15, 29-80, séc. XIV	
3.	Abate Anton Maria Salvini, a. 1406	<i>Firenze</i> , Bibl. Riccard. 1345, 1-58 (a. 1406)	<i>Firenze</i> , Bibl. Riccard., 1345, Collazioni volgarizzate, séc. XV
4.	Marchese Cosimo Riccardi (1)	<i>Firenze</i> , Bibl. Riccard. 1352, 1-46v, séc. XV	<i>Firenze</i> , Bibl. Riccard., 1352, Collazioni volgarizzate, séc. XV
5.	Marchese Cosimo Riccardi (2), a. 1445		<i>Firenze</i> , Bibl. Riccard., 2623, Opere. Dell'anima, séc. XV
6.	Marchese Cosimo Riccardi (3)	<i>Firenze</i> , Bibl. Riccard. 1384, 1-21v, séc. XIV	<i>Firenze</i> , Bibl. Riccard., 1384, Collazioni. De disprezzo del mondo, séc. XIV
7.		<i>Firenze</i> , Bibl. Riccard. 1460, 39v-50v, séc. XV	<i>Firenze</i> , Bibl. Riccard., 1460, Detti e Fatti di Virtù, tratti dal Libro dell'abate Isaac, séc. XV
8.		<i>Firenze</i> , Bibl. Riccard. 1495, 1-128v, séc. XV	<i>Firenze</i> , Bibl. Riccard., 1495, Del disprezzo del mondo, membr, séc. XV
9.		<i>Firenze</i> , Bibl. Riccard. 1509, 26v-32v, séc. XV	<i>Firenze</i> , Bibl. Riccard., 1509, Detti, chart, séc. XV
10.			<i>Firenze</i> , Bibl. Riccard., 1713, Istruzioni del Monaco, séc. XIV
11.		<i>Firenze</i> , Bibl. Naz. Palat. 99, 65v-67v, séc. XIV	
12.		<i>Firenze</i> , Bibl. Riccard. 1488, 9v-14, séc. XV (João Saba)	
13.		<i>Firenze</i> , Bibl. Naz. Palat. 47, 1-38, séc. XIV	
14.		<i>Firenze</i> , Bibl. Naz. Palat. 48, 1-66v, séc. XIV	
15.		<i>Firenze</i> , II, IX 135, 12-98, séc. XV	
16.		<i>Oxford</i> , Bodleian Lib. Canon. 163, 1-136, séc. XV	
17.		<i>Oxford</i> , Canon. 271, 136-167 (a. 1464)	
18.		<i>Pennsylvania</i> , Bibl. Univ. Ital. 2, 57-99, séc. XVI	
19.		<i>Venezia</i> , Bibl. Marciana it. I 39 (ou 5233) 139, 7v-152, séc. XIV	
20.		<i>Venezia</i> , Bibl. Marciana it. I 43 (ou 5234), 1-226v, séc. XV	
21.		<i>Venezia</i> , Bibl. Marciana it. I 63 (ou 4898), 1-32, séc. XV	
22.		S. Michele 940, séc. XIV	
23.		<i>Vicenza</i> , 144, séc. XV	

1.3.2. Tradição impressa

A edição de 1500 publicada em Veneza por Bonetum Locatellum Presbyterum constitui a primeira edição impressa (edição *princeps*) da tradução italiana da obra de Isaac de Nínive. Esse testemunho, gravado em caracteres de tipo gótico e composto por oito quaternos e um térmio (a-h⁸, i⁶), é intitulado *Il Libro de l'Abate Isaac de Syria de la Perfectione de la Vita Contemplativa*. Embora considerado “muito raro” (ZAMBRINI, 1929, p.525), sabe-se haver exemplar desse testemunho: na Bibliothèque Nationale de France (cota: D- 80067); na Biblioteca Nazionale Napoletana (cota: II.A.5); nas bibliotecas americanas BMawrCL (Bryn Mawr College, Marjorie Goodheart Medieval Library, Bryn Mawr PA), BPubL (Boston Public Library, Boston, Mass), LC (Library of Congress, Rare Book Division, Washington DC), YUL (Yale University Library, New Haven CT); e na B. M.³⁶, com cota 4404.d. Descrições dessa edição podem ser encontradas em Reichling (1905, p. 157), Copinger (1950, p. 335) e Goff (1973, p. 333). Há uma edição paleográfica desse testemunho realizada por Vilaça em 2004.

Em 1720, aproximadamente dois séculos depois da primeira edição, Tommaso Buonaventuri, convicto de estar trazendo a lume um texto inédito, publicou a tradução italiana do *Livro de Isaac* em Florença com o título *Collazione dell'Abate Isaac, e Lettere del Beato Don Giovanni dalle Celle, Monaco Vallombrosano, e d'Altri*. O editor teria se servido de sete testemunhos da tradição manuscrita (ms. *Bargiacchi*, ms. *Guadagni*, ms. *plut. 27.15* da *Biblioteca Medicea-Laurenziana*, ms. *Salvini*, e três mss. do Marquês *Riccardi*) para conduzir o texto à sua “versão genuína”, tomando como texto-base o manuscrito *Bargiacchi* (ms. *ricc. 1489*). Também esse testemunho foi paleograficamente editado por Vilaça em 2004.

³⁶ O código B.M., citado por Copinger (1950, p. 335), não foi identificado.

A terceira edição é de 1839 e foi publicada em Milão por Giovanni Silvestrini com o título *Del Dispregio del Mondo: Collazione dell'Abate Isaac e Lettere del Beato Giovanni dalle Celle e di altri*. Segundo Chialà (2000, p. 361), essa edição, incluída na coleção *Biblioteca Scelta di Opere Italiane Antiche e Moderne*, reproduziria a florentina, com um único acréscimo: uma nota que precede o prefácio da edição florentina. Nessa nota, confirma-se que a edição de 1720 é obra de Buonaventuri (e não de Bottari e Biscioni) e revela-se o autor das *Osservazioni* (seção que sucede o texto de Isaac seja na edição de 1720 seja na de 1839): Anton Maria Salvini.

Pouco tempo depois, em 1845, a quarta edição foi publicada em Roma, patrocinada pela Accademia della Crusca e preparada por Bartolomeo Sorio, com o título *Collazione dell'Abate Isaac recata alla sua vera lezione con l'aiuto ed autorità del testo latino stampato a Venezia nel MDVI., col. ms. Zanotti del MCCCCLIV. e la stampa di Venezia del MD. e in questa biblioteca messa a stampa per cura del P. Bartolomeo Sorio*. Trata-se de uma reedição do testemunho de 1720, para a qual foram usados: a edição latina de 1506, o ms. *Zanotti* (1454) e a edição *princeps* de 1500. Esse testemunho foi publicado como parte da coleção *Biblioteca Classica Sacra o sia Raccolta di Opere Religiose di Celebri Autori Edite ed Inedite dal Secolo 14. al 19.*³⁷

De acordo com Chialà (2000, p. 362), a obra de Isaac também foi publicada em uma antologia preparada por Guala-Campello (1957). Nessa publicação, a tradução usada teria sido a mesma da edição de 1845. Entretanto, a autora atribuiu a *Collezione dell'Abate Isaac* a Isaac de Espoleto e não ao ninivita.

Ademais, sabe-se ter havido duas novas traduções para o italiano a partir do texto siríaco: a de Gallo & Bettiolo (*Isacco di Ninive. Discorsi Ascetici / 1, l'ebbrezza della fede*. 1984), que conteria a metade da *Primeira Parte* (38 capítulos), seguindo a numeração da

³⁷ A Accademia della Crusca teria publicado a obra em dois formatos: um primeiro formato em dois volumes, e um segundo formato em volume único na *Biblioteca Classica Sacra*, século XIV, tomo III (CHIALÀ, 2000, p. 362).

edição de Bedjan e da tradução em inglês de Wensinck (1923, reimpr. 1969); e a de Bettiolo (*Isacco di Ninive. Discorsi Spirituali*. 1985)³⁸, que apresentaria o terceiro capítulo da *Segunda Parte*, traduzido do manuscrito siríaco *syr.e. 7* da Bodleian de Oxford.

Para esclarecer a correspondência entre os capítulos dos testemunhos da *Primeira Parte* da obra de Isaac que estariam diretamente relacionados à tradição italiana dessa obra, confira-se o quadro 2, elaborado com base nos dados obtidos em Cambraia (2000, p. 31-32) e em Chialà (2000, p. 366-369). Os testemunhos de referência são: a) **siríaco** (tradição oriental): edição de Bedjan (1909); b) **siríaco** (tradição ocidental): numeração usada por Miller (1984) e Brock (1995) nas concordâncias por eles estabelecidas; c) **grego**: antiga numeração dos manuscritos indicada por Miller (1984) e Brock (1995); d) **latim**: ms. *plut. 89 sup. 96* da BML; e) **latim**: edição de Migne (1865); f) **italiano** (tradição manuscrita): ms. *ricc. 1489*; g) **italiano** (tradição impressa): edição de 1500. Note-se, especialmente, nesse quadro, a equivalência de conteúdo entre o ms. latino *plut. 89 sup. 96* da BML e os testemunhos da tradição italiana.

³⁸ Essa edição foi revista e ampliada em 1990.

QUADRO 2

Correspondência entre os capítulos de testemunhos da *Primeria Parte* da obra de Isaac

SIRÍACO		GREGO	LATIM		ITALIANO	
Or.	Oc.	Ant.	ms. <i>plut. 89 sup. 96</i> ³⁹	Migne (1895)	ms. <i>ricc. 1489</i>	ed. 1500
1	1	1	-	-	-	-
2	2	2	-	-	-	-
3	3	3-4	-	-	-	-
4	4	5	1 [1-10]	1-10	1-7	1-7
5	5	6	2 [11-16]	11-13	8-12	8-12
6	6	7	3 [17-26]	14-17	13-16	13-16
7	7	15	[41-42]	27	28-29	28-29
8	8	8	[35]	21-23	23	23
9	9	9	-	-	-	-
10	10	10	-	-	-	-
11	11	11	[36]	24	24	24
12	12	14	[40]	26	27	27
13	13	12	[37]	25a	25	25
14	14	13	[38-39]	25b-Ø	26	26
15	15	19	[28-29]	20	18	18
16	16	20	[44]	30	31	31
17	17	21	[45-46]	31	32	31
18	18	22	-	-	-	-
19	19a	-	-	-	-	-
20	19b	-	-	-	-	-
21		-	-	-	-	-
22	20	23	-	-	-	-
23	21	-	-	-	-	-
24	22	-	-	-	-	-
25	23	26	-	-	-	-
26	24	-	-	-	-	-
27	25	27	-	-	-	-
28	26	28	-	-	-	-
29	27	-	-	-	-	-
30	28	24	-	-	-	-
31	29	-	-	-	-	-
32	30	30	[50]	32	34	34
33	31	31	[51-52]	33	35	35
34	32	32	[53-54]	34-35	36	36
35	33	33-34	4 [27]	18-19	17	17
36	34	25	-	-	-	-
37	35	35a	-	-	-	-
38	36	35b-36	Ø-[55]	36-37	Ø-37	Ø-37
39	37	37	[56-61]	38-43	38-42	38-42

³⁹ A divisão em capítulos do ms. *plut. 89 sup. 96* não apresenta numeração clara: há a numeração de 4 *sermones* iniciais que depois deixa de ocorrer. Para permitir a referência aqui, atribuiu-se um número entre colchetes para cada seção que se inicia com capitular.

40	38	38	[62-64]	44-47	43-44	43-44
41	39	39	-	-	-	-
42	40	40	-	-	-	-
43	41	41	[65-66]	48	45-46	45-46
44	42	42	[67]	49-50	47a	47
45	43	43a	[68-69a]	51	47b	48-49a
46	44	43b	[69b]	52	47c	49b
47	45	44	-	-	-	-
48	46	46	-	-	-	-
49	-	-	-	-	-	-
50	47	47-48	-	-	-	-
51	48	49	-	-	-	-
52	49	53	-	-	-	-
53	50	54-55	-	-	-	-
54	-	-	-	-	-	-
55	51	56	-	-	-	-
56	-	-	-	-	-	-
57	52	58	-	-	-	-
58	53	59	-	-	-	-
59	55	60	-	-	-	-
60	56	61	-	-	-	-
61	57	62	-	-	-	-
62	58	63	-	-	-	-
63	59	64	-	-	-	-
64	54	57	-	-	-	-
65	60	65	-	-	-	-
66	61	66	-	-	-	-
67	62	67a	-	-	-	-
68	63	67b	-	-	-	-
69	64	68	-	-	-	-
70	65	69	-	-	-	-
71	-	-	-	-	-	-
72	66	70	-	-	-	-
73	67	71	-	-	-	-
74	68	72	-	-	-	-
75	-	-	-	-	-	-
76	-	-	-	-	-	-
77	69	73	-	-	-	-
78	70	74	-	-	-	-
79	71	75	-	-	-	-
80	72	76	-	-	-	-
81	74	78-79	-	-	-	-
82	73	77	-	-	-	-
-	-	-	[30-34]	Ø	19-22	19-22
-	-	-	[43]	28-29	30	29
-	-	-	[47-49]	Ø	33	32
-	-	-	[70-71]	53-Ø	48-49	50-52

1.4. Doutrina do *Livro de Isaac*

De acordo com Chialà (2000, p. 43), Isaac de Nínive teria escrito, ou ditado, os seus textos a uma comunidade de discípulos, que as fontes colocam na montanha de Matout, na região de Bet Huzaye. Embora os tenha destinado a monges, tais discursos teriam sido lidos e meditados por pessoas que viviam outra forma de vida cristã. Chialà (2000, p. v) afirma ainda que o ensinamento de Isaac representa um dos fundamentos da teologia espiritual, particularmente monástica, seja do oriente cristão, seja, ainda que em menor proporção, do ocidente.

Com relação ao excerto da obra Isaac identificado como *Livro de Isaac*, apesar se tratar de uma série de capítulos aparentemente desarticulados, pode-se traçar um esboço da doutrina por eles exposta. Visto que não se encontra entre os objetivos desta pesquisa uma análise do texto de Isaac, apresentar-se-á nesta seção, de forma breve, as idéias fundamentais veiculadas pelo *Livro de Isaac*, com base na sistematização feita por Cambraia (2000, p. 43-56) a partir da proposta de Khalifé-Hachem (1971, cols. 2042-2050).

A doutrina presente no *Livro de Isaac* tem por objetivo orientar o monge em seu caminho em direção a Deus. Esse caminho, denominado “conuersatione monastica” (Is. 3265-3266), é um processo composto por três etapas: “conuersatione corporale”; “conuersatione del animo”; e “conuersatione spirituale”.

A “conuersatione corporale” seria a purificação do homem da sujeira carnal: “Laconuersatione corporale chesecondo idi(o). e appellata operatione corporale Laquale si fa per purgatione delacarne in actione uirtuosa dopere manifeste in se medesim(e) nelequali si p(ur)ga luomo delaimmonditia delacarne.” (Is. 5062-5069). Nessa etapa, o jejum é a prática fundamental:

Ildigiuno eguernimento dogne uirtude *et* cominciamento di pugna *et* corona *dicontinentj et* bellezza diuirginitade *et* disantitade *et* splendore dicastitade *et* principio dela uia *christiana et* madre doratione *et* fonte disapientia *et* maestro ditranquillitade. Laqual cosa auanza ogne bene (Is. 2090-2097).

A “conuersatione del animo” depende da “conuersatione corporale”: “**S**icome. nelanatura emeglio *lanima* chelcorpo *et* sicome Laplasmatione e prima chel *animation(e)* **C**osi lopere corporali sono prima chel *operatione delanima*” (Is. 5776-5780). Passa-se, pois, da batalha externa (corporal) para a interna (do coração e da alma). Nessa segunda etapa, a alma e o coração devem ser aprimorados e afastados da comunhão com a vida confusa, que é contra a natureza, pela justiça de Deus e pela oração contínua:

Laconuersatione del *animo* e *operatione* diquore Laquale sifa *continuamente* insolitudine di dirittura cioe digiustitia didio *et* degiudicij suoi *et* anche e oratione continua diquore *et* *econsideratione* deladispensatione *et* cura didio *in questo* mondo *intutte* lecriature *ingenero et* in par ticolare *et* guardasi daliuitii. occulti ad cio chenulla cosa uitiosa entrinelaregione occulta *et* spirituale **Q**uestaeoperatione diquore *et* eappellata conuersatione danimo **N**elopera delaconuersatione **L**aquale opera e acto danima sisuttiglia ilquore *et* dipartesi dalacomunione delautita confusa laquale e contra natura (Is. 5069-5086).

A purificação da alma nasce no homem a partir do choro: “**D**alpianto uiene luomo allamonditia *delanima*” (Is. 2513-2515). Assim, as lágrimas sinalizam a superação da batalha corporal (i. é., “la pugna desensi”):

Quando l(a)*gratia* comincerà ad aprire gliocchi tuoi ad *intendere* lacontemplatione delecose *inueritade* allora *immantenente* cominceranno glocchi tuoi ad uersare *lagrime* come fiume **S**ichemolte uolte *perlabundantia* delelagrime silauino leguanze tue *et* allora sicessa la pugna desensi *et* ritrasi dentro (Is. 320-327).

Após o derramamento das lágrimas, passa-se à “conuersatione spirituale” – o mais alto grau da “conuersatione monastica” –, marcada pelo nascimento do “homo nouello”, o “figluolo spirituale”:

Quando tu sarai *peruenuto* alla regione delelagrime dette. allora sappie che la mente tua euscita *delacarcere* diquesto mondo *et* ae posto ilpie suo.

nela uia del *homo nouello et aecominciato ad odorare laire del secolo mirabile et nuouo et allora comincia lamente ad fondere lacrime. Impero chessa comincia il dolore del parto del figliuolo spirituale.* (ls. 3374-3382).

Nessa etapa, antige-se, por dom do Espírito Santo, o “cognoscimento spirituale”, que é a compreensão das coisas ocultas. Dessa compreensão, nasce uma outra crença, a “contemplatione”:

Il cognoscimento spirituale e comprehendimento de le cose occulte **Et quando.** Uomo comprende queste cose inuisibili et alte allora per queste cose edecto chabbia cognoscimento spirituale **Et** nel riceuere di questo cognoscimento nasce un altro credere il quale non e contral primo macerti fichalo il quale echiamato credere di *contemplatione.* (ls. 5419-5428)

Entretanto, o fato de ter iniciado a “conuersatione spirituale” não indica que a “conuersatione monastica” tenha chegado ao fim, pois ninguém atinge a sabedoria plena neste mundo: “**I**mpero chel termine dela sapientia non ae fine” (ls. 1784-1785). Dessarte, o propósito da “conuersatione monastica” é a preparação para a vida após a morte, a “uita eterna”, o “mondo/secolo ad uenire”:

[...] tuo creatore che fece doppio mondo per te Vno ne fece temporale **ad** cio che fosse tuo gastigatore et ammaestratore. Laltro fece sicome tua masgione paterna et heredita tua eternale Vno ne fece nel tempo presente. Laltro che ad uenire (ls. 920-925)

Et cosi il monacho in quello cotanto chae ad sta(r)e in questa uita. disidera il secolo che dee uenire. (ls. 5597-5599)

Allora trouerai tu uita eterna quando tu non tichurerai di questa **Quando.** tu enterrai dentro ad questo cotalle apparecchiamento allora aurai incontento ne glocchi tuoi tutte le cose faticose et chesono riputate chedeano tribolationi. (ls. 1932-1937)

CAPÍTULO 2

DESCRIÇÃO CODICOLÓGICA E PALEOGRÁFICA DO CÓD. *RICC. 1489*

2.1. Identificação

No fólio 1r do códice *ricc. 1489*, há uma nota na qual se afirma que esse manuscrito pertencera ao florentino Carlo Dati (1619-1676)⁴⁰, que anotou seu nome acadêmico da Crusca – SMARRITO – na margem de pé do fólio 4r, e posteriormente ao Abade Niccolò Bargiacchi, tendo sido usado em seguida na edição do testemunho impresso em 1720 em Florença.⁴¹ No prefácio dessa edição, o editor, Tommaso Buonaventuri, afirma ter eleito o ms. *ricc. 1489* como exemplar de colação por considerá-lo o testemunho melhor, o mais correto e o mais antigo de todos os que ele tinha à disposição (BUONAVENTURI, 1720, p. vi). Atualmente esse códice se encontra na seção “Mss. d’ Autori Classici Italiani etc” da Biblioteca Riccardiana (BRF) em Florença.

2.2. Descrições prévias

Apesar de o *Libro dell’Abate Isaac di Siria* presente no códice *ricc. 1489* nunca ter sido editado, esse códice já foi objeto de descrições anteriores, especialmente por causa do

⁴⁰ Carlo Roberto Dati foi secretário da Accademia della Crusca (fundada em 1582-1583), tendo promovido a terceira edição do *Vocabolario* (que seria publicada em 1691) e escrito um *Discorso dell’obbligo di ben parlare la propria lingua* (1657), no qual defendia rigidamente a primazia do florentino em relação aos demais dialetos italianos (cf. estas e outras informações sobre Carlo Dati e sua obra em IMSS (2006)).

⁴¹ Essa nota foi transcrita no item B da seção 2.3.7 deste trabalho.

seu aparato ilustrativo. Sendo assim, sob perspectivas e abrangências diferentes, oferecem descrição desse códice ou a ele se referem: Buonaventuri (1720, p. vi-vii); Manni (1735, p. XV, 192-193); *Inventario e Stima della Libreria Riccardi. Manoscritti e edizioni del secolo XV* (1810, p. 33); Rigoli (*ca.* 1794-1810, p. 1072); Morpurgo (1900, p. 500); Lopez (1913, p. 165); Zambrini (1929, p. 562); Salmi (1954, p. 37, tav. XIIIb); Scuricini Greco (1958, p. 226-228); Giovè & Zamponi (1997, p. 331); Lazzi (1999, p. 257-259); Gramigni (2004, p. 70, 142, 273-279); Frugoni (2005, p. 74-75); Frugoni (2006, p. 153, 148 e 239).

2. 3. Descrição codicológica atualizada

Para a descrição a seguir, tomaram-se por base as informações apresentadas pelas obras citadas na seção precedente. Entretanto, tais informações foram atualizadas a partir da consulta ao original na sala de leitura de manuscritos da Biblioteca Riccardiana de Florença no período de 25 de junho a 12 de julho de 2007. A descrição foi orientada, em essência, pelo “Guia Básico de Descrição Codicológica” proposto por Cambraia (2005, p. 28).

2.3.1. Datação

No códice *ricc. 1489* da BRF, não há nenhuma informação explícita quanto à data da cópia dos textos que contém. No entanto, Gramigni (2004, p. 276) atestou que os fólios desse códice são, em grande parte, palimpsestos de documentos notariais, cuja *scriptio inferior* se caracterizaria por traços paleográficos da primeira metade do século XIV. Embora a *scriptio inferior* se apresente, segundo o autor, dificilmente legível e não ofereça particulares elementos de datação, ele registra a leitura de algumas informações: no fólio 3r, a escrita <die

secundo>, que continua na margem superior do fólho 10r <*menses maii*>; no fólho 9r, o adjetivo <*florentini*>; no fólho 38r, o nome <*Guido fi[lius] Filippi*>; na parte superior fólho 113r, um *signum* notarial.

Nos catálogos e estudos citados na seção anterior, a datação desse códice oscila entre os séculos XIV e XV. Buonaventuri (1720, p. vi) estima que o códice tenha sido copiado no “buon secolo”, expressão que parece se referir ao século XIV. Manni (1735, p. XV) e Frugoni (2006, p. 148) o situam na metade do século XIV. Manni é ainda mais preciso ao propor o ano de sua feitura – 1350 – , baseando-se na formação do caractere. Giovè & Zamponi (1997, p. 331) circunscrevem o códice ao fim do século XIV. Morpurgo (1900, p. 500), Lopez (1913, p. 165) e Scuricini Greco (1958, p. 227) também o localizam no século XIV, sem mencionar, no entanto, em qual período desse século. Lazzi (1999, p. 257), igualmente imprecisa, enquadra o códice no fim do século XIV/início do XV. Já no *Inventario e Stima della Libreria Riccardi. Manoscritti e Edizioni del Secolo XV* (1810, p. 33) e em Rigoli (*ca.* 1794-1810, p. 1072), o códice é datável do século XV. Gramigni (2004, p. 275), por sua vez, assegura que a produção desse códice se aproximaria à metade do século compreendido entre 1350 e 1450, proposta que o autor justifica pela semelhança gráfica entre o códice em questão e os códices *ricc. 1268* e *ricc. 1394* da BRF.

2.3.2. Lugar de origem

Com relação ao local em que o códice *ricc. 1489* teria sido copiado, há até então duas possibilidades: Florença ou Pisa. Manni (1735, p. XV), na introdução do quarto tomo da obra *Vite di Alcuni Santi Scritte nel Buon Secolo della Lingua Toscana*, afirma reportar nessa obra uma tradução do texto de São Boaventura sobre a vida de São Francisco de Assis presente em

dois códices possuídos por Bargiacchi, um dos quais seria o *ricc. 1489* da BRF⁴². O autor supõe que esse códice tenha sido copiado por um pisano (e não por um florentino), devido à presença de desinências em <-i> em muitas palavras que os florentinos terminariam em <-e>.⁴³

Por outro lado, de acordo com Lazzi (1999, p. 257), a presença dos santos Zanobi e Reparata na ladainha (fólios 156r-159v), as características do colorido lingüístico e – em menor escala – do estilo da decoração sugerem que o códice tenha sido produzido em ambiente florentino. Scuricini Greco (1958, p. 228) assegura que as miniaturas presentes no códice o incluem na escola florentina do século XIV. Entretanto, um pouco adiante, a autora comenta que a impostação da miniatura do fólio 9v (São Francisco recebendo os estigmas) remete a contatos com a pintura da época e mais particularmente com quadros feitos em Pisa.

Dada a falta de concordância entre as informações obtidas, a questão do lugar de origem do códice *ricc. 1489* carece de um estudo mais aprofundado. Um primeiro passo seria uma caracterização codicológica, paleográfica, lingüística e iconográfica de códices produzidos nas duas cidades no mesmo período (fim do século XIV/início do XV). Em seguida, um confronto entre os dados obtidos e as características do códice *ricc. 1489* possibilitaria identificar com maior segurança a cidade em que esse teria sido copiado.

2.3.3. Suporte material

O códice é composto por 168 fólios: 162 em pergaminho e 4 em papel. De acordo com exame feito por estudiosos da BRF em setembro de 2007 considerando a disposição dos

⁴² O outro códice teria sido copiado por Simone di Dino Brunaccini (do povo de São Romeo de Florença) em 10 de fevereiro de 1393. Segundo Gramigni (2004, p. 274), trata-se do atual códice *ricc. 1287* da BRF.

⁴³ No original: “[...] sembra scritto anzi da un Pisano, che da un Fiorentino, per le desinenze, che ha in I in molte voci, che noi in E terminiamo.” (MANNI, 1735, p. XV)

folículos, o pergaminho utilizado seria proveniente de pele de cabra. A espessura dos fólhos de pergaminho é bastante variável; quanto à coloração, a face carne apresenta um tom de bege, e a face pêlo, um marrom amarelado. Como já mencionado no item 2.3, Gramigni (2004, p. 276) constatou que os fólhos são, em sua maioria, palimpsestos. A esse respeito, o autor assegura que o aproveitamento de suporte material produz cadernos com a espessura dos fólhos e a distância cromática entre as faces pêlo e carne muito variáveis.

De forma geral, os fólhos se encontram em bom estado de conservação, embora alguns deles tenham tido parte da margem rasgada ou desgastada⁴⁴ ou apresentem buracos.⁴⁵ Uma particularidade pode ser notada no fólho 159: um rasgo cosido com linha (4 pontos)⁴⁶. Além disso, percebe-se uma fita adesiva de reforço colocada sob a costura do singulário em pergaminho (entre os fólhos 1v e 2r).

2.3.4. Encadernação

Os fólhos em papel, com uma dobra apenas, formam singulários, um anterior e outro posterior ao texto, que funcionam como guardas da encadernação atual, refeita na primeira metade do século XX (segundo informaram da BRF em 2005). A capa do códice possui as faces formadas por dois quadrantes de papelão, sendo as faces externas e o lombo revestidos por um pergaminho mais espesso, de coloração bege e textura lisa. A primeira capa mede 157 x 107mm e o lombo, 155 x 30mm. Não há texto nem decoração na capa. No lombo do códice, não há nervos nem texto.

⁴⁴ Cf. notas de pé dos fólhos 17r, 26r, 31r, 69r, 74r, 101r e 141r da edição paleográfica (cap. 3 deste trabalho).

⁴⁵ É o caso dos fólhos 1, 2, 10 e 154. De acordo com Gramigni (2004, p. 275), os buracos encontrados nos fólhos 1 e 2 são o resultado da ação de carunchos.

⁴⁶ Segundo Gramigni (2004, p. 276), trata-se de uma costura da mesma época do texto. Presume-se, no entanto, que tal costura tenha sido feita antes da cópia do texto, já que, mesmo encontrando-se dentro da mancha, a área ocupada pela costura foi transposta pelo copista.

Em cada bifólio, observam-se 4 pequenos furos que marcam o local por que passa a linha da costura dos cadernos, formando dois nervos (duas carreiras de nós alinhados), como já assinalado por Gramigni (2004, p. 275). Outros dois furos são notados irregularmente ao lado dos dois furos externos, deslocados para a parte interna do fólio. Na margem externa de muitos fólios, há pequenos furos regularmente espaçados. De acordo com Gramigni (2004, p. 276), o instrumento utilizado produziu furos de seção mais ou menos circular, feitos normalmente sobre o *recto* desses fólios.

2.3.5. Composição

Excetuando-se os já mencionados singulários em papel, o códice é composto por um singulário e 20 quaternos (1², 2-21⁸) em pergaminho. Os fólios medem 145mm de altura com a largura variando entre 100 e 120mm.

Para melhor visualizar a constituição dos cadernos, elaborou-se o quadro 3, no qual é identificada a composição desses, pela ordem em que estão dispostos no códice, segundo o método de descrição proposto por Lemaire (1989, p. 151-152) e efetivamente aplicado por Cambraia (2000, p. 67).

QUADRO 3
Composição dos cadernos do códice *ricc. 1489*

<i>n° cad.</i>	<i>r fól. v</i>								
I				c 1 p/	p 2 c				
II	c 3 p	p 4 c	c 5 p	p 6 c/	c 7 p	p 8 c	c 9 p	p 10 c	
III	c 11 p	p 12 c	c 13 p	p 14 c/	c 15 p	p 16 c	c 17 p	p 18 c	
IV	c 19 p	p 20 c	c 21 p	p 22 c/	c 23 p	p 24 c	c 25 p	p 26 c	
V	c 27 p	p 28 c	c 29 p	p 30 c/	c 31 p	p 32 c	c 33 p	p 34 c	
VI	c 35 p	p 36 c	c 37 p	p 38 c/	c 39 p	p 40 c	c 41 p	p 42 c	
VII	c 43 p	p 44 c	c 45 p	p 46 c/	c 47 p	p 48 c	c 49 p	p 50 c	
VIII	c 51 p	p 52 c	c 53 p	p 54 c/	c 55 p	p 56 c	c 57 p	p 58 c	
IX	c 59 p	p 60 c	c 61 p	p 62 c/	c 63 p	p 64 c	c 65 p	p 66 c	
X	c 67 p	p 68 c	c 69 p	p 70 c/	c 71 p	p 72 c	c 73 p	p 74 c	
XI	c 75 p	p 76 c	c 77 p	p 78 c/	c 79 p	p 80 c	c 81 p	p 82 c	
XII	c 83 p	p 84 c	c 85 p	p 86 c/	c 87 p	p 88 c	c 89 p	p 90 c	
XIII	c 91 p	p 92 c	c 93 p	p 94 c/	c 95 p	p 96 c	c 97 p	p 98 c	
XIV	c 99 p	p 100 c	c 101 p	p 102 c/	c 103 p	p 104 c	c 105 p	p 106 c	
XV	c 107 p	p 108 c	c 109 p	p 110 c/	c 111 p	p 112 c	c 113 p	p 114 c	
XVI	c 115 p	p 116 c	c 117 p	p 118 c/	c 119 p	p 120 c	c 121 p	p 122 c	
XVII	c 123 p	p 124 c	c 125 p	p 126 c/	c 127 p	p 128 c	c 129 p	p 130 c	
XVIII	c 131 p	p 132 c	c 133 p	p 134 c/	c 135 p	p 136 c	c 137 p	p 138 c	
XIX	c 139 p	p 140 c	c 141 p	p 142 c/	c 143 p	p 144 c	c 145 p	p 146 c	
XX	c 147 p	p 148 c	c 149 p	p 150 c/	c 151 p	p 152 c	c 153 p	p 154 c	
XXI	c 155 p	p 156 c	c 157 p	p 158 c/	c 159 p	p 160 c	c 161 p	p 162 c	

Legenda: *r* = *recto*; *v* = *verso*; *c* = face carne; *p* = face pêlo; */* = costura.

Como se pode observar no quadro 3, todos os cadernos foram montados de acordo com a Lei de Gregory, segundo a qual os fólhos devem estar dispostos de modo que as faces de mesma natureza fiquem em contato: face carne com face carne, face pêlo com face pêlo. No caso dos fólhos externos dos cadernos, a face carne de um caderno está sempre em contato com a face carne do caderno seguinte. A seqüência carne/carne também é verificada na parte interna de cada quaterno. É de se salientar ainda que os fólhos 3, 4, 9, 10, 19, 20, 25, 26, 28, 33, 35, 36, 41, 42, 45, 46, 47, 48, 78 e 79 apresentam a respectiva face pêlo muito bem tratada, sendo difícil distingui-la da face carne.

2.3.6. Organização do fólio

O texto presente no códice *ricc. 1489* encontra-se disposto em coluna única composta por 21 linhas. São exceções, os fólios: 1r (15 linhas), 2r (33 linhas), 4r (20 linhas), 121v (22 linhas), 122r (22 linhas), 155v (13 linhas)⁴⁷, 160v (20 linhas)⁴⁸, 161v (23 linhas) e 162r (12 linhas). A mancha possui dimensões variadas, com altura medindo entre 105 e 110mm e largura, entre 72 e 75mm. Apenas o fólio 1r, cuja mancha mede 130 x 70mm, foge a esses limites. O pautado, nem sempre visível (principalmente sobre as faces pêlo), mede 5mm e, segundo informaram da BRF em 2005, foi feito com mina de chumbo. Gramigni (2004, p. 275-276) o classifica como pautado misto – a seco (ex. fólios 19r e 58r) e em cor (ex. fólios 23r e 31r).

Os fólios apresentam numeração arábica mecânica na margem de cabeça à direita em seus respectivos *rectos*, que totalizam 162 (incluindo o singulario inicial em pergaminho). Todos os cadernos em pergaminho, excetuando-se o primeiro (singulario) e o último, apresentam reclamos (de mesmo punho do texto) horizontais entre dois pontos centralizados na margem de pé do verso do último fólio de cada caderno, perfazendo um total de 19 reclamos, presentes nos fólios: 10v, 18v, 26v, 34v, 42v, 50v, 58v, 66v, 74v, 82v, 90v, 98v, 106v, 114v, 122v, 130v, 138v, 146v e 154v. Não há assinaturas, uma vez que nesse códice os próprios reclamos são usados para indicar a ordem dos cadernos.

⁴⁷ Este é o fólio em que termina o *Libro dell'Abate Isaac di Siria*.

⁴⁸ Duas das linhas do fólio 160v são preenchidas por um traço ondulado contínuo em tinta vermelha.

2.3.7. Conteúdo

A descrição do conteúdo do códice *ricc. 1489* foi organizada em três partes: A) singulários em papel (guardas); B) singulário em pergaminho; e C) quaternos em pergaminho. A parte C corresponde ao conteúdo essencial desse códice, sendo composta por três textos: **1.** *Lenda de São Francisco* (excerto); **2.** *Libro dell'Abate Isaac di Siria*; e **3.** Orações variadas. Nesta seção, apresentam-se o *incipit* (*inc.*) e o *explicit* (*expl.*) de cada texto e mencionam-se os elementos paratextuais do códice, de modo a oferecer uma noção geral de seu conteúdo. Adianta-se em dizer que o códice não possui folha de rosto nem colofão.

A) Singulários em papel (guardas)

- Singulário inicial:

- Fól. Ir: número de identificação (cota) do códice na BRF à pena.

1489

- Fóls. Iv e Iir: em branco.

- Fól. Iiv: anotação a lápis. Estudiosos da BRF (em setembro de 2007) julgaram ser essa anotação de autoria do bibliotecário Salomone Morpurgo⁴⁹, que teria escrito <incompleto qd>, referindo-se ao fato de que o primeiro caderno do códice é incompleto. Contudo, supõe-se que a anotação seja composta por uma assinatura pessoal, seguida pela expressão <completo qn>, indicando, ao contrário, que determinado caderno estaria completo.

- Singulário final: todos os fólhos em branco.

⁴⁹ Salomone Morpurgo (1860-1942) foi bibliotecário da BNCF de 1885 a 1887 e diretor da BRF (1888-1898), da BNM (1898-1905), e da BNCF (1905-1923/1924?).

B) Singulário em pergaminho

– Fól. 1r: nota redigida em tipo humanista cursivo, em que se descreve a procedência do manuscrito, que teria servido de exemplar de colação para o testemunho impresso em 1720 em Florença por Tartini e Franchi.

I Manoscritto stato di Carlo Dati e poi dell'Abate Niccolò Bargiacchi, il quale poi servì alla stampa che ne fu fatta in Firenze nel 1720 appresso i Tartini e Franchi nella Stamperia Granducale sotto il titolo di Collazione dell' Abate Isaac. È questo presente codice molto commendato dall' Autore della prefa[...]zione⁵⁰ (quale si crede Tommasso Buonaventuri). premessa alla Collazione Stampata come sopra in 4°.

II Litanie secundum Ord[†...]⁵¹ Romanae Curiae

– Fól. 1v: em branco.

C) Quaternos em pergaminho

1. Fól. 2r: sexta seção do VII capítulo da *Lenda Maior* de São Francisco – de autoria atribuída a São Boaventura –, em que é narrado o encontro desse santo com Nossa Senhora da Pobreza.

Rubr. Nela legenda di sancto Francesco vii cap<itulo>

Inc. ¶ Vna uolta adiuenne alseruo didio sancto francescho unagrande marauigla cio fu cheandando uerso lacitta disiena per giusta necessita. Sigli uennero inanzi tre femine pouerelle

Expl. Etdubitaua cheinquesto nonfos[†..]⁵² vinto da al(ch)un(o)

– Fól. 2v: marca de carimbo da BRF em vermelho.

– Fól. 3r: leve mancha da marca de carimbo presente no fól. 2v.

– Fól. 3v: ilustração em página inteira, na qual São Francisco, abraçado ao crucifixo, oferece o anel à Nossa Nossa Senhora da Pobreza (*Madonna Povertà*). (cf. fac-símile: anexo B).

⁵⁰ Desgaste do suporte (buraco). Os caracteres que aparecem na cópia pertencem ao fól. 2r.

⁵¹ Desgaste do suporte (buraco). Os caracteres ausentes seriam: <ine>. Os caracteres que aparecem na cópia pertencem ao fól. 2r.

⁵² Desgaste do suporte (buraco). Os caracteres seriam: <se>.

2. Fóls. 4r-155v: *Libro dell'Abate Isaac di Siria*.

a) Fóls. 4r-6r: Tábua dos capítulos.

Rubr. Jnnominedomini nostri [...] Porrannosi in prima icapitoli

Inc. <¶> PRima delautita sua secondo chella discriue sancto gregorio papa.

Expl. cinduchono ad penitentia. 49 <{49}>

b) Fóls. 6r-9r: Vida de Isaac segundo o Papa São Gregório (prólogo).

Rubr. Finiti icapitoli [...] nel prologo de lemorali

Inc. JN uerita ne primi tempi degotti fu allato allacitta dispuleto uno homo diuita molto uenerabile ilcui nome era ysaac

Expl. chesempre abbia ondegli siri prende Deo Gratias.

c) Fól. 9v: ilustração em página inteira, a qual figura São Francisco rebendo os estigmas. (cf. fac-símile: anexo C).

d) Fóls. 10r-155v: texto de Isaac.

Rubr. Jncomincia lolibro del abbate Ysaac disiria [...] primo capitolo.

Inc. Lanima La quale ama idio insolo idio ae riposo. Primieramente prendi a discioglere date medesimo ogne leghame difuori

Expl. ecognoscimento diuirtude e peroperatione buona

Rubr. Explicit. Deo Gr[†..].⁵³ amen.

3. Fóls. 156r-162r: Orações variadas.

a) Fóls. 156r-161v: Ladainha e outras orações (em latim).

Rubr. JNCipivnt⁵⁴ letanie secundum ordinem romane curie.

Inc. RVrrieleyson.

Expl. Inperhenni gaudio. amen

Rubr. Sancto gregorio papa. da perdono xx. di perogne uolta kaltri dice i predetti gaudij. et fecela unsancto romito

b) Fól. 162r: Oração de adoração da Santa Cruz feita pelo apóstolo Santo André (em italiano).

Rubr. Questa elasalutatione dela sancta croce chefece sancto andrea apostolo. Quando uifu messo.

⁵³ Os caracteres borados seriam <as>, parte da abreviatura <Grās> (Gratias).

⁵⁴ <I> capitular.

*Inc. DJO*⁵⁵ tisalui croce pretiosa Laquale se sagrata delcorpo dichristo et se
adornata desuoi membri come di margherite
Expl. Et riceuami perte quegli che inte miricomperoe.

c) Fól. 162r: ilustração em campo aberto, na qual se observa a cruz com os
símbolos da paixão de Cristo. (cf. fac-símile: anexo E).

– Fól. 162v: anotação de mão recente, seguida por uma marca de carimbo da BRF
em vermelho centralizados na página; número de identificação do
códice à lápis na margem de pé à direita.

Carte 162 nuov. num. qn da 8 reg. con rich.⁵⁶
1489

2.3.8. Numeração dos capítulos

Os capítulos do texto de Isaac foram numerados de 1 a 49, embora tenham sido identificadas 51 seções, o que pode ser explicado pelo fato de que as seções que deveriam levar os números 48 e 49 foram saltadas, não tendo recebido numeração⁵⁷ nem título⁵⁸, mas somente a capitular em rubrica. O primeiro capítulo foi numerado por extenso; os capítulos 3, 4, 5, 17, 21, 28 e 39 receberam numeração apenas em algarismos arábicos de coloração idêntica à do texto; o capítulo 46 também só apresenta numeração arábica, mas em rubrica; os capítulos 6, 7, 29, 32, 36, 38 e 47 tiveram a numeração arábica repetida, com um dos elementos da repetição em rubrica; os capítulos 40, 44 e 45 foram numerados apenas com algarismos romanos em rubrica; os capítulos 48 e 49 apresentam numeração arábica e numeração romana mista (**x.L8**; **xL9**); os demais capítulos receberam numeração em

⁵⁵ <D> capitular.

⁵⁶ <162>: número representado mecanicamente.

⁵⁷ No QUADRO 2 (cap. 1), essas seções foram identificadas, respectivamente, como 47b e 47c.

⁵⁸ Na edição de 1720, a 48ª seção é intitulada *Della Benignità di Dio*; e a 49ª, *Della sollicitudine*.

algarismos arábicos e em algarismos romanos, os últimos sempre em rubrica. É provável que os casos de dupla numeração (arábica + arábica ou arábica + romana) se devam ao fato de uma delas ter servido para marcar o local de inserção das rubricas. Por fim, nota-se o sinal de número ordinal nos algarismos romanos dos capítulos 9, 14, 19, 24, 34 e 44.

Na tábua de capítulos, esses receberam, em sua maioria, numeração em algarismos arábicos e em algarismos romanos. Sempre que presente, a numeração romana apresenta-se em rubrica; ao passo que a arábica aparece quase sempre da cor da tinta do texto. Quando não há numeração romana e a numeração arábica é repetida, um dos elementos da repetição mostra-se em rubrica. Esse é o caso dos capítulos: 31, 33, 44, 47 e 49. Também não receberam numeração romana na tábua, os capítulos: 19 e 29 – em que o único número arábico está em rubrica –; 32, 45 e 48 – em que a numeração arábica foi feita com a mesma tinta do texto.

2.3.9. Ornamentação

Não obstante o códice *ricc. 1489* apresente uma feitura modesta, pode-se dizer que a sua ornamentação é bastante rica, com duas miniaturas em página inteira (fóls. 3v e 9v) e uma capitular miniada (fól. 10r). Essas imagens já foram objeto de minuciosa descrição e estudo de vários autores, tais como: Salmi (1954), Scuricini Greco (1958), Giovè & Zamponi (1997), Lazzi (1999), Gramigni (2004), e Frugoni (2006). A partir de informações oferecidas por esses autores, nesta seção, são brevemente esboçadas as características dessas imagens e dos outros elementos que decoram ou ilustram o referido códice.

A miniatura presente no fólio 3v (140 x 90mm) consiste em uma iconografia franciscana de cunho popular em aquarela, com tons predominantemente marrons e moldura em rosa antigo. A imagem retrata a cena do casamento místico entre São Francisco e Nossa

Senhora da Pobreza: o santo, genuflexo e abraçado ao crucifixo, oferece um anel⁵⁹ à Nossa Senhora da Pobreza, também genuflexa e segurando um saco em sua mão direita. Lazzi (1999, p. 257) assegura que esse saco simboliza os denários, cuja renúncia é professada por São Francisco; para Frugoni (2006, p. 239), o referido saco é a bolsa da *questua* (coleta de esmolas ou ofertas feita especialmente por religiosos para fins beneficentes), e serve para recordar o Pacto Sagrado que São Francisco havia estabelecido com a Virtude por ele mais amada: a Pobreza. Essa imagem relaciona-se diretamente ao excerto da *Lenda Maior* constante do fólio 2r. Lazzi (1999, p. 257) também comenta a presença da caveira aos pés do crucifixo, segundo a autora, uma alusão à meditação sobre o tema da morte, prática comum entre os franciscanos.

No fólio 9v, observa-se outra iconográfica franciscana (118 x 74mm), uma miniatura também em aquarela e com moldura em rosa antigo, na qual é representado o milagre dos estigmas de São Francisco, que se dá em um cenário de rochas que vão do azul ao verdacho, com uma pequena capela românica em pedra cinza à direita. Nessa imagem, o santo está ajoelhado e voltado para o alto, onde o Redentor aparece envolto em penas de serafim inflamadas. Das mãos, dos pés e do peito do Redentor, irradiam feixes de luz divina que atingem São Francisco. De acordo com Salmi (1954, p. 37) e Scuricini Greco (1958, p. 288), o iluminador responsável por essas miniaturas franciscanas se insere na corrente giottesca de Pacino di Buonaguida.

O fato de o códice *ricc. 1489* ser um manuscrito franciscano é um consenso entre os referidos autores que o descreveram. Nas palavras de Giovè & Zamponi (1997, p. 310), um códice franciscano é um tipo de códice

[...] projetado para receber um texto de um autor franciscano em vulgar ou vulgarizado, produzido por frades Menores ou para comissão de frades

⁵⁹ Atualmente, esse anel se encontra quase completamente apagado.

Menores (ou de confrarias laicas sob a influência direta desses), cuja história antiga é testemunhada em âmbito franciscano. (Tradução nossa).⁶⁰

A esse respeito, Lazzi (1999, p.257) acrescenta que o pequeno formato, a escrita, o conteúdo textual e o aparato iconográfico conotam o “codicetto” (referência ao códice *ricc. 1489*) como um testemunho de cunho devocional e de elevação moral, o que bem se conforma com a espiritualidade franciscana.⁶¹ A autora afirma ainda que as *Collationes* do Abade Isaac (*Livro de Isaac*) tiveram muito êxito no ambiente franciscano, principalmente a versão constante do códice em questão, que Lazzi assegura ter sido vulgarizada pelo já referido militante franciscano Angelo Claren. Tal afirmação justifica a presença das ilustrações em página inteira acerca da vida de São Francisco no códice *ricc. 1489*, segundo Giovè & Zamponi (1997, p.331), imagens de grande eficácia, não exatamente integradas ao texto de Isaac, mas inseridas na tradição espiritual que difunde esse texto.

A capitular <L> presente no fólio 10r (cf. fac-símile: anexo D) – em rosa, laranja e amarelo ocre, com fundo e moldura em azul royal e decorada com folhas de acanto – contém a figura de Isaac, representado em pouco mais de meio-corpo, com veste marrom, capuz e a cabeça envolvida por uma auréola também de coloração amarelo ocre. O abade acena com a mão esquerda enquanto se apóia em um bastão com a mão direita. Na interpretação de Lazzi (1999, p. 257), Isaac parece contemplar absorto o milagre que acontece na página em frente (fól. 9v). Essa capitular ocupa a altura de onze linhas escritas, e mede aproximadamente 52mm de largura.

De acordo com Giovè & Zamponi (1997, p. 331), as imagens presentes nos fólhos 3v e 9v são contemporâneas ao texto. Giuseppa Zanichelli⁶² (em parecer citado por Frugoni,

⁶⁰ No original: “[...] progettato per ricevere un testo di un autore francescano in volgare o volgarizzato, prodotto da frati Minori o per commissione di frati Minori (o di confraternite laicali sotto la loro diretta influenza), la cui storia antica è testimoniata in ambito francescano.”

⁶¹ Gramigni (2004) e Giuseppa Zanichelli (citada por FRUGONI, 2006, nota à p. 239) também destacam a natureza devocional e de meditação do códice *ricc. 1489*.

⁶² Docente vinculada ao “Dipartimento dei Beni Culturali e dello Spettacolo (Sezione di beni archeologici e storico artistici)” da Università degli studi di Parma.

2006, nota à p. 239) concorda com os autores e acrescenta que também a miniatura com a figura de Isaac, localizada na inicial do texto do monge, pertence à mesma oficina de iluminadores, apesar de terem sido executadas por mãos diferentes. A autora estima que o texto tenha sido copiado prevendo-se apenas a inicial miniada, e em um outro momento tenham sido acrescentadas as duas iconografias franciscanas a pedido do comitente⁶³; de qualquer forma, as três miniaturas seriam coevas – já que o estilo e a medida dos fólhos acrescentados coincidem com o resto do códice –, motivo pelo qual Zanichelli julga improvável que a incorporação dos fólhos com iconografia franciscana tenha sido casual.⁶⁴

O texto do códice é encerrado no fólho 162r por uma tosca vinheta feita à pena em vermelho e marrom escuro, contendo a cruz e outros símbolos da Paixão de Cristo – os pregos; a lança; a coroa de espinhos; os látigos; a espuma (embebida em vinagre) e o vaso; o sol e a lua. Essa vinheta ilustra a oração de adoração da Santa Cruz feita pelo apóstolo Santo André.

É ainda digno de nota, o pequeno desenho percebido na parte inferior da margem direita do fólho 22r, na altura das linhas 522 a 526. Trata-se de um crucifixo, no qual o Cristo encontra-se voltado para o texto. Parece haver também algumas pessoas aos pés do crucifixo a contemplá-lo. O corpo do Cristo e a moldura desse desenho aparecem em tinta vermelha, e os demais elementos que o compõem, em tinta marrom escura. O desenho parece ilustrar o trecho: “Nullaltra cosa emagiore senon chaltri siriuesci di. *et* nocte dinanzi alla croce *dichristo. et* ancora sileghi lemani didietro cioe chessi riposi dalloperare manuali” (ls. 523-526).

Também pertencem ao aparato decorativo do códice: as marcações de parágrafo e alguns números (romanos e arábicos) em vermelho; os títulos (de capítulos e seções) e

⁶³ Segundo Giuseppa Zanichelli, a inicial com o Abade Isaac acompanhada pelas miniaturas em aquarela é uma situação análoga à encontrada no manuscrito *Villani*.

⁶⁴ Para Zanichelli, o códice *ricc. 1489* é a adaptação à devoção particular de um texto de meditação e âmbito monástico, especialmente “femminile-alto”.

capitulares simples⁶⁵ (de altura próxima a duas linhas escritas) em rubrica⁶⁶; os retoques, sobretudo em caracteres maiúsculos, em vermelho ou amarelo.⁶⁷ Uma decoração especial recebeu a capitular rubricada <I> do fólio 6r, a qual marca o início do texto sobre a vida de Isaac. Essa capitular ocupa uma altura de seis linhas escritas e encontra-se em um fundo amarelo (levemente brilhante), emoldurado por uma nuvem. Outras particularidades decorativas do códice são os reclamos notados nos fólhos: 18v, posicionado em uma moldura em forma de peixe⁶⁸ em vermelho; e 26v, emoldurado por uma nuvem também em vermelho.

2.3.10. Marginália

Nas margens de alguns fólhos do códice *ricc. 1489*, verificam-se trechos, palavras e números de capítulos, possivelmente do mesmo punho que copiou o texto de Isaac; fazem exceção os constantes dos fólhos 24r, 28r (inserido na última linha do fólio 27v) e 42r, que parecem ser de punho diferente.

Consistem em marginais particulares: a alcunha acadêmica da Crusca de Carlo Dati – SMARRITO – em capitais rústicas do século XVII na margem inferior do fól. 4r; a anotação <corretto>, de mão mais recente, na margem direita do fólio 59r; um tipo de <s> longo cortado⁶⁹ (como a abreviatura de <ser>) na margem esquerda dos fólhos 109r e 122r. Os demais caracteres inseridos nas margens se tratam de emendas do texto (cf. seção 2.4.2.6 deste trabalho).

⁶⁵ Cf. a tabela com o alfabeto das capitules (anexo A).

⁶⁶ As iniciais presentes nas 12 primeiras linhas da ladainha (fól. 156r) estão preenchidas com tinta dourada.

⁶⁷ Nota-se algum brilho na tinta amarela utilizada em vários caracteres.

⁶⁸ Gramigni (2004, p. 276) observa molduras semelhantes a essa nos fólhos 14v, 154v e 210v do códice *ricc. 1298* da BRF.

⁶⁹ Segundo Gramigni (2004, p. 277) esse <s> longo cortado também aparece como elemento marginal no códice *ricc. 1268* da BRF.

2.3.11. Outras particularidades

No códice, há três marcas de carimbo (fólios 2v, 4r e 162v): todas em vermelho e pertencentes à BRF. De acordo com estudiosos da BRF, esse carimbo era usado desde que essa biblioteca foi doada pelos Riccardi (segunda metade do século XIX). Entretanto, esses mesmos estudiosos afirmam que o códice *ricc. 1489* já se encontrava na BRF muito tempo antes de essa ter sido doada.

Na parte inferior do lombo do códice, há um *ex-libris* da BRF medindo 38 x 25mm. Outro *ex-libris* de igual dimensão encontra-se centralizado na parte superior da face interna da primeira capa. Na parte oposta ao lombo, a do corte das folhas, pode-se ler o nome do autor «ABA TE ISACO» em sentido vertical (de cima para baixo), com caracteres maiúsculos, escrita leve e tinta preta.

2.4. Descrição paleográfica

2.4.1. Classificação da escrita

A escrita usada no codice *ricc. 1489* é classificada como “gotica a caratteri chiari”⁷⁰ por Scuricini Greco (1958, p. 227); e como “bastarda corrente e veloce”⁷¹ por Lazzi (1999, p. 257). Gramigni é, dentre os autores consultados que descreveram ou mencionaram esse códice, o único a tratar de alguns de seus aspectos paleográficos. O autor caracteriza a escrita desse códice uma “[...] minuscola vagamente prossima alle strutture della *littera textualis*, ma che nell’esecuzione con penna sottile si fa estremamente semplificata e a tratti fortemente

⁷⁰ “gótica com caracteres claros” (tradução nossa).

⁷¹ “bastarda corrente e veloz” (tradução nossa).

cursiva” (GRAMIGNI, 2004, p. 277)⁷². Para Gramigni (2004, p. 37), a *littera textualis* (ou gótica empregada em textos)⁷³

[...] representa, para um copista da Idade Média plena, o tipo de escrita mais apropriada ao livro; trata-se de uma estrutura gráfica que se define a partir do fim do século XII, desenvolvida a partir da vontade econômica e funcional de racionalizar a matéria gráfica constituída pela *littera antiqua*, principalmente por meio de um «processo de assimilação, classificação e redução dos *articuli*», em seguida padronizada em formas características nos maiores territórios do Ocidente latino, e finalmente utilizada, no decorrer do século XIII e no século XIV, também em níveis muito baixos por escritores de estrato social não elevado. (Tradução nossa).⁷⁴

Assim sendo, Gramigni (2004, p. 70) cita esse códice como exemplo de “[...] bastardas mais ou menos rápidas, mas morfologicamente afins e caracterizadas em particular por um claro-escuro limitado e por usos de abreviatura muito acentuados e característicos [...]” (Tradução nossa).⁷⁵

Giovè & Zamponi (1997, p. 324) classificam esse códice como “miscellaneo”, na medida em que abriga textos com extensões díspares; e, segundo os autores, uma propriedade desse tipo de códice é ter sido copiado por “[...] mãos que muitas vezes revelam uma prática freqüente com a atividade escritural, mas que nunca alcançam um alto nível de estilização.” (Tradução nossa).⁷⁶

De acordo com Higounet (2003 [1955], p. 137-138), a escrita gótica – consolidada entre os séculos XII e XIII – preservou as formas e o ducto de sua ascendente: a escrita

⁷² “[...] minúscula próxima às estruturas da *littera textualis*, mas que na realização com pena sutil apresenta-se simplificada e com marcantes traços de cursiva.” (tradução nossa)

⁷³ Giovè & Zamponi (1997, p. 330-331) comentam que, usualmente, os códices em *littera textualis*, principalmente os de nível mais alto, são ricos de decorações à pena e pincel, e com uso de ouro, na hierárquica sucessão das iniciais, de modo a evidenciar as várias partições do texto.

⁷⁴ No original: “[...] rappresenta, per un copista del pieno Medioevo, il tipo di scrittura piu adatta al libro; si tratta di una struttura grafica che si definisce a partire dall’avanzato XII secolo, sviluppatasi da una volontà di razionalizzare economica e funzionale della materia grafica costituita dalla *littera antiqua*, principalmente tramite un «processo di assimilazione, classificazione e riduzione degli *articuli*», in seguito normalizzata in forme caratteristiche nei maggiori territori dell’Occidente latino, ed eseguita ormai, al volgere del XIII e nel XIV secolo, anche a livelli molto bassi da scrittori di non elevata estrazione sociale.”

⁷⁵ No original: “[...] bastarde piu o meno rapide ma morfologicamente affini e caratterizzate in particolare da un chiaroscuro limitato e da usi abbreviativi molto accentuati e caratteristici [...]”

⁷⁶ No original: “[...] mani che spesso trasdiscono una frequente pratica con l’attività scrittoria, ma che non raggiungono mai un alto livello di stilizzazione.”

carolíngia. No entanto, o autor menciona algumas diferenças de aspecto entre essas duas grafias: na escrita gótica, “as ligaduras e os traços adventícios reaparecem [...]; os traços verticais e horizontais são mais densos; as curvas são esmagadas em adensamentos rapidamente adelgaçados ou substituídos por ângulos agudos”. Dessa forma, a escrita gótica teria se tornado uma escrita cursiva no uso corrente (HIGOUNET, 2003 [1955], p.138; 140).

Ainda segundo esse autor, a Itália reagiu ao peso gótico, “conservando em suas letras proporções elegantes e formas bem arredondadas” (HIGOUNET, 2003 [1955], p.142) – com o que concordam Drogin (1989, p. 58-61) e Battelli (1999, p. 209), dentre outros. Portanto, considerando-se a avaliação dos autores citados e os dados históricos brevemente referidos, classifica-se a escrita do códice *ricc. 1489* como gótica redonda, enquadrando-a em um período de evolução bem avançado, provavelmente na primeira metade do século XIV.

2.4.2. Aspectos paleográficos

2.4.2.1. Grafemas

Conforme já havia observado Gramigni (2004, p. 277), o alinhamento da cadeia de caracteres mostra-se elevado em relação à pauta inferior e o módulo dos caracteres é bastante variável. A tonalidade da matéria aparente⁷⁷, o peso dos traços – predominantemente grossos –, e a rapidez do traçado também variam em todo o códice. Gramigni (2004, p. 278) sugere que tais variações podem propiciar a suspeita de intervenção de outros punhos.

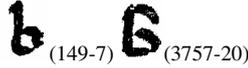
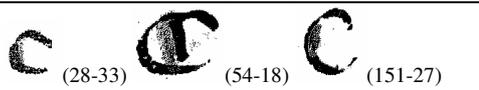
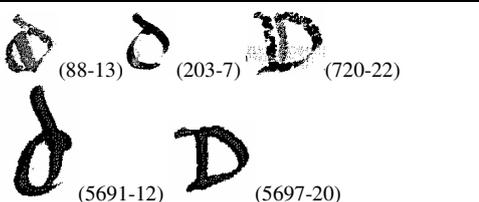
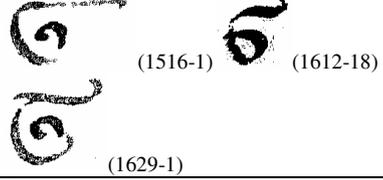
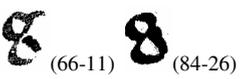
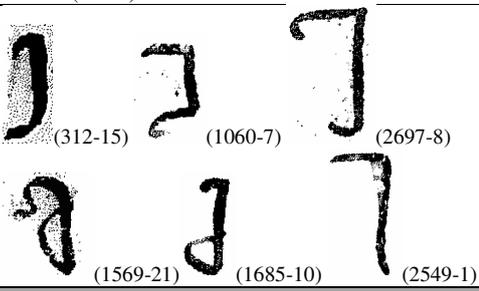
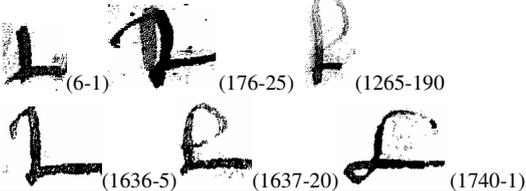
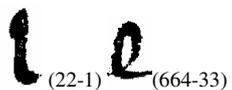
Sendo assim, com o objetivo de evidenciar as principais diferenças entre as realizações de um mesmo grafema, elaborou-se o quadro 4 com as variantes mais frequentes

⁷⁷ Quando a matéria aparente usada no texto aparece mais escura, ou preta, assinala-se em nota na edição paleográfica (cap. 3 deste trabalho).

de cada um deles.⁷⁸ Nesse quadro, são apresentados grafemas do texto de Isaac (fóls. 10r a 155v do códice *ricc. 1489*). Os grafemas são dispostos em ordem alfabética, com as formas maiúsculas ao lado das minúsculas. No intuito de facultar o reconhecimento dos grafemas, esses foram ampliados e se encontram precedidos por suas respectivas formas modernas em tipo redondo. Entre parênteses, após cada grafema, indica-se a sua localização no texto de Isaac: número da linha na edição paleográfica (cap. 3 deste trabalho) - posição de ocorrência na linha. Vale ressaltar que todos os grafemas reproduzidos no quadro 4 são concernentes ao punho responsável pela cópia do texto, cuja coloração é predominantemente marrom.

⁷⁸ É de se salientar que, ainda assim, é comum haver pequenas alterações e/ou estilizações – próprias da escrita manual – em algumas das realizações dos grafemas apresentados.

QUADRO 4
Alfabeto do *Libro dell'Abate Isaac di Siria* (códice ricc. 1489)

MAIÚSCULAS		MINÚSCULAS	
A		a	
B		b	
C		c	
D		d	
E		e	
F		f	
G		g	
H		h	
J		i	
		j	
K		k	
L		l	

	<p>L (1855-21) l (2255-1) 7 (3204-19)</p>	
M	<p>M (174-5) m (1325-24) m (4431-20)</p>	<p>m (24-13) m (4531-35) m (4974-15)</p>
N	<p>n (29-27) N (67-17) A (515-13)</p>	<p>n (23-14)</p>
O	<p>O (49-1) O (193-2) O (974-19)</p>	<p>o (22-2)</p>
P	<p>P (132-26)</p>	<p>p (236-10) P (4443-24)</p>
Q	<p>Q (171-18) Q (613-15) Q (854-36)</p>	<p>q (22-3)</p>
R	<p>R (237-21) R (832-7)</p>	<p>r (22-20) r (2233-26) r (5268-13)</p>
S	<p>S (46-26) S (73-33)</p>	<p>s (24-19) s (128-1) s (169-28) s (6021-1)</p>
T	<p>T (670-1) T (2538-12)</p>	<p>t (149-1) t (4987-1)</p>
U	<p>U (3676-2)</p>	<p>u (22-8)</p>
V	<p>V (554-13) V (1327-12) V (4927-1)</p>	<p>v (979-1) v (1889-32) v (3054-22) v (3771-28) v (5943-3) v (5493-28)</p>
X		<p>x (108-12) x (169-21)</p>
W		
Y		<p>y (189-11) y (1293-1)</p>
Z		<p>z (97-8) z (139-15) z (2809-1)</p>
		<p>z (5770-10)</p>

A presença do quadro 4 dispensa a descrição da morfologia de cada um dos grafemas que o compõem. O *ductus* dos grafemas também não será descrito, uma vez que esse depende – ainda que em parte – do caractere precedente e/ou do sucessivo; além disso, há casos em que o *ductus* do caractere sofreu alterações por ter sido trabalhado por mais de um copista diferentemente – um exemplo disso seriam os caracteres que receberam retoques ou decoração em tinta vermelha ou amarela. Todavia, julga-se conveniente descrever nesta seção alguns aspectos grafêmicos que podem ocasionar problemas de leitura.

a) Relação entre maiúsculas e minúsculas

No que diz respeito ao módulo, pode-se dizer que a relação entre maiúsculas e minúsculas no ms. *ricc. 1489* é quase sempre proporcional. Isso reforça a afirmação de Battelli (1999, p. 209), de que “[n]a Itália, a escrita conserva sempre formas arredondadas e as letras são bem proporcionais, tanto nos manuscritos mais majestosos, quanto naqueles mais modestos.”⁷⁹ Entretanto, muitas vezes, a relação modular não contribui para a distinção entre as formas maiúscula e minúscula dos caracteres , <c>, <d>, <e>, <f>, <l>, <o>, <p> e <v> nesse manuscrito. Além disso, há casos em que os caracteres <e> e <f> (mais raro) apresentam *ductus* de minúscula e módulo de maiúscula (ou corpo maior do que o da forma minúscula): < > (l. 2441), < > (l. 3782). Nota-se também que a variante maiúscula < > apresenta, na maioria das ocorrências, módulo de minúscula, distinguindo-se desta última apenas pelo *ductus*. Já a variante maiúscula < >, por apresentar *ductus* muito semelhante à forma minúscula e módulo variável, é dificilmente discriminável. Nesse sentido,

⁷⁹ No original: "In Italia, la scrittura conserva sempre forme rotonde e le lettere sono ben proporzionate, tanto nei manoscritti più solenni, quanto in quelli più modesti."

sugere-se que a gradualidade modular – embora seja uma característica inerente à escrita manual – pode estar relacionada à organização hierárquica do texto presente no códice *ricc. 1489*.

b) Grafemas com variantes formais

Como se pode notar no quadro 4, a maioria dos grafemas apresenta variantes formais. Porém, nem todas as variantes possuem contexto de ocorrência passível de ser sistematizado. Dentre todos os casos, apenas o par <f>/ <f>/<f> (<s> longo) x <S> (<s> de dupla curva) mostra nítida distribuição complementar: enquanto o <s> longo ocorre em posição inicial e medial, o <s> de dupla curva aparece em posição final. No entanto, há exceções a essa distribuição: o <s> de dupla curva em posição medial em <luxurioso> (l. 169), <falga> (l. 4939), <afusa> (l. 5627) e <usolo> (l. 5647); o <s> de dupla curva em posição inicial, como em <Se> (l. 2443), também presente nas linhas 744, 1439, 1640, 1894, 1908, 2148, 2441, 2581, 2592, 3748, 3925, 4205, 4224, 4584, 4808, 4894 e 4967.⁸⁰ Por fim, considerando que em italiano não há vocábulos com <s> final, no texto de Isaac (fóls. 10r a 155v), houve apenas uma ocorrência de <s> nessa posição: <patenas> (l. 929). Contudo, nas orações em latim que se encontram entre os fólhos 156r e 161v do códice, o <s> de dupla curva e o <s> longo se alternam em posição final.

A respeito das variantes cursivas traçadas em modo veloz, pode-se dizer que: <e> (l. 664) e <v> (l. 2233) ocorrem sempre em posição medial ou final; <f> (l. 6021) e <F> (l. 794), em posição inicial (de linha, palavra ou seqüência); e , em posição medial.

⁸⁰ Todas essas ocorrências foram assinaladas em nota na edição paleográfica (cap.3 deste trabalho).

Ademais, nota-se que: as variantes <𐌚> (l. 4987) e <𐌛> (l. 2809) sempre aparecem em início de linha; a variante <8> (l. 84) só ocorre quando o caractere seguinte possui um traço horizontal anterior – <n>, <r> ou <u> –; as variantes de <v> com o primeiro traço alongado – <𐌜> (l. 979) e <𐌝> (l. 1889) – sempre acontecem em posição inicial.

Haja vista que os caracteres <i> x <j>⁸¹ e <u>/ <U> x <v>/ <V> não distinguem valor vocálico ou consonântico no códice *ricc. 1489*, cabe inseri-los nesta seção. Assinala-se apenas que: <i> ocorre em todas as posições e é mais freqüente do que <j>, que não ocorre em posição medial; <u> aparece em todas as posições e é mais freqüente do que <v>, que não ocorre em final de palavra ou seqüência; e <V> é predominante em relação ao <U>, que ocorre apenas três vezes (cf. fólios 77v, 97r e 122v) e sempre precedido por uma capitular.

c) Caracteres com morfologia semelhante

Por apresentarem morfologia semelhante, alguns caracteres podem causar dificuldade de leitura, ocasionando erro. Visto isso, é de se destacar a semelhança morfológica entre os caracteres:

- <a> e <o>: o caractere <a> se assemelha ao <o> quando o seu traço convexo não se sobressai e esse caractere mostra-se mais arredondado em relação à sua usual forma triangular e levemente inclinada à direita. Esse traçado pode ser notado no quinto caractere da seqüência <𐌁𐌆𐌇𐌈𐌉> (l. 1650); o caractere <o> se parece com o <a> quando o seu traço convexo se direciona à pauta inferior ao invés de direcionar-se à esquerda, de modo

⁸¹ A forma maiúscula dos caracteres <i> e <j> é sempre <J>.

a “fechar” o caractere. O segundo caractere da seqüência

<lostonfyco> (l. 2152) exemplifica tal realização.

- <c> e <t> : o caractere <c> quase sempre aparece ligado ao caractere seguinte por meio do traço superior⁸², característica essa partilhada com o caractere <t>. Quando bem traçados, a diferença entre esses dois caracteres está na curvatura do <c> x traço perpendicular do <t>, e na presença de uma haste no caractere <t> que ultrapassa levemente o seu traço horizontal superior. Sendo assim, <cl> (l. 24) e <tl> (l. 33), por exemplo, podem ser alvo de leitura equivocada.
- <e> e <c>: também o caractere <e>, quando em posição inicial ou medial, quase sempre se liga ao caractere seguinte por meio do ápex⁸³; em posição final, o prolongamento do ápex normalmente alcança o primeiro caractere da próxima palavra ou seqüência. Dessa forma, quando esse caractere se encontra mal formado, com o último traço incompleto ou faltoso, ele pode se tornar idêntico ao caractere <c>. A seqüência <erito> (l. 1456), em que o <e> mal formado precede o <c>, é um ótimo exemplo para essa semelhança.
- <o> e <c>: quando falta ao caractere <o> o segundo traço que o compõe, também esse se torna muito semelhante ao <c>, como se pode observar em sua primeira ocorrência na palavra <dimestroc> (l. 2321) e na seqüência <eglincaueano> (l. 3007).

⁸² Em muitas de suas ocorrências, o caractere <c> aparece ligado ao caractere seguinte por meio dos dois traços (superior e inferior), mas nunca somente pelo traço inferior.

⁸³ Entende-se por ápex um prolongamento que parta de um traço medial do caractere.

- <e> e <o>: o caractere <e> se assemelha ao <o> quando se mostra fechado e com o ápex curto, como em sua primeira ocorrência na seqüência <odeto> (l. 3160); ou quando aberto, sem o traço medial e seguido por um caractere que possua um traço horizontal anterior – <m>, <n>, <r> ou <u> –, como em <chono> (l. 2202). O caractere <o>, por sua vez, torna-se semelhante ao <e> quando o seu traço convexo tende ao interior do caractere, como se pode notar em sua realização na posição final da palavra <pponinte> (l. 1878).
- <f> e <s> longo: esses caracteres se distinguem pelo traço horizontal medial, presente no <f> e ausente no <s> longo. Dessa forma, há três casos em que esses caracteres podem ser confundidos, a saber: quando o referido traço medial aparece destacado do traço perpendicular do <f> – como em <folta> (l. 3774); quando o caractere <f> é seguido por <i>, este com início do traço saliente à direita – como em <bedifiante> (l. 75); e em alguns encontros dos caracteres <s> e <t> – como na sílaba <fta> (l. 4260).
- <r> e <t>: ambos se ligam à letra seguinte, exceto quando em posição final (embora o prolongamento dos seus respectivos ápex muitas vezes alcance o primeiro caractere da próxima palavra ou seqüência). A diferença essencial entre esses caracteres está no traço perpendicular: no <r>, é retilíneo e ultrapassa a pauta inferior; e no <t>, apresenta finalização curvada em direção ao caractere seguinte. O problema é que essas características nem sempre se sobressaem de modo a contribuir para a distinção desses

caracteres. A semelhança de seus traços pode ser percebida ao confrontar suas respectivas realizações na palavra <dilectare> (l. 22).

d) Nexos, ligaduras e prolongamentos de traços

No códice *ricc. 1489* é freqüente o uso de nexos, ligaduras e prolongamentos de traços. Tendo em conta que esses recursos escriturais podem causar alteração na morfologia e no *ductos* das letras, é de suma importância conhecê-los bem para não cometer erros de leitura. A diferença no emprego desses termos nem sempre é clara e muitos autores tendem a tratá-los como sinônimos; entretanto, neste trabalho, tais termos designam fenômenos distintos.

Por nexo, entende-se a fusão premeditada de duas ou mais letras de curvas contrárias por meio de compartilhamento de traço. Logo, é comum haver nexo entre <b, d, h, p> e as vogais <a, e, o>. São exemplos de nexo: <de> (l. 20), <da> (l. 24), <do> (l. 45), <pe> (l. 4260), <le> (l. 5779), <bo> (l. 173). O nexo é um recurso, dentre outros, utilizado com a finalidade de economizar espaço para respeitar o limite direito da mancha do fólio.

Por ligadura, identificam-se as ligações espontâneas entre as letras – próprias da escrita cursiva – por meio de filamentos terminais e/ou iniciais de curta extensão.⁸⁴ No códice *ricc. 1489*, são praticamente irrestritas as ligaduras entre <e, c, g, t, r> e a letra que os sucedem. Os caracteres <a>, <i>, <l>, <m>, <n>, <u> também se ligam, ainda que esporadicamente, ao caractere seguinte por meio do filamento terminal inferior. É absoluto o uso da ligadura entre o caractere <t> e o <c, s> anteriores, e rara a ligadura entre <t> e <r>

⁸⁴ De acordo com Houaiss (1967, vol.1, p. 9-10), o estudo das ligaduras é muito importante em paleografia, já essas teriam dado origem a toda sorte de redução no sistema de escrita, tais como: abreviaturas, siglas, signos e notas tironianas.

anterior. É comum haver ligadura entre <m, n, p> e o caractere que os antecede por meio do filamento inicial desses caracteres. Também o <f> costuma se ligar às vogais e ao <r> pelo seu traço medial. Contêm exemplos de muitas das citadas ligaduras, as palavras: <uirtu> (l. 66), <legato> (l. 66), <misericordia> (l. 76), <bedificatione> (l. 80), <aspecto> (l. 187), <fornicatione> (l. 179), <acqsta> (l. 192), <uirtudi> (l. 195).

Por prolongamento de traço, reconhece-se qualquer traço contínuo entre duas letras que ultrapasse o espaço limite para a inserção de um outro caractere. É o que Houaiss (1967, p. 10) chama de “falsa ligadura” e define como “[...] rabisco longo final apenas modulado, com que se evita, em verdade, o traçado dos caracteres de um vocábulo.” Tal prolongamento é verificado sobretudo no caractere <e> em posição final, como se pode notar nas ocorrências:

<siuole dilectare> (l. 22) e <geglio e> (fim da linha 231). Destaca-se ainda, como já assinalado por Gramigni (2004, p. 278), o prolongamento do filamento terminal dos caracteres <a>, <l>, <n>, <r> e <u> em fim de linha (embora esse prolongamento também seja percebido em todas as posições) – veja-se os exemplos:

<delamietum> (l. 680), (l. 31), <Non> (l. 147), <put> (l. 121), <tu> (l. 524). Assim como os nexos, os prolongamentos quase sempre são utilizados para respeitar o limite direito da mancha do fólio, contribuindo, no entanto, com a ocupação de espaços que restariam em branco. Nesse sentido, em determinadas ocorrências, também são prolongados: o traço superior dos caracteres <c> e <g>; o filamento terminal do caractere <l> em posição inicial ou medial; e o filamento inicial

do caractere <v>. O alargamento da maioria dos caracteres maiúsculos contribui igualmente para esse fim.

2.4.2.2. Abreviaturas

O difundido uso de abreviaturas e sistemas de notação abreviada é justificado em toda a história da escrita como meio de poupar tempo e pergaminho. Sobre a origem das abreviaturas medievais, Higounet (2003 [1955]) assegura que essas

[...] encontraram parte de suas fontes nas siglas e abreviações epigráficas romanas e nos sistemas tironianos. Mas elas também se originaram mais diretamente dos dois repertórios abreviativos particulares que se constituíram durante os primeiros séculos nos textos cristãos e nos textos jurídicos. (HIGOUNET, 2003 [1955], p. 147).⁸⁵

A análise cuidadosa do sistema de abreviaturas utilizado no texto de Isaac (fóls. 10r a 155v do códice *ricc. 1489*) aliada à consulta ao *Dizionario di Abbreviature Latini ed Italiani* (CAPPELLI, 1995) possibilitou classificar as abreviaturas – segundo a natureza do sinal abreviativo – em três grupos: 1) por sinal de significação geral; 2) por sinal de significação especial; e 3) por letra sobreposta.

As abreviaturas por sinal de significação geral apresentam um traço horizontal sobreposto (conhecido como *titulus*) ou por um traço convexo sobrescrito e usualmente prolongado à esquerda⁸⁶, que assinalam tratar-se de abreviatura, mas não indicam quantos e quais seriam os caracteres suprimidos. Em alguns casos, além do traço horizontal, a abreviatura é marcada com ponto < . >. Esse tipo de abreviatura pode significar:

⁸⁵ Neste trabalho, distinguem-se apenas os termos: “abreviatura”, interpretado como a representação gráfica da redução de uma palavra ou locução; e “sinal abreviativo”, entendido como o sinal que indica a supressão de caracteres em uma palavra ou locução.

⁸⁶ O traço convexo sobrescrito é usado somente quando a abreviatura envolve contração.

a) *suspensão (ou apócope)*, quando há supressão de parte final da palavra.

Exemplos: <ī> (l. 23) = <in>, <uegnā> (l. 59) = <uegnan> ou <uegnano>, <nō> (l. 98) = <non>, <pugnaŕo> (l. 747) = <pugnaron> ou <pugnarono>, <alchū> (l. 3423) = <alchun> ou <alchuno>, <vie> (l. 3817) = <vien>, <viene> ou <vieni>, <On̄> (l. 4867) = <Onde>, <am̄.>⁸⁷ (l. 1240) = <amen>;

b) *contração (ou síncope)*, quando há supressão de caracteres no interior da palavra. Dentre os tipos de abreviatura por sinal geral, este é o mais freqüente.

Exemplos: <ſc̄o> (l. 88) = <sancto>, <ighāno> (l. 93) = <inghanno>, <nŕo> (l. 451) = <nostro>, <oroc̄e> (l. 536) = <oratione>, <apſo> (l. 2614) = <apostolo>, <angſo> (l. 2883) = <angelo>, <eccl̄a> (l. 3266) = <ecclesia>, <hab̄tatione> (l. 5989) = <habtatione>.⁸⁸

c) *suspensão e contração*, quando em uma mesma palavra ou seqüência verificam-

se apócope e síncope. Exemplos: <qñ> (l. 149) = <quando> e <bñ> (l. 251) = <bene>, muitas vezes seguidas por <. >; <ſſ̄.> (l. 203) = <gregorio> ou <grigorio>⁸⁹, entre dois pontos e com traços verticais sobrepostos.

O sinal das abreviaturas por sinal de significação especial pode ser taquigráfico ou braquigráfico. Eles indicam a supressão de caracteres específicos, de forma absoluta – isto é,

⁸⁷ Pode ser que nesse caso o <. > não faça parte da abreviatura.

⁸⁸ A abreviatura <hō> (l. 89) pode ser interpretada como caso de contração ou de suspensão. Na edição paleográfica (cap. 3), assumiu-se a primeira opção, gerando o desenvolvimento <homo>.

⁸⁹ No texto de Isaac (fóls. 10r a 155v), não há forma plena correspondente a <ſſ̄.>. Entretanto, essa forma pode ser encontrada nos fólhos: 4r (l.6) <gregorio>; 6r (l. 100) <gregoria>; e 9r (l. 226) <grigorio>.

representando sempre a mesma seqüência – ou relativa – isto é, referindo-se a seqüências diferentes de acordo com a posição ou palavra em que ocorre.

No texto de Isaac, atestam-se apenas dois sinas taquigráficos: a nota tironiana que abrevia a conjunção aditiva latina <et>; e o sinal <e>, que pode abreviar <com> ou <con>. A nota tironiana assume variadas formas ao longo do texto, dependendo da posição em que ocorre e da velocidade da escrita. Exemplificam tal variação, as formas: <7> (l. 47), <2> (l. 244) – mais freqüentes; <7> (l. 57); <2> (l. 986); <2> (l. 1032); <7> (l. 1065); <7> (l. 2590); <7> (l. 4461); <7> (l. 5241). O valor do sinal <e> está sujeito à palavra em que ele ocorre: <com>, quando seguido por uma das consoantes bilabiais ou <p>, como em <compassione> (l. 124); e <con>, quando funciona como preposição ou quando é seguido por consoante diferente de <p> e , como em <consolatione> (l. 131).⁹⁰ Se a esse sinal taquigráfico é acrescentado o sinal braquigráfico <u>, tem-se a abreviatura da palavra <contro> (quando seguido pela preposição <a>: <u> (l. 1511)), ou <contra> (quando não é seguido por preposição: <u> (l. 2332)).⁹¹

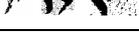
Com o escopo de facilitar a distinção dos sinais de significação especial de natureza braquigráfica usados em abreviaturas no texto de Isaac, decidiu-se por apresentá-los em um quadro. Nesse quadro, cada sinal é acompanhado por suas principais interpretações e exemplos de cada uma delas.

⁹⁰ Na edição paleográfica do texto de Isaac (cap.30), quando a palavra que contém o sinal abreviativo <e> possui forma plena correspondente que viola essa regra, o desenvolvimento do sinal respeita a forma plena. Sendo assim, todas as lexias do lexema <comprender> (l. 604), por exemplo, que continham esse sinal, foram transcritas como <con>.

⁹¹ Essa interpretação foi definida a partir do exame do contexto das ocorrências plenas dessas palavras no texto.

QUADRO 5

Abreviaturas braquigráficas presentes no texto de Isaac (cód. *ricc. 1489*)

SINAL ABREVIATIVO	VALOR	EXEMPLO
	<i>per, por, par</i>	<operatione> (l. 30), <corporale> (l. 1273), <paradiso> (l. 5239)
	<i>pre, pri</i>	<sempre> (l. 251), <principi> (l. 5970)
	<i>pri</i>	<primo> (l. 5761)
	<i>pro</i>	<propria> (l. 92)
	<i>que</i>	<queste> (l. 110)
	<i>que</i>	<qualumque> (l. 69) ⁹²
	<i>qui</i>	<tranquilitate> (l. 85)
	<i>ser</i>	<seruo> (l. 67)
	<i>rum</i>	<seculorum> (l. 1240)
	<i>e</i>	<dee> (l. 23) ⁹³
	<i>or, er</i>	<morte> (l. 1191), <numero> (l. 1737)
	<i>r, er/re, ra, ro</i> ⁹⁴	<sceuerare> (l. 23), <uolere> ⁹⁵ (l. 68), <quore> (l. 842), <poueri> (l. 94), <rallegrati> (l. 855), <contro> (l. 5006)
	<i>r, er, ir, ra</i>	<parte> (l. 84), <uirtude> (l. 707), <conuersatione> (l. 2227), <sopra> (l. 2835)
	<i>r, or</i> ⁹⁶	<corpo> (l. 2987), <morte> (l. 1703)
	<i>r</i>	<mortale> (l. 2987)
	<i>ir</i>	<uritu> (l. 2984)

O terceiro grupo de abreviaturas compreende aquelas em que há sobreposição de uma das letras que fazem parte da seqüência suprimida. Esse modo de abreviar permite inúmeras combinações abreviatórias, indicando suspensão ou contração de caracteres, segundo a

⁹² Abreviatura encontrada apenas em posição final.

⁹³ Abreviatura usada somente junto aos caracteres <d> e <e>.

⁹⁴ O sinal  aparece em duas outras palavras indicando contração. São elas: <natura> (l. 3422) e <quasi> (l. 4451).

⁹⁵ A presença desse sinal em verbos da segunda conjugação (-ere) e em outros casos particulares – como <schiere> (l. 1839) –, poderia ter sido interpretada de três formas: i) contração de <er>; ii) suspensão de <re>; ou iii) suspensão de <r> (forma apocopada). Na edição paleográfica (cap. 3), ocorrências desse tipo foram desenvolvidas como contração de <er>, salvo nos verbos seguidos pelo pronome <si> (<absteneri> (l. 1997)).

⁹⁶ O sinal  também marca contração em duas ocorrências da palavra <natura> (ls. 4673 e 5218).

posição em que se encontram. Em muitos casos, uma vogal sobreposta sinaliza a supressão das letras intercalares <r> ou <u>, por exemplo: <ṗ> em <prima> (l. 23), <ḡ> em <lagrime> (l. 325), <ḁ> em <dentro> (l. 499), <ḡ> em <quale> (l. 22), <ḡ> em <quietudine> (l. 5635). A vogal sobreposta também marca: suspensão nas palavras <ḡ>⁹⁷ = <modo> (l. 259), <ḡ> = <uero> (l. 1416) e <memō> = <memoria> (l. 2888); e suspensão e contração na palavra <ḡ> = <populo> (l. 1020). A sobreposição de consoante é mais rara, tendo sido notada em apenas duas palavras: <ḡte> (l. 2709-2710) = <permette> e <fr̄to> = <fructo> (l. 5675).

São ainda dignas de menção duas abreviaturas constituídas por sinal de significação especial e letra sobreposta ao mesmo tempo. Trata-se de <ḡ> = <persona> (l. 5897) e <ḡ> = <propri>, que compõe as palavras <proprie> (l. 684), <propria> (l. 1453) e <proprio> (l. 1798).⁹⁸

O texto de Isaac apresenta também um tipo particular de abreviatura costumeiramente empregado em manuscritos cristãos para abreviar os termos sagrados, conhecidos como *nomina sacra*. São elas: <ḡ> = <iesu> (l. 4504); <ḡ> = <christo> (l. 3266); <ḡ> = <christo> (l. 831) e os adjetivos derivados dessa última – <ḡpiana> = <christiana> (l. 2095), <ḡpiane> = <christiano> (l. 3258). Essas abreviaturas foram transmitidas a partir de textos gregos cristãos e, não obstante sejam constituídas por caracteres latinos, a

⁹⁷ Às vezes, essa abreviatura é seguida por ponto <. >.

⁹⁸ Um caso interessante é o <ḡ>, presente na última linha do fólio 9r (prólogo do códice). Essa abreviatura ocorre na palavra <sempre> e possui dois sinais: um traço horizontal sobreposto, que pode ser identificado como de significação geral ou como abreviatura especial para <pre>; e um traço cortando o <p>, interpretado como abreviatura especial para <per>.

forma desses caracteres reflete a abreviatura original em caracteres gregos: <h> latino = <η> grego, que corresponde ao <e> em latim; <x> latino = <χ> grego, freqüentemente transcrito como <ch> em latim; e <p> latino = <ρ> grego, equivalente ao <r> em latim.

Com efeito, a abundância e a peculiaridade das abreviaturas sempre foram um empecilho para a leitura e interpretação de textos antigos. Com relação ao *Libro dell'Abate Isaac di Siria* (códice *ricc.* 1489), um possível erro na decifração de uma abreviatura por parte de Buonaventuri contribuiu para exemplificar um seu comentário depreciativo – exposto no prefácio da edição de impressa em 1720 – acerca da capacidade intelectual do copista do códice *ricc.* 1489. Buonaventuri (1720, p. vi-vii) sugere que esse copista não teria sido muito “entendedor” ou que teria desejado escrever da maneira que falava. Tal sugestão é baseada na presença de certas palavras, como *dipo*, *masgione*, *apressimare*, *trestizia* e *martere*, que ele afirma ter alterado para *dopo*, *magione*, *aprossimare*, *tristizia* e *martire*, respectivamente, na edição de 1720. O referido engano com relação à interpretação da abreviatura encontra-se na segunda sílaba da palavra lida como “apressimare”, que pode aparecer abreviada de duas formas: <P> ou <P̂>, sendo <pro> a forma plena invariável (cf. l. 433). O problema está na leitura de <P̂>, cujo traço horizontal sobreposto pode ser identificado como sinal de significação geral ou como abreviatura especial para <pre>. Buonaventuri teria adotado a segunda opção (<pre>), sem se dar conta de que a primeira poderia abarcar a possibilidade de desfazimento consoante com a forma plena <pro>.

2.4.2.3. Diacríticos

Reconheceu-se apenas dois diacríticos no texto de Isaac, a saber: a plica e a cedilha.

A plica é um leve traço inclinado à direita colocado sobre os caracteres <i> e <j> – <î> (l.

44). De acordo com Higounet (2003 [1955], p. 156), usava-se a plica sobre esses caracteres com o objetivo de distingui-los das outras letras verticais <m>, <n>, <u>, ou de indicar sua duplicação. Todavia, no texto de Isaac, esse sinal não parece ter função alguma, sendo usado esporadicamente.

A cedilha aparece apenas sobre o caractere <c> – <ç> (l. 26) –, para marcar os casos em que equivaleria a [ts]⁹⁹, alternando-se com <z> e ocorrendo antes de qualquer vogal. Citam-se alguns exemplos: <dinançi> (l. 19), <sança> (l. 50), <riccheçe> (l. 615), <sozçura> (l. 1329-1330)¹⁰⁰, <meço> (l. 2247).

2.4.2.4. Separação vocabular translinear e intralinear

A separação das partes dos vocábulos em fim de linha respeita as regras de divisão silábica da ortografia contemporânea do italiano. O único caso que talvez fuja a essa generalização é o da separação de sílabas compostas por <s> + qualquer consoante diferente de <s>. Em italiano, esse encontro consonantal não se separa e deve formar sílaba com o grupo silábico seguinte: cf., por exemplo, <Que + sto> (ls. 1879-1880). Entretanto, no texto de Isaac, há casos em que o copista reproduz o caractere <s> nas duas linhas, como em <sunis + scha> (ls. 136-137). O mesmo erro pode ser observado nas linhas: 846-847, 1005-1006, 1388-1389, 2727-2728, 3699-3700, 4470-4471, 4972-4973, 5345-5346, 5431-5432, 6142-6143.

Diversamente, a separação dos vocábulos de uma mesma linha é feita pela inserção de espaços em branco (de extensão variável), quase sempre obedecendo aos limites do

⁹⁹ Segundo Rohlfis (1966, p. 201), nos textos medievais, a representação gráfica do som [ts] variava entre <c>, <z> e <ç>, dobradas ou simples.

¹⁰⁰ A associação de consoantes de valor equivalente, como <zç> em <sozçura> (ls. 1329-1330) e <ck> em <rickeça> (ls. 185-186), ocorre, em geral, quando a separação translinear é feita após a primeira consoante.

vocábulo fonológico – isto é, a “[...] unidade acentual organizada em torno de uma sílaba tônica, que pode se compor de um ou mais vocábulos morfológicos [...]” (CAMBRAIA, 2005, p. 120) – por exemplo: artigo + pronome (<loquale> (l. 22)); artigo + substantivo (<laletitia> (l. 40)); preposição + pronome (<disuo> (l. 1695)); pronome + verbo (<sifanno> (l. 44)), etc. Contudo, vale ressaltar que a questão da separação vocabular intralinear impõe um estudo criterioso à parte, de modo a buscar sistematizar quais seriam os vocábulos escritos prevalentemente juntos e por que.

2.4.2.5. Sinais de pontuação

O sistema de pontuação empregado no códice *ricc. 1489* não foi analisado neste trabalho. No entanto, apresenta-se a seguir, de maneira sucinta, os principais sinais de que se compõe esse sistema. São eles:

- a) o ponto, de dimensão e posição variáveis¹⁰¹;
- b) a barra inclinada </>;
- c) a barra vertical <|>, que ocorre apenas duas vezes (prólogo: fól. 9r, ls. 219-220);
- d) os caldeirões de parágrafo <☉> (com o traço interno) e <☉> (sem o traço interno, geralmente usado para assinalar o início das “risponsioni” no 17º capítulo), ambos sempre em tinta vermelha;
- e) a vírgula <☞>, usada uma só vez (cf. l. 1735);

¹⁰¹ Segundo Gramigni (2004, p. 279), o ponto posicionado no meio da pauta antes e depois do caractere <e> possui a função de distinguir a terceira pessoa do verbo “essere”; quando se trata do caractere <m> com <o> sobreposto, esses pontos indicariam a abreviatura para a palavra <modo>.

- f) o ponto-e-vírgula invertido <⁂>, também esse com apenas uma ocorrência (cf. l. 5843);
- g) o traço horizontal contínuo de extensão variável (cf. ls. 977, 1254, 1299, 1334, 1470, 1917 e 2329), colocado entre palavras ou seqüências gráficas.

2.4.2.6. Sinais de supressão, emendas e seleção de elementos textuais

A supressão de elementos do texto foi feita por riscagem ou por subpontilhamento dos caracteres a serem suprimidos¹⁰². A riscagem – em geral, constituída por uma linha horizontal contínua em tinta vermelha¹⁰³ – foi utilizada para suprimir elementos repetidos na maioria dos casos, salvo os constantes das linhas 287, 374, 1443 e 3912. Já os subpontilhamentos foram todos realizados com tinta da cor do texto e quase todos para suprimir repetição literal (cf. ls. 1845, 2401, 4503 e 6138) ou parcial (cf. ls. 3666 e 3741) de elementos, exceto os encontrados nas linhas 1427 e 2905.¹⁰⁴

Para a inserção de elementos no texto usou-se a entrelinha superior (afora o número arábico <11> (l. 870), inserido na entrelinha inferior) ou uma das margens. No entrelinhamento superior, o lugar de inserção é marcado em poucos casos: nas linhas 772, 828, 837 e 2967 pelo sinal <^>; e na linha 4112, pelo sinal <f>. Já os caracteres inseridos nas margens tiveram o lugar de sua inserção marcado por sinais diferentes (alguns deles em tinta vermelha) com posicionamento variável. Confirmam-se a seguir as possibilidades de marcação:

¹⁰² Em Spina (1994, p. 49), são citados alguns sinais de correção em documentos medievais.

¹⁰³ Foram riscados com tinta vermelha, os caracteres nas linhas 287, 374, 1151-1152, 1561-1562, 1854-1855, 3620-3621, 3870, 3912, 4719; já os presentes nas linhas 1443, 4257 e 4381, foram riscados com tinta da cor do texto.

¹⁰⁴ Na linha 1366 (fól. 42r) da edição paleográfica, parece ter havido a intenção de suprimir um caractere borrando-o com tinta vermelha (cf. nota 331 deste trabalho).

- a) <↖> na entrelinha superior e junto aos caracteres na margem, <↗> na entrelinha inferior: ls. 552, 574 e 2454;
- b) <↖> na entrelinha superior e <↗> na inferior: l. 5554;
- c) <↖> na entrelinha superior e junto aos caracteres na margem: l. 603;
- d) <↖> no fim da linha e junto aos caracteres na margem: ls. 759 e 1352;
- e) <↗> fim da linha: l. 802;
- f) <↖> na entrelinha superior e <↗> junto aos caracteres na margem: l. 901;
- g) <↖> início da entrelinha superior e <↗> junto aos caracteres na margem: l. 1830;
- h) <|> intervocabular: l. 3314;
- i) <↖> na entrelinha superior: ls. 3400 e 3474;
- j) <↖> na entrelinha superior: l. 3568;
- k) <↖> na entrelinha superior: l. 3623;
- l) <'↗> nas entrelinhas superior e inferior: l. 3686;
- m) <↖> na entrelinha superior e <↗> na entrelinha inferior: l. 5772;

Há, no entanto, quatro casos em que o lugar de inserção dos caracteres no texto não foi sinalizado: 1) l. 674 – caracteres na extremidade direita da margem de pé do fólio 25v, envolvidos pelo sinal <↖>; 2) l. 1771 – caracteres na extremidade esquerda da margem de cabeça; 3) l. 3961 – caracteres na extremidade direita da margem de cabeça; e 4) l. 5329 – caracteres seqüenciais na altura da linha. Também a numeração dos capítulos (quer arábica ou romana) presente nas margens não possui o lugar de inserção sinalizado.

Parecem selecionar partes do texto, os sinais de cruz <+> localizados na margem esquerda dos fólhos 83v (entre as linhas 3110 e 3111) e 84r (ls. 3119 e 3131). Outrossim, é

provável que o pequeno desenho na margem direita do fólho 22r, além de ilustrar, tenha a função de destacar a parte do texto ilustrada (cf. seção 2.3.9 deste trabalho).

CAPÍTULO 3

EDIÇÃO DO *LIBRO DELL'ABATE ISAAC DI SIRIA* (CÓD. *RICC. 1489*)

3.1. A escolha do tipo de edição

São vários os tipos de edição que se pode fazer de um texto, e cada tipo abriga uma série de variações quanto: ao material utilizado (dimensão e qualidade), ao sistema de registro (impresso ou digital), à integralidade do texto (integral ou abreviada), à reelaboração do texto (revista, atualizada, ampliada ou modernizada), à forma de estabelecimento do texto (normas adotadas para a sua execução), etc. A este trabalho e aos estudos de crítica textual em geral, interessa sobretudo as categorias de variação baseadas na forma de estabelecimento do texto. As principais diferenças entre os tipos de edição possíveis dentro dessa categoria se pautam no grau de intervenção do editor, que pode tender ao conservadorismo ou à modernização do texto. Nesse sentido, em se tratando da edição de apenas uma versão de determinado texto, pode-se restringir em quatro os tipos fundamentais de edição: *fac-similar*, *diplomática*, *paleográfica* e *interpretativa*.¹⁰⁵

Camraia (2005, p. 90-91) assegura que a escolha adequada do tipo de edição de um texto deve ser orientada por dois fatores em especial: o público-alvo e a existência de edições anteriores. O primeiro fator justifica-se pelo fato de que os leitores dispõem de interesses diferentes com relação a um mesmo texto, assim, dificilmente uma mesma edição satisfaz

¹⁰⁵ A nomenclatura e os critérios de classificação dos tipos fundamentais de edição assumidos neste trabalho correspondem aos propostos por Camraia (2005, p. 87-107). Entretanto, vale mencionar que os tipos fundamentais de edição variam quanto ao número e à nomenclatura nos diversos trabalhos sobre o assunto, dentre eles: Houaiss (1967, p. 249); Roncaglia (1975, p. 62-94); Carreter (1987, p. 154); Azevedo Filho (1987, p. 29-35); Spina (1994, p. 84-88); Ageno (1999, p. 31-34); Spaggiari & Perugi (2004, p. 24-27).

todo o tipo de público. Já o segundo fator tem sua importância fundamentada na necessidade de se evitar edições redundantes, isto é, que reproduzem as características de outras já disponíveis, na medida em que o objetivo seria tornar o texto acessível a todos os tipos de leitor prováveis.¹⁰⁶ No caso da edição de textos medievais manuscritos, pode-se dizer que esse segundo fator é primordial em relação ao primeiro quando se concebe o processo de preparação de edições. Como realizar, por exemplo, uma edição interpretativa sem antes conhecer a fundo as características do manuscrito, tais como as abreviaturas, a separação vocabular e o sistema de pontuação?

Apesar de o *Libro dell'Abate Isaac di Siria* (cód. ricc. 1489) ter servido como testemunho de colação para a edição impressa em 1720 em Florença, esse texto jamais foi editado na íntegra. Sendo assim, qualquer tipo de edição contribuiria para a constituição do campo bibliográfico desse texto. No entanto, razões de natureza metodológica sugerem que tal constituição deve partir das edições mais conservadoras em direção às mais modernizadoras.

Destarte, considerando-se os quatro tipos fundamentais de edição anteriormente citados, a edição *fac-similar* (ou *mecânica*) é a mais conservadora, pois nesse tipo apenas se reproduz a imagem do texto mecanicamente (por fotografia, xerografia, escaneirização, etc.). Todavia, esse tipo de edição não pôde ser realizado nesta oportunidade devido à má qualidade da cópia microfilmada obtida junto à BRF em setembro de 2005. Por não ser colorida, essa cópia apresenta falhas em relação ao original.

Quanto ao grau de conservadorismo, a edição dita *diplomática* ocupa o segundo lugar. Nesse tipo de edição, todos os elementos presentes no texto são mantidos e rigorosamente transcritos tal como no modelo (inclusive as abreviaturas), o que dispensa o leitor da fastidiosa tarefa de identificação das formas gráficas da escrita original. No entanto,

¹⁰⁶ Trata-se de constituir o que Castro & Ramos (1986, p. 112) chamam de “campo bibliográfico ideal”, definido como “[...] aquele em que, de um texto, existem no mercado, ou são facilmente acessíveis, exemplares de todos os tipos de edição capazes de satisfazer às necessidades de todos os tipos de leitor em potencial.”

em razão da qualidade das edições *fac-similares* possibilitada pelo avanço das técnicas de reprodução mecânica, esse tipo de edição foi preterido.

Na edição paleográfica (também conhecida como *semidiplomática*, *paradiplomática* ou *diplomático-interpretativa*), a terceira na escala de conservadorismo, realizam-se algumas intervenções – tais como desenvolvimento de abreviaturas, inserção ou supressão de elementos por conjectura, etc. – no processo de transliteração do modelo, não obstante todas elas sejam particularizadas segundo a sua natureza (cf. quadro 6). De acordo com Cambraia (2005, p. 95-96), os principais objetivos dessas intervenções são: (1) o de facilitar a leitura do texto, tornando-o acessível a um público menos especializado (isto é, não habituado a lidar com questões paleográficas e codicológicas, portanto, incapaz de decodificar certas características originais do texto); e (2) o de tentar retificar falhas óbvias cometidas durante o processo de cópia do texto (como supressão ou repetição de letras, por exemplo). Em virtude de suas características, a edição paleográfica inclui os lingüistas em seu público de possíveis leitores, grupo esse também composto por paleógrafos e filólogos (público-alvo esperado para as edições fac-similar e diplomática). Dessa forma, esse tipo de edição permite que os lingüistas tenham acesso a um texto que respeita as características do modelo e ao mesmo tempo facilita a sua leitura, além de possibilitar que esses estudiosos (sobretudo os diacronistas) trabalhem com textos geograficamente distantes.

Dentre os quatro tipos fundamentais de edição citados, a interpretativa é a que apresenta o maior grau de intervenção do editor no estabelecimento do texto, uma vez que além de se realizarem desenvolvimento de abreviaturas, inserções e supressões conjecturais por falhas óbvias do copista ou do tipógrafo – como na edição paleográfica –, o texto passa por um processo de uniformização gráfica e as conjecturas realizadas compreendem intervenções que aproximam o texto ao que teria sido a sua forma genuína. Esse tipo de edição contempla, portanto, um público mais amplo. Entretanto, partindo do referido princípio

de que se deve começar a construção do campo bibliográfico de um texto pelas edições mais conservadoras, a edição interpretativa do texto de Isaac presente no códice *ricc. 1489* foi postergada.

Diante das vantagens oferecidas por uma edição estabelecida segundo os moldes de uma edição paleográfica e tendo à disposição a edição *princeps* (de 1500), editada paleograficamente por Vilaça (2004), julgou-se conveniente optar por uma edição paleográfica do *Libro dell'Abate Isaac di Siria* (códice *ricc. 1489*) acompanhada por um aparato de variantes textuais e lingüísticas obtidas por meio da comparação desses textos.

Para evidenciar a relevância do estudo comparativo textual e lingüístico do *Livro de Isaac* em testemunhos de natureza diferente – o ms. *ricc. 1489* e a edição *princeps* de 1500 –, é interessante citar aqui o que dizem Migliorini & Baldelli (1989) sobre a transmissão de textos nos primórdios da imprensa. Após ressaltar a invenção da imprensa no século XV como produtora de uma revolução no mundo cultural que trouxe consigo conseqüências lingüísticas significativas, os autores informam que os editores passam a produzir exemplares em grande escala, se preocupando apenas em ser compreendidos pelo seu público e não privado do prazer da leitura. De acordo com Migliorini & Baldelli (1989, p. 118):

No princípio o tipógrafo não faz nada além de confiar ao compositor um manuscrito que lhe chega em mãos; mas posteriormente se manifesta necessário o trabalho dos corretores, e esse trabalho assumirá tanto maior importância quanto mais a satisfação geral adquirir formas precisas. O corretor de tipografia, mais do que cuidar para que o livro impresso venha a lume conforme a vontade do autor (preocupação que só ultimamente se afirmou), pensa em apresentá-lo com um aspecto gramatical correto e coerente, e com palavras largamente inteligíveis. (Tradução nossa).¹⁰⁷

¹⁰⁷ No original: “Da principio il tipografo non fa che affidare al compositore un manoscritto che gli capita fra mano; ma poi si manifesta necessaria l’opera dei correttori, e quest’opera assumerà tanto maggiore importanza quanto più il gusto generale prenderà forme precise. Il correttore di tipografia, piuttosto che curare che il libro a stampa riesca conforme al volere dell’autore (preoccupazione che solo modernamente si è affermata), pensa a presentarlo con un aspetto grammaticale corretto e coerente, e con parole largamente intelligibili.”

Assim sendo, do ponto de vista textual, o cotejo desses textos teve como escopo examinar diversos aspectos que podem contribuir para revelar a presença ou a ausência de relação genealógica entre eles (isto é, se pertencem ou não a uma mesma tradição). Dessa forma, atestaram-se:

- na edição *princeps*, passagens ausentes no manuscrito *ricc. 1489* (cf., p. ex., o primeiro lugar-crítico – doravante, LC – das ls. 529 e 4146, o da l. 1298 e o terceiro da l. 4275) e vice-versa (cf., p. ex., o segundo LC da l. 736, o da l. 3288, o terceiro da l. 3899 e o primeiro LC da l. 3908);
- diferenças com relação à divisão dos capítulos 13 (cf. nota 327, fól. 41v) e 49 (cf. nota 857, fól. 155r);
- significativas diferenças nos títulos dos capítulos 8, 10, 13 e 27, além da ausência de título em dois capítulos do manuscrito (cf. notas: 781, fól. 140r; e 793, fól. 142v) e da ausência, no manuscrito, do título do capítulo 52 da edição *princeps*, cujo conteúdo corresponde a parte do capítulo 49 do manuscrito (cf. nota 857, fól. 155r);
- lugares-críticos (ou pontos de divergência textual) ao longo de todo o texto, tais como: diferentes escolhas lexicais equivalentes ou não (cf., p. ex., o LC da l. 44 e o segundo da l. 165), inversão na ordem de elementos textuais (cf., p. ex., o primeiro LC da l. 32), presença x ausência de elementos textuais (cf., p. ex., o primeiro LC da l. 55 e o segundo da l. 390).

Embora tenha sido comprovada a equivalência em relação à ordem do texto nos dois testemunhos comparados, as diferenças assinaladas sugerem ter havido mais de uma tradição do *Livro de Isaac* para o italiano e que os textos comparados provenham de tradições diferentes. Essa hipótese é reforçada pelo estudo da variante textual presente na linha 1298 (fól. 40v) e reproduzida a seguir, feito por Cambraia, Melo & Vilaça (no prelo).

ms. *ricc. 1489*: Sicome] **ed. 1500:** Quella terra e fertile laquale ralegra el suo lauratore col fructificare a cento per vno. Nelanima che e fermata nela memoria de dio *et* nele vigilie che *non* dorme ne di ne nocte: iui il signore edifica sopra la stabilita sua: la neuola che la copre col di uino lume ad illuminare la nocte: *et* intra la sua caligine resplendera la luce. Si come (p. 176 deste trabalho).

A variante constante da edição *princeps* de 1500 foi encontrada em testemunhos do *Livro de Isaac* em latim, português, catalão, espanhol e francês. De acordo os autores, trata-se de uma variante genuína, já que consta da tradição siríaca.

Do ponto de vista lingüístico, os testemunhos foram confrontados com o propósito de se identificar fatos significativos de variações e mudanças lingüísticas ocorridos na passagem do século XIV para o XVI. Dessa maneira, verificaram-se ter havido, por exemplo:

- um processo de dissimilação da primeira vogal <a> da palavra <sanza> (forma arcaica presente no ms. *ricc. 1489*), que passou a <senza> (edição *princeps*);
- variações no emprego de formas apocopadas: no ms. *ricc. 1489*, a apócope é comum em preposições articuladas e verbos no infinitivo seguidos por pronome objeto-acusativo – cf. (l. 20), <al> (l. 21), <nel> (l. 145), <cola> (l. 290), <consolarla> (l. 857) –, embora também seja observada de forma esparsa em muitos outros casos – p. ex., <nolla> (l. 425), <frate> (por *fratello*) (l. 120), <segnor> (l. 451), <liberta> (por *libertade*) (l. 473); a edição *princeps*, ao contrário, apresenta uma gama mais variada e mais freqüente de emprego de formas apocopadas: além das encontradas no ms., encontram-se apócope nas palavras <operation>, <honor>, <esser>, <studiar>, <resuscitar>, dentre outras;
- uma ampliação do significado da forma <stato> – no ms. *ricc. 1489*, a forma <essuto> foi usada para designar o particípio passado do verbo *essere* em perífrase verbais (<non sarebbe essuto> (ls. 3235-3236)), ao passo que a forma <stato> foi usada como substantivo (<lo stato delanima> (ls. 4055-4056)); na edição *princeps*, não há ocorrência da forma <essuto>, tendo a forma <stato> assumido a sua função;

- um processo de gramaticalização do verbo *avere* – no ms. *ricc. 1489*, esse verbo é interpretado como item lexical em perífrases verbais, uma vez que as formas de particípio passado que compõem essas perífrases concordam em gênero e número com o objeto-acusativo, como em <Chi non ae acquistata loperatione corporale [...]> (ls. 28-29); na edição *princeps*, a perda dessa concordância no mesmo contexto – <Chi non ha acquistato loperation corporale [...]> – denota que o verbo *avere* passou a ser entendido como auxiliar, tendo se tornado um item gramatical.¹⁰⁸

Dentre todos os tipos de variações e mudanças lingüísticas, as de natureza fonético-fonológica são as mais facilmente notadas, visto que a ortografia tenderia a refletir a pronúncia do copista. Dessa forma, de acordo com Battelli (1999, p. 18), a ortografia, especialmente nos séculos de “minor cultura”, é um indício da proveniência de um manuscrito.

Não se sabe quais teriam sido o(s) modelo(s) utilizado(s) pelo copista do manuscrito quatrocentista, nem o(s) utilizado(s) pelo editor do testemunho de 1500. Entretanto, é sabido que tanto copistas como editores faziam intervenções, intencionais e/ou não-intencionais, nos textos. De acordo com Cambraia (2005, p. 80), parte dessas intervenções se devia à diferença entre a língua a ser copiada e a língua do copista (isto é, caso de aloglossia) e acontecia ao momento do “ditado interior” (uma das operações básicas do processo de cópia). Além disso, de acordo com Giovanardi (2003, p. 29), até o século XVI imperava um sistema multigráfico na Itália: cada cidade, cada corte possuía seus próprios hábitos de escrita. Somente a partir desse século, junto com a afirmação do toscano como língua nacional e com a invenção da

¹⁰⁸ Ainda que irregularmente, a concordância do particípio passado com o objeto-acusativo é atestada no período medieval de todas as línguas românicas. Posner (1996, p. 257) afirma que a possibilidade de concordância teria cessado entre os séculos XV e XVII. Assim, no ms. *ricc. 1489*, essa concordância é observada em qualquer contexto; ao passo que na edição *princeps*, assim como no italiano standard contemporâneo, quando o verbo auxiliar da perífrase verbal é *avere*, o particípio passado do verbo principal só concorda com o objeto-acusativo em gênero e número quando este é proclítico em relação ao verbo auxiliar.

imprensa, começa a ser também fixada a norma gráfica do italiano. Também a primeira gramática italiana (*Prose della volgar lingua*, de Pietro Bembo), datada de 1525, é posterior à preparação dos testemunhos do *Livro de Isaac* selecionados para este trabalho. Presume-se, portanto, que tanto o copista do manuscrito quatrocentista como o editor do testemunho de 1500 não fizeram uso rigoroso de normas gramaticais e ortográficas na preparação do texto do *Livro de Isaac*.

Um valioso exemplo para essa relação entre ortografia e origem do texto seria a variação no emprego de formas apocopadas nos dois testemunhos comparados. Segundo Lausberg (1974, p. 226), o latim vulgar tinha a tendência de evitar a consonância em final de palavra. Essa tendência teria sido mais fortemente mantida nos dialetos da Itália central e do sul, em contraposição aos dialetos do norte da Itália e aos demais dialetos românicos. Sendo assim, considerando que o texto da edição *princeps* italiana do *Livro de Isaac* tenha sido publicado em Veneza, postula-se que, embora o texto tenha sido escrito no dialeto de prestígio (de base florentina), o dialeto do editor (provavelmente o veneziano, caracterizado pela tendência ao apagamento de vogais/sílabas finais, juntamente com os demais dialetos da România Ocidental) tenha influenciado no processo de preparação desse texto. Contudo, essa hipótese ainda não pôde ser suficientemente testada.

O aparato gerado pela comparação dos textos constitui um *corpus* rico e rigorosamente preparado para estudos lingüísticos diacrônicos no âmbito dos mais variados níveis da linguagem (grafemático, fonético-fonológico, morfológico, sintático e semântico), e uma fonte indispensável para as investigações acerca da tradição italiana do *Livro de Isaac*, na medida em que contribuirá para uma posterior elaboração do *estema* de todos testemunhos italianos desse texto (etapa fundamental para a realização de uma edição crítica). No entanto, devido ao volume de dados, julgou-se prudente deixar a sua análise (qualitativa e quantitativa) e sistematização para o futuro.

Por fim, apresentados os argumentos que justificam a complexa escolha do tipo de edição, passa-se à uma breve descrição dos procedimentos e normas que nortearam a transcrição do texto e a constituição do aparato de variantes.

3.2. Normas e procedimentos adotados para a transcrição do texto

Dado o público-alvo a que se destina esta edição paleográfica, decidir quais e como serão aplicadas as normas no processo de transcrição do texto é uma tarefa delicada, que exige uma ciência das características gerais do manuscrito, bem como de suas especificidades.

Apesar de serem orientadas pelos mesmos princípios, as normas empregadas em edições paleográficas variam de texto para texto, e de editor para editor. Diante da impossibilidade de se discutir neste trabalho tais variações, são apresentadas a seguir, de forma sucinta, as normas empregadas no estabelecimento do texto da edição paleográfica do *Libro dell'Abate Isaac di Siria* presente no *códice ricc. 1489* da BRF, entre os fólhos 4r e 155v. Essas normas tiveram como base as sugeridas por Cambraia (2005, p.129-130), já aplicadas, em essência, por Cambraia (2000), na edição do *Livro de Isaac* constante do *códice ALC 461*, e por Vilaça (2004), na edição dos testemunhos italianos impressos em 1500 e em 1720.

a) Transliteração dos caracteres alfabéticos

Os caracteres alfabéticos foram transcritos como caracteres romanos redondos, reproduzindo-se as diferenças de módulo. Vale assinalar que a distinção entre maiúsculas e

minúsculas foi baseada na morfologia dos caracteres, sendo as maiúsculas de módulo menor e as minúsculas de módulo maior transcritas, respectivamente, como maiúsculas e minúsculas.

As variantes formais dos grafemas foram uniformizadas segundo a forma mais moderna, exceto no caso dos grafemas <u> e <v> / <i> e <j>. Sobre o emprego de certas variantes formais no ms. *ricc. 1489*, consulte-se o item (b) da seção 2.4.2.1 deste trabalho.

O <a> uncial – <**a**> (l. 193-4) / <**a**> (l. 624-6) –, que varia com o <a> gótico redondo <**a**> (l. 7-3), embora apareça muitas vezes em módulo de maiúscula, foi sempre transcrito como minúscula, tendo as suas ocorrências informadas em nota. Também as capitulares são informadas em nota.

Os caracteres e sinais de pontuação escritos ou decorados com tinta vermelha ou amarela foram transcritos em negrito. Quando um caractere sobreposto se encontra em rubrica ou apresenta qualquer tipo de decoração, informa-se em nota.

Visto que o corpo dos caracteres varia gradativamente em todo o códice – cf., p. ex., a sua diminuição no fólio 17r a partir da l. 309 –, as variações observadas não foram assinaladas.

b) Abreviaturas

As abreviaturas foram todas desenvolvidas com base nas formas por extenso presentes no modelo, transcrevendo-se em itálico os caracteres acrescentados em substituição ao sinal abreviativo. Entretanto, o desenvolvimento de abreviaturas é uma questão complexa, uma vez que muitos sinais que são polissêmicos (cf. a seção 2.4.2.2 deste trabalho) e, em alguns casos, há variação na forma por extenso. Sendo assim, convém apontar aqui alguns critérios usados para minimizar os casos de dúvida:

- quando há variação nas formas por extenso, a abreviatura foi desenvolvida tal como na forma por extenso mais freqüente;
- quando não há forma por extenso, o desenvolvimento foi baseado em formas correlatas¹⁰⁹;
- a nota tironiana <ꝛ> foi substituída pela conjunção aditiva <et> em qualquer contexto;
- em abreviaturas por letra sobreposta, essa letra também é transcrita em itálico;
- nos *nomina sacra*, foram transcritos em itálico os caracteres abreviados e os que refletem a imagem da letra grega (assim: <x> = <ch>, <p> = <r>, <h> = <e>);
- quando a abreviatura também é marcada por ponto, este é transcrito, visto que o sistema de pontuação do códice não foi suficientemente analisado.

Enfim, quando a dúvida com relação ao desenvolvimento da abreviatura não é solucionada pelos critérios descritos, os sinais alfabéticos que substituem o abreviativo são transcritos em itálico entre parênteses redondos simples¹¹⁰.

¹⁰⁹ Essa solução contempla, por exemplo, as abreviaturas <dco>/<dca>/<dce> (marcadas pelo *titulus* sobre o caractere <c>), que não possuem forma por extenso correspondente no texto (isto é, não há <decto> nem <dicto>), mas todas as formas variantes com <-tt-> por extenso são com <e>, como em <detto>. Sendo assim, as formas abreviadas foram transcritas como <decto>/<decta>/<decte>. Procedeu-se de modo semelhante com <douque> (marcada pelo *titulus* sobre o segundo <u>), que, embora não tenha ocorrido com a consoante nasal por extenso, esta foi desenvolvida como <m>, devido à maior freqüência dessa consoante nas formas <chiumque>, <adumque>, <dumque> e <quantumque>, correlatas de <douumque>.

¹¹⁰ Considera-se de desenvolvimento duvidoso, a abreviatura de consoante nasal antes de outra nasal (como em <i(n)me> (l. 3815), <co(n)misura> (l. 4632)), devido à possibilidade de ser um caso de *raddoppiamento fonosintattico* (cf. nota 114 deste trabalho).

c) Diacríticos

A plica, conforme já assinalado na seção 2.4.2.3, não parece ter função significativa no códice, por isso, não foi transcrita. A cedilha, por sua vez, foi transcrita de acordo com sua forma atual, mantendo-se o seu uso tal como no modelo.

d) Translineação e separação vocabular

A translineação foi reproduzida conforme o modelo. Procurou-se manter também a separação vocabular do modelo, não obstante essa decisão imponha a cruel dificuldade de se determinar o que está junto e o que está separado. De acordo com Cambraia (2005, p. 120), essa dificuldade se dá, porque “[...] a extensão do espaço em branco varia consideravelmente, sobretudo na segunda metade da linha, quando a margem direita começa a se aproximar e o copista tende a comprimir o texto para respeitar a margem [...]”. No ms. *ricc. 1489*, outros recursos usados para respeitar o limite direito da mancha são: o alargamento de caracteres e o prolongamento de seus traços terminais (cf. item (d) da seção 2.4.2.1). Diante dessa adversidade, optou-se por:

- considerar a disposição dos caracteres em relação aos seus vizinhos e em relação aos demais caracteres da linha: quando o espaço entre um caractere e os seus vizinhos é semelhante e menor do que o necessário para a inserção de um caractere como o <o>, eles foram mantidos juntos; em contrapartida, se esse espaço varia, o caractere é agregado àquele em relação ao qual o espaço é menor;

- separar do caractere seguinte os caracteres com prolongamento do traço terminal, exceto quando estes se encontram em posição inicial (caso das maiúsculas e de algumas ocorrências de <c-> e <g->);
- separar a nota tironiana dos caracteres adjacentes, uma vez que a sua posição, ora contígua ao caractere seguinte ora ao precedente, dificulta a sua identificação.

e) Pontuação

Os sinais de pontuação foram mantidos e transcritos junto ao caractere precedente (apesar de muitas vezes aparecer contíguo ao caractere seguinte), segundo as formas presentes no modelo, a saber: ponto < . >, barra inclinada < / >; barra vertical < | >; caldeirão de parágrafo com o traço interno <¶>; caldeirão de parágrafo sem o traço interno <§>; vírgula <,>; e ponto-e-vírgula invertido < : >¹¹¹. Apenas o traço horizontal contínuo não foi transcrito, porém mencionou-se em nota a sua localização e extensão.

f) Caracteres de leitura duvidosa

Os caracteres de leitura duvidosa – seja por estarem borrados, seja por terem sido mal traçados – foram transcritos entre parênteses redondos simples.

¹¹¹ A vírgula e o ponto-e-vírgula invertido foram usados apenas uma vez: a primeira na l. 1735 e o segundo na linha l. 5843.

g) Caracteres de leitura impossível

Os caracteres de leitura impossível, seja por desgaste do suporte ou da matéria aparente seja por estarem borrados, foram transcritos como pontos dentro de colchetes precedidos pela cruz † (o número de pontos corresponde ao de caracteres não legíveis estimado). Quando para esses caracteres não há correspondentes na edição *princeps* ou há diferença no número de caracteres dos testemunhos (isto é, quando em uma das lições há sinal abreviativo ou qualquer outra diferença gráfica), informou-se em nota, sempre que possível, quais seriam os caracteres ilegíveis. Ressalta-se ainda que os caracteres legíveis no original e que na cópia encontram-se apagados não foram assinalados nem mencionados em nota.

h) Correções

Todas as correções feitas no manuscrito, sejam do mesmo punho que copiou o texto ou de outro punho, foram assinaladas. Os caracteres modificados tiveram sua forma primitiva informada em nota. Nos casos de supressão, os caracteres riscados ou subpontilhados foram transcritos entre chaves duplas, indicando-se em nota qual dos dois recursos foi empregado. Nos casos de inserção, os caracteres pertencentes ao texto foram transcritos no ponto do texto pertinente (muitas vezes assinalado pelo próprio autor da emenda) entre parênteses uncinados duplos, quando presentes na entrelinha; e entre parênteses uncinados simples seguidos por chaves simples, quando nas margens. Os caracteres nas margens que não fazem parte do texto foram informados em nota.

i) Intervenções do editor

As inserções conjecturais foram realizadas por meio de acréscimo de elementos por força do contexto entre parênteses uncinados simples, sempre que sem o(s) caractere(s) inserido(s) a palavra não exista – é o caso de <ob<s>churi> (l. 1449)¹¹². Para sinalizar as supressões conjecturais, transcreveu-se os erros por repetição entre colchetes duplos (supressão homeotelêutica), e os erros de outra natureza entre chaves simples¹¹³.

j) Identificação dos fólhos, faces e linhas

A numeração dos fólhos foi reproduzida conforme a numeração arábica mecânica presente na margem de cabeça à direita em seus respectivos *rectos*, e aparece ao centro da margem de cabeça de cada fólho seguida pela indicação da face do fólho (*r = recto*, *v = verso*), ambos em itálico e entre colchetes simples. Já a numeração das linhas foi inserida na margem esquerda dos fólhos, contando-se de 5 em 5, em duas seqüências contínuas: a primeira, do fólho 4r ao 9r (ls. 1-233); e a segunda, que compreende o que se aqui se identifica como *Livro de Isaac*, do fólho 10r ao 155v (ls. 1-6146).

¹¹² Essa norma dispensa a inserção de caracteres em palavras frequentemente apocopadas – sobretudo os monossílabos átonos <con> (<copublicani> (l. 451)), <non> (<nogli> (l. 1851)) – ou elididas – como o artigo *la* em <Lumilita> (l. 1103) e a segunda pessoa do verbo *essere* em <se> (l. 811).

¹¹³ Foi considerada supressão conjectural de natureza diferente da homeotelêutica, a ocorrência <uesti> (l. 162). Nesse caso, postula-se que o copista, distraído, tenha começado a escrever a palavra <uestimenti> e parado no meio, recomeçando em seguida. Essa hipótese foi aventada a partir da constatação de dois fatos: a impossibilidade de se tratar de uma forma pertencente ao paradigma do verbo *vestire*; a não-ocorrência das formas <uesti> ou <ueste> (que poderiam ser formas abreviadas de <uestimenti>).

k) Alterações no suporte e na matéria aparente

As alterações no suporte, tais como desgaste e mutilação de fólios, e as mudanças na coloração da tinta utilizada para a cópia do texto foram informadas em nota.

Enfim, com o propósito de auxiliar a leitura da edição paleográfica realizada neste trabalho, organizaram-se os recursos especiais utilizados na transcrição paleográfica e seus respectivos valores na quadro a seguir.

QUADRO 6
Recursos especiais utilizados na transcrição paleográfica

RECURSO	VALOR
Negrito	Caracteres e sinais de pontuação escritos ou decorados com tinta vermelha ou amarela.
<i>Itálico</i>	Desenvolvimento de abreviatura.
()	Leitura duvidosa, abreviaturas de desenvolvimento duvidoso, caracteres mal traçados.
<< >>	Caracteres na entrelinha.
<{ }>	Caracteres na margem.
{{ }}	Caracteres riscados ou subpontilhados.
[†...]	Caracteres ilegíveis (nº de pontos = nº estimado de caracteres).
< >	Inserção do editor por conjectura.
[[]]	Supressão do editor por erro de repetição.
{ }	Supressão do editor por erro de natureza não-homeotelética.

3.3. Critérios adotados para a constituição do aparato

No aparato, os lugares-críticos foram assim ordenados: número da linha de ocorrência no manuscrito (em negrito): variante presente no ms. *ricc. 1489*] variante presente na edição *princeps*. O número da linha de ocorrência das variantes corresponde ao número da linha onde começa a transcrição. Em casos de supressão de itens em trecho mais longo, marcada com reticências entre colchetes simples, coloca-se o número da linha inicial e final da transcrição. Esse número é seguido pelas variantes do LC na ordem em que aparecem na linha, separadas por colchete simples. Em casos de dupla ocorrência de uma variante na mesma linha, quando a ordem de ocorrência poderia gerar dúvida a respeito de qual delas estava sendo comparada, acrescentou-se a palavra ou seqüência sucessiva ao item comparado – cf., p. ex., a comparação entre <di> e <de> na linha 3354 (*diletitia*] de *letitia*), em que há outra seqüência <di> na linha antes do próximo LC a ser notado. Quando ainda assim poderia haver dúvida na identificação da variante, adicionou-se ao item cotejado a palavra ou seqüência que o antecede – cf., p. ex., a comparação entre presença x ausência do artigo <la> na linha 5720 (*nasce la*] nasce \emptyset), em que há duas seqüências <laluce>. Por fim, assinala-se que os lugares-críticos pertencentes a uma mesma linha, separados por ponto-e-vírgula, foram dissociados da linha seguinte por barra inclinada.

Como se pode observar no referido exemplo da linha 5720, a ausência de um item na edição *princeps* em relação ao manuscrito foi marcada com o sinal < \emptyset >. Além disso, no intuito de restringir o número de informações no aparato, os elementos aglutinados às variantes – artigos, pronomes, preposições – não foram reproduzidos, desde que coincidentes, é claro. Dessa maneira, variantes como <sapressa] sappressa> (l. 3728) foram registradas sem o <s-> inicial que representa o pronome reflexivo *si*; igual procedimento foi adotado na reprodução de variantes como <trarrelo] trarlo> → <trarre] trar> (l. 2013), <daprossimarsi]

dapproximarsi> → <aprossimar] approximar> (l. 3159), <dinpreregionare] dimpreregionare> → <inpreregionare] impreregionare> (l. 4192), <luomo] lhomo> → <uomo] homo> (l. 4294).

Foram registradas no aparato todas as divergências significativas do ponto de vista textual e lingüístico, isto é, aquelas que não se limitam à grafia. Nesse sentido, além das divergências que prescindem de comentário, compararam-se os casos de:

- degradação do códice *ricc. 1489*, de modo a tentar recuperar o que se encontra apagado ou borrado – p. ex., <[†..]p[†..... ..]mpero] di farlo riposare: impero> (l. 4710);
- inserção conjectural quando o(s) caractere(s) inserido(s) gera(m) uma forma divergente da atestada na edição *prinpeps* – p. ex., <se<g>reti] secreti> (l. 4479);
- leitura duvidosa que apontaram para caracteres diferentes dos encontrados na edição *princeps* – p. ex., <uirt(a)] vertu> (l. 4733);
- consoante dobrada x consoante simples – p. ex., <battuto] batuto> (l. 127);
- *raddoppiamento fonosintattico* (ou *rafforzamento*)¹¹⁴, com ou sem abreviatura – p. ex., <semmedesimo] se medesimo> (l. 833) / <semmedesimo] se medesimo> (l. 1912), <chennasce] che nasce> (l. 3925);
- presença x ausência da vogal <i> após o grupo <gl> – p. ex., <marauigliose] marauegliose> (l. 134);
- <m> x <n> (não em forma abreviada) – p. ex., <conprese] comprese> (l. 339);
- <ç> x <t> – p. ex., <prouedença] prouidentia> (l. 290);

¹¹⁴ Em determinadas seqüências de duas palavras que pertencem à mesma cadeia sonora, a pronúncia do italiano centro-meridional prevê um reforço da consoante inicial da segunda palavra. De acordo com PATOTA (2002, p. 104-106), esse reforço, conhecido como *raddoppiamento fonosintattico*, pode ser definido como uma assimilação regressiva no interior da frase. D'Achille (2004, p. 72-73) assinala que tal fenômeno só é graficamente representado em compostos (p. ex., *a fresco* → *affresco*) e imperativos (p. ex., *dimmi*), embora seja freqüente a sua representação em manuscritos antigos.

- <ç> x <z>, já que o primeiro é sempre surdo [ts], mas o segundo pode ser surdo [ts] ou sonoro [dz] – p. ex., <dinançi] dinanzi> (l. 26);
- <c> x <t> – p. ex., <pretiosa] preciosa> (l. 130);
- <z> x <t> – p. ex., <ringraziare] ringratiare> (l. 935).

Em compensação, optou-se por não comparar:

- o conteúdo dos reclamos;
- as diferenças de separação vocabular;
- as diferenças de pontuação;
- as diferenças de módulo (maiúsculas x minúsculas);
- <et> (por extenso ou abreviado com a nota tironiana) x <e>;
- os casos em que a inserção ou a supressão conjectural tornam coincidentes as variantes – cf., p. ex., <cogitationi] cogi<ta>tioni> (l. 216) e <picc[[c]]ole] piccole> (l. 4392);
- as diferenças decorrentes de desenvolvimento de abreviatura com sinal polissêmico em um dos testemunhos ou em ambos – p. ex., <homo] huomo> (l. 50), <alchun] alcuno> (l. 1874);
- as diferenças grafemáticas entre:
 - ❖ <ch> x <c>, <ch> x <k> e <c> x <k> antes de <a, o, u> – p. ex., <ciecho] cieco> (l. 69), <Alkuni] Alcuni> (l. 1364), <karissimj] charissimi> (l. 4166);

- ❖ <c> x <ç> antes de <e, i> – p. ex., <guancie] guançie> (l.4129), <dolceza] dolçeça> (l. 3394)¹¹⁵;
- ❖ <f> x <ph> – p. ex., <profeta] propheta> (l. 896), <filosofo] philosopho> (l. 4777);
- ❖ <gh> x <g> antes de <a, o, u> – p. ex., <leghame] legame> (l. 16), <afflighono] affligono> (l. 36), <ghusti] gusti> (l. 315);
- ❖ <g> x <i> – <giusto] iusto> (l. 267), <ariento] argento> (l. 68);
- ❖ presença x ausência de <h>, exceto nos grupos <che>, <chi>, <ghe> e <ghi> – p. ex., <allora] allhora> (l. 322), <auere] hauere> (l. 1225), <riprendere] riprehendere> (l. 1226);
- ❖ <i> x <j>, <i> x <y> e <j> x <y> – p. ex., <negligentj] negligenti> (l. 5972), <martiri] martyri> (l. 745), <jmagine] ymagine> (l. 4341);
- ❖ <qu> x <cu> – p. ex., <quore] cuore> (l. 17);
- ❖ <u> x <v> – p. ex., <uincera] vincera> (l. 103), <divina] diuina> (l. 2783).

3.4. Texto da edição paleográfica do *Libro dell'Abate Isaac di Siria* (cód. *ricc. 1489* da BRF)

A transcrição do códice *ricc. 1489* apresentada a seguir baseou-se na versão microfilmada (digitalizada e impressa) dos fotogramas enviados pela BRF em setembro de 2005. Entretanto, as já referidas falhas apresentadas por essas imagens fizeram necessária a

¹¹⁵ Esse LC foi mantido em razão da diferença entre <z> x <ç> na última sílaba.

consulta direta ao códice no período de 25 de junho a 12 de julho de 2007 a fim de se sanar as dificuldades de leitura por elas impostas.

Para a comparação dos textos, utilizou-se a referida versão microfilmada do ms. *ricc. 1489* e a cópia impressa da edição *princeps* de 1500 adquirida junto à Bibliothèque Nationale de France em outubro de 2003.

Jnnominedomini nostri iesuchristi. amen.¹¹⁶

Questo e illibro de abbate

Ysaac di siria. Porrannosi in¹¹⁷

prima icapitoli¹¹⁸

- 5 <{¶}> **PR**ima¹¹⁹ delauita sua *secondo*chel
la discriue *sancto* gregorio papa.
¶ Chome *lanima* sidee posare indio et
delcontento delmondo. **i** i¹²⁰
¶ Deleuigilie. **ii** 2
- 10 ¶ Delaperfectione delasolitudine <{iii 3}>
¶ Inche *modo*. douemo riprendere altrui <{iiij 4}>
¶ Chel*homo* giusto sidee armare contro
alletentationi. *et* quali sono lar
mi dadifendere. **v** 5
- 15 ¶ Del segno delacontemplatione dele
cose inueritade **vi** 6
¶ Chome *lanima* sida adoratione <{vii 7}>
¶ Ilsecondo *sermone* **viii** 8
¶ Chel*homo* dee fugire dalecagioni de
- 20 ¶ Dela prouedenza didio. **x** 10 liuitij <{viiij 9}>¹²¹
<{SMARRITO}>¹²²

1-4: Jnnominedomini [...] **icapitoli**] ¶ Seguita gli capituli / **5-6:** <{¶}> **PR**ima [...] gregorio papa] Ø / **7:** *dee*] de; posare] possare / **8:** contento] contempto; **i** i] Sermone primo / **9:** 2] Ø / **10:** 3] Ø / **11:** *riprendere*] reprehendere; 4] Ø / **12:** *dee*] de; contro] contra / **13:** alle] Ø le; quali] quale; *armi*] arme / **14:** *difendere*] difendersi; 5] Ø / **15:** *dela*] de(l)la; dele] delle / **16:** 6] Ø / **17:** *adoratione*] aloratione; 7] Ø / **18:** Ilsecondo *sermone*] De molte cose ad informare lhomo in la religione *et* in la vita spirituale; 8] Ø / **19:** *dee*] de / **20:** *Dela prouedenza didio*] De la humilita: *et* de la patientia; x 10] X Ø; li] Ø; uitij] vicij; **viiij**] IX; 9] Ø

¹¹⁶ <a> uncial.

¹¹⁷ Após o caractere <i>, há um traço contínuo até o limite direito da mancha.

¹¹⁸ Após a seqüência <icapitoli>, há uma linha ondulada em vermelho até o limite direito da mancha. Na edição *princeps*, a tábua de capítulos encontra-se após o texto de Isaac (entre os fólhos 69r e 70r).

¹¹⁹ <P> capitular.

¹²⁰ Ao fim do título de cada capítulo aparece o número do capítulo em algarismos romanos em rubrica, seguido pela numeração arábica com a tinta em que o texto foi copiado.

¹²¹ Este fólho possui 20 linhas.

¹²² <SMARRITO>, seqüência presente na margem inferior deste fólho, é o nome acadêmico da Crusca de Carlo Dati (possuidor do ms. *ricc. 1489* anterior ao Abade Niccolò Bargiacchi). Ao lado desse nome, há um carimbo da BRF.

- ¶ **Delbene deletentationi xi** 11
 ¶ **Del humilita et dela exaltatio**
 ne. dicolui chessi humilia **xii** 12
 25 ¶ **Jl terço sermone. xiii** 13
 ¶ **Delauerace humilitade. xiiii** 14
 ¶ **Delamasgione celestiale. xv** [†.]¹²³
 ¶ **Delauirtu senza fatica xvi** 16
 ¶ **Sermone dinterrogationi et**
 30 **Risponsioni xvii** 17
 ¶ **Dellordine delaconuersione mo**
 nastica *et* delacostantia *et* deladif
 ferentia *et* come luna uirtude
 nasce delaltra **xviii** 18
 35 ¶ **Jl modo. dela pugna contra coloro ke**
 uanno perlauia stretta chesoprasta al
 ¶ **Jlsecondo modo delapugna deldiauolo** <<20 20>>¹²⁴ **mondo** <{19}>
 ¶ **Jl terço modo delapugna contra coloro**
 chesonno robusti **xxi** 21
 40 ¶ **Jlquarto modo dela pugna xxii** <<22>>
 ¶ **Delecose chefanno aproximare**
 ilquore addio. **xxiij** 23

22: 11] Ø / **23:** Del] de la; humilita] humilitade / **24:** chessi] che se; 12] Ø / **25:** Jl terço sermone] De la instructione de la vita spirituale; 13] Ø / **26:** 14] Ø / **27:** masgione] magione; [†.]¹²³ Ø / **28:** uirtu] uirtude; senza] senza; 16] Ø / **29:** dinterrogationi] per interrogazione / **30:** Risponsioni] responsione; 17] Ø / **31:** Dellordine] Del ordine / **32:** costantia] constantia / **34:** de] da / **36:** uanno] vano; soprasta] vince; al] el / **37:** la] le; pugna] pugne; <<20 20>>] XX / **39:** 21] Ø / **40:** Jl] Del; <<22>>] Ø / **41:** aproximare] aproximare / **42:** ad] a; **xxiij]** e quale e la cagione di colui che si approxima: *et* quale sono quelle cose che menano ad humilitade. XXIII; 23] Ø

¹²³ O caractere borrado seria o número <1>.

¹²⁴ Após a seqüência <deldiauolo> há um traço em forma de “L”, indicando que a palavra <mondo> pertence à linha anterior.

- ¶ **J**nche *siconserua* labelleça delaconuer
satione monastica. Et inche cosa
45 e la forma delamonastica *conuersione*. <{24 24}>
¶ **D**elalteratione *et* delaconuersione
dicoloro keuanno *perlauia* didio. **xxv** 25
¶ **D**elisolitari *quando* cominciano a(n)tendere
doue sono uenuti. **xxvi** 26
50 ¶ **D**i non lasciare dicerchare ne
rafreddare nelecose spirituali **xxvii** <{27}>
¶ **D**elaforma delasperança indio *et* ki
spera bene *et* kimattamente **xxviii** 28
<{¶ Delaprouedenza didio **29**}>¹²⁵
55 ¶ **D**elarenuntiatione delmondo *et* dela
sommita delascientiaadpoglomini. **(3)0** <{30}>
¶ **C**home lotio delasolitudine eutile
alisolitari. *et* lasollicitudine dannosa <{31 31}>
¶ **D**e leuigilie delanocte laquale
60 e uia chefa aproximare addio. [[**31**]] <{32}>
¶ **D**elapotentia del effecto delenequi
tie *et* dande procedono *et* kille fa dis **3(3)** <{33}>
¶ **D**elaguardia delquore¹²⁶ soluere
et delasuttile *contemplatione*. **xxxiiij** <{34}>¹²⁷
65

43: belleça] belleça / **44:** in] Ø / **45:** *conuersione*] glorificatione; <{24 24}>] XXIII / **46:** *conuersione*] conuersione / **47:** uanno] vano; 25] Ø / **48:** cominciano] comenciano; a(n)tendere] ad intendere / **49:** uenuti] peruenuti; **xxvi**] in loro opere nel mare infinito de la solitudine *et* quando possono al quanto sperare che le loro fatiche comenciamo ad dare fructo. XXVI; 26] Ø / **50-51:** **D**i non lasciare [...] spirituali] De tre ordini ne li quali l homo fa *perfecto* / **51:** <{27}>] Ø / **52:** in] ad / **53:** 28] Ø / **54:** <{prouedenza}>] prouidentia; <{didio}>] de dio; <{29}>] XXIX / **55:** *renuntiatione*] renunciacione / **56:** *sommita*] sumita; *lascientia*] lastinentia; adpo] appresso; glomini] glihomini; **(3)0** <{30}>] XXX / **57:** *dela*] della / **58:** *lisolitari*] Ø solitari; la] come le; *sollicitudine*] sollicitudini; *dannosa*] sono dannose; <{31 31}>] XXXI / **59:** *nocte*] notte / **60:** *aproximare*] aproximare; ad] a; [[**31**]] <{32}>] *et* notrica la dolceça ne lanima. XXXII / **62:** *dande*] donde; *kille*] che le; **3(3)** <{33}>] XXXIII / **64:** *suttile*] sottile; <{34}>] Ø

¹²⁵ Este título encontra-se na margem inferior deste fólho.

¹²⁶ Após a seqüência <delquore>, há um traço horizontal e um outro em forma de “L”, indicando que a seqüência <soluere> pertence à linha anterior.

¹²⁷ Este fólho possui 22 linhas.

- ¶ Delisegni de la caridade **xxxv** <{35}>
 ¶ Deli modi deleuirtudi *et* diquelle ke
 non sono uirtudi. **xxxvi** 36
 ¶ Delmouimento delcorpo **xxxvii** <{37}>¹²⁸
 70 ¶ Delimodi didiuerse tentationi *et*
 degradi degliordini **xxxviii** 38
 ¶ Deletentationi deglamici didio ke
 son(o) humili. **xxxviii** 39
 ¶ Deletentationidesuperbi **xxxx** 40 **40**
 75 ¶ Delapaçientia **xLi** 41
 ¶ Delapusillanimitade **xLii** 42
 ¶ Cheuirtu corporale *et* kementale
 insolitudine *et* delimodi delaforzeza
 deleuirtudi **xLiii** 43
 80 ¶ Dela monditia delcorpo *et* delanima *et* de
 ¶ Delafede *et* desuoi oki [[**44**]] 45¹²⁹ *lamente* <{**44**}> <<44>>
 ¶ Delapenitentia **xLvi** 46
 ¶ Dela (s)cientia ke ançi Lafede *et* di
 que lla chenasce dela fede. Et due cap<itoli> <{**47**}> <<47>>
 85 ¶ Lanformatione denouitij 48¹³⁰
 ¶ Deliexempli delascri ptura Liguale

66: de] efficaci de; caridade] charita; **xxxv**] di dio. XXXV; <{35}>] Ø / **67:** uirtudi] virtude / **68:** sono] son; uirtudi] virtude; 36] Ø / **69:** <{37}>] Ø / **71:** de] come in loro e la dolceza che se fa *per* la virtude: *et* de; gradi] li gradi; de] *et* de; gli] li; **xxxviii**] per liquali va lhuomo intendente. XXXVIII; 38] Ø / **72:** glamici] li amici; didio] de dio / **73:** **xxxviii**] XXXIX; 39] Ø / **74:** **xxxx**] XL; 40 **40**] Ø / **75:** paçientia] patientia; 41] Ø / **76:** 42] Ø / **77:** uirtu] e virtude / **78:** dela forteza deleuirtudi] dele virtude: *et* dela forteça / **79:** **xLiii**] *et* dela differentia loro. XLIII; 43] Ø / **81:** suoi oki] gli ochij sui; [[**44**]] 45] XLV; <{**44**}> <<44>>] XLIII / **82:** 46] Ø / **84:** Et due cap<itoli>] ¶ De la *contemplatione* che vene da la gratia diuina. XLVIII ¶ De la solitudine. XLIX; <{**47**}> <<47>>] XLVII / **85:** Lanformatione] Dela informatione; nouitij] li nouiçi; 48] L / **86:** li] gli; *scri* ptura] scrittura; Li] sacra gli

¹²⁸ O número <3> sobrepõe o último <i> do número romano <xxxvii>.

¹²⁹ Após o número <45>, há um traço vertical indicando que a seqüência <lamente> pertence à linha anterior.

¹³⁰ Parece haver um <9>, em rubrica, sobre o número <8>.

cinduchono ad penitentia. **49** <{49}>¹³¹

Finiti icapitoli comincia La

uita delsancto abbate ysaac secondo ke

90 **ladiscriue sancto gregorio papa. nel prologo de**

JN¹³² uerita ne **lemorali**

primi tempi degotti fu

allato allacitta dispu

leto uno *homo* diuita mol

95 to uenerabile ilcui

nome era ysaac *lquale*

presso allaconsumatione diquelli gotti

uiuette *lquale* molti denostri cono

bero *et* maximamente una *sancta* uer

100 gine locui nome egregoria *Laqua*

le ora *inquesta* citta diroma allato

allachiesadisanta maria dimora

et habita. *Laquale* nel tempo dela

sua giouaneça essendo gia ordina

105 te lenoçe sissifuggi nelachiesa *et* di

mandaua laconuersione delasanta

uita. daquesto ysaac fu difesa *et* il abito¹³³

87: 49 <{49}>] LI. ¶ Doctrina vtile e generale *per monachi et* religiosi. LII / **88-233: Finiti icapitoli** [...] siri prende **Deo Gratias**] Ø

¹³¹ No texto da edição *princeps*, o capítulo 49 (códice *ricc. 1489*) é dividido em duas partes, tenho a segunda recebido o título: ¶ Doctrina vtile e generale *per monachi et* religiosi. LII.

¹³² <J> capitular ornada.

¹³³ <a> uncial.

ilquale desideraua colaiuto didio
 fu condotta. Iaquale *perchella* fuggi
 110 losposo *interra*. meritoe dauerlo *incielo*
 ¶ Et ancora diquesto medesimo *homo*.
 molte cose conobbi narrandole uno
 uenerabile *homo* chauea nome eleute
 rio. ¶ Iaquale *familiarmente* auea costui
 115 conosciuto *et* lacui uita rendea fed(e) *con*
 parole Questo *dumque* uenerabile
homo ysaac nonfu nato ditalia Ma io
 dico *quelli* miracoli iquali *conuersando*
 120 egli *in* ytalia fece. ¶ Quando pri
 mieramente deleparti *disyria*
 uenisse allacitta *dispuleto* entroe
in una chiesa *et* domandoe dacoloro ke
 guardauano chequanto uolesse *glides*
 sono licentia *dorare et* cheneles(e)crete
 125 hore nollo costrignessono duscire ¶ Iaquale
incontanente entroe aloratione *et*
 tuttoldie *conpiette* nel oratione Et si
 miglantemente Lanoc(e)ldi *sequente*

et anche ilterço di **Et** cio uedendo u
 130 no deleguardie en fiato dira ondegli
 douea fare *prode fecedanno et* comin
 cio adirechecostui era uno insigni
 tore *et conuillane parole incomincio*
 agridare dipocostui chetredi *et* trenoc
 135 ti sera mostrato dadorare dinanzi
 daglioki deglomini *et percosselo duna*
 ghotata¹³⁴ sicome simulatore dela reli
 giosa uita *et conuergogna glidisse*
 cheusci sse fuori delakiesa Marepentemen
 140 te uno maligno *spirito* entro *incostui.*
et aipiedi delhomo didio sigittoe et incomin
 cioe agridare colaboccha dicolui / y
 saac michaccia. ysaac michaccia Ma
 145 luomo peregrino chenonsisapea dike
 nome fosse. conosciuto. quello *spirito*
 ildisse *et gridoe. et chepotea essere chac*
 ciato dallui **Ma** *incontanente sopral*
 tormentato corpo luomo didio so
 prastette. *et lospirito*chel auea preso si

¹³⁴ Há um traço sob os caracteres <ta>.

150 parti Et *incontanente per* tutta lacittade
 fu manifesto quello che *in* quella kie
 sa fu fatto *et* cominciaro acorrerui *homini*
et donne nobili *et non* nobili *et* contencione
 sisfoçauan(o) dimenarlo nele loro ca
 155 se. Et altri diloro lipromettean poderi
 per hedificare monasteri *et* altri lipro
 m etteano grandi aiuti *et* altri pecunie
 Ma il seruodidio onipotente uscendo dela
 cittade neuna delecose dicostoro piglan
 160 do *non* molto dilungi trouoe unluogo
 deserto oue uno humile habitacolo sissi
 hedifichoe **al**quale¹³⁵ *in* fino ad tanto ke
 molti uann(o). *per* lexemplo dilui aldiside
 rio deleternale uita saccendono Et sot
 165 to lasua doctrina aldisiderio delonipoten
 te idio sidiedono Et *con*cio siacosa cheidi
 scepoli humilmente il *con*fortassero ad cio ke *per*
 luso del monasterio toglesse le possessioni
 che glieran(o) proferte **Q**uegli sollicito
 170 guardiano dela sua pouerta. Vna for<{te}>

¹³⁵ O <a> que inicia a seqüência <alquale> é de tipo uncial.

sententia tenea dicendo. **J**lmona¹³⁶
 cho che *interra* possessione domanda
 Monacho non e **C**osi *inuerita* temea
 egli di *perdere* lasicurta delasua pouerta
 175 sicome iricchi auari. lericcheçe kessi
 deono *perdere* guardare soglono **E**t cosi
 quiui colospirito delaprofetia **C**ongrandi
 miracoli. Lasua ui ta fu chiaraodgla
 bitatori dintorno *et adquegli* dalungi
 180 ¶ **V**ndiauespero disse aidiscepoli suoi
 chegittassero uanghe nellorto *et* lamat
 tina fatta *quocere* la chucina lapor
 taro *et* quante uanghe uauean git
 tate tanti *homini* uaueano lauorato
 185 iguali uerano entrati *perfurare* del
 herbe. mamutata lamente *perspirito* fe
 cercosi **E**tmangiato chebbono disse
 loro **N**on fate male. *Et* quante uolte
 uolete alchuna cosa dellorto uenite
 190 dalluscio *et* dimandare *et* colabenedi
 tione didio toglete *et* dalfurto ui

¹³⁶ <J> inicial.

guardare. *et di quelle herbe fece loro*
 dare. ¶ **u**na uolta uennero peregrini
 almonasterio adchiedere limosina
 195 diuesti menti *et* erano quasi nudi Ma
 egli conoscendo *perspirito* quello chauean fat
 t(o) / segretamente comandoe auno di
 scepolo chandasse alboscho auno arbore
 cauato *et* rechasse inuestimenti cheuitro
 200 uasse *et* cosi fece. Iquali uestimenta
 quelli uauean naschosi permostrar si bi
 sognosi *et* chiamatj coloro disse. togle
 te *et* uestiteui ¶ **J**quali conoscendo che
 rano *quelle* cheglauean naschose uergo
 205 gnaronsi *et* furon confusi. ¶ uno homo
 glipresentoe per ungarçone due sporte
 diuiuande *et* mandoglisi raccomandando
 Elgarzone naschostane una nelauia
 portoglene pur luna **ad**cui¹³⁷ Luo mo
 210 didio disse *et* ammonie **N**onfossi ardito
 figliuolo chetu incautamente tocchassi
 Lasporta chetu ai riposta nelauia *inpercio*

¹³⁷ <a> uncial.

[fól. 9r]

cheue entrato unserpente kenonti
 fedisse. Costui fuconfuso diuergogna
 215 ma lieto chera canpato delpericolo *et*
 cosi trouoe chera. ¶ Costuidumque
 colauirtu delabstinentia Coldispregio de
 le cose transitorie Colospirito delapropetia
 Cola *intentione* del oratione | sança
 220 misura fosse hornato | una cosa auea
 cheparea riprensibile inlui Cheal
 chuna uolta tanta letitia era inlui
 Che odiquelle tante uirtudi nonsisapes
 se chegli nefosse pieno oinneun modo sicre
 225 desse ¶ Et diquesto fa *questione* piero di
 achano ad *sancto* grigorio papa Alquale
 Risponde cosi *sancto* grigorio. Grande e pie
 tro ladispensatione de onipotente idio
 Chespesse uolte adiuene cheadcolui
 230 alquale dona legrandi cose nondona le
 picciole *perhumilitate*. *ad*cio¹³⁸ chericono
 schano dadio *lagratia et perfarne exercita*
 ti¹³⁹ chesempre¹⁴⁰ abbia ondegli siri prende **Deo Gratias**.

¹³⁸ <a> uncial.

¹³⁹ Após os caracteres <ti>, pode-se notar sinas que indicariam inserção de caracteres, entretanto não existem caracteres nas margens ou na entrelinha a serem inseridos.

¹⁴⁰ O caractere <p> apresenta dois sinas abreviativos (cf. nota 98 deste trabalho).

[A página 114 não foi disponibilizada neste arquivo.]

Incomincia lolibro del abbate¹⁴¹

Ysaac disiria Et prima come

**Lanima sidee posare indio et del con
tento del mondo. primo capitolo.**

5 **L**Anima¹⁴²

La qua

le ama

idio *in*so

lo idio ae¹⁴³

10 riposo.

Primie

ramente

prendi a¹⁴⁴

discioglere

15 date me

desimo ogne leghame difuori Et

allora tipotrai leghare colquore

condio. **J**npercio cheldiscioglimento da

le cose mondane uadinançi allole

20 ghare condio **J**lpasto del pane sida

alfanciu[†...]¹⁴⁵ dipo lolacte **E**t luomo

* No códice *ricc. 1489*, o texto de Isaac de Nínive inicia-se neste fólho e se estende até o fólho 155v; na edição *princeps*, esse texto é precedido por uma dedicatória, tendo início no fólho 2r e terminando no fólho 69r. Neste fólho, reinicia-se a numeração das linhas.

1: Incomincia] Questo e; **lo]** il / **2: di]** de; **Et prima]** Dela perfectione dela vita contemplatiua / **3: dee]** de; **posare]** possare; **contento]** contempto / **4: primo capitolo]** Sermone primo / **8: idio]** dio / **9: idio]** dio; ae] ha / **12: Primieramente]** Jn primeramente / **14: discioglere]** disciogliere / **17: allora]** allora / **18: Jnpercio]** Jmperho; chel] che lo / **19: allo]** alo; leghare] legar / **21: fanciu[†...]**] fanciuolo; dipo] dopo; uomo] homo

¹⁴¹ O <a> que inicia a palavra é de tipo uncial.

¹⁴² <L> capitular com miniatura (figura do Abade Isaac).

¹⁴³ <a> uncial.

¹⁴⁴ <a> uncial.

¹⁴⁵ Desgaste do suporte (buraco). Os caracteres seriam: <llo>

loquale siuuole dilectare ouero dilatare
 nelecose diuine *in prima sidee* sceuerare
 dalmondo sicome sisceuera ilfanciul
 25 lo dalepoppe delamadre. **L**operatione cor
 porale uadinançi aloperatione del *anima*. si
 chome adamo *prima* fu fatto dellimo
 delaterra cheglifosse lanima inspirata Chi
 non ae acquistata loperatione corporale Nonpuo
 30 auere¹⁴⁶ operatione danima **I**mpero chequesta
 nasce daquella sicome laspigha del
 nudo grano **E**t quelli chenon anno oper
 atione danima non anno doni spi
 rituali. **G**liexercitii diquesto seculo
 35 liquali si fanno *peruanitate*.¹⁴⁷ Nonsi acqua
 glano alledelitie dicoloro chessi affli
 ghono *inbuone* operationi. sicome ad
 coloro cheseminano *inlagrime* segui
 tano bracciate digioconditade **C**osi uie-
 40 ne laletitia dipo la flictione chessi
 sostiene *perdio*. **L**opane chessiacquista
 consudore pare dolce a[†...]¹⁴⁸ lauoratore
 . et cosi .

22: lo] el; uuole] vole / **23:** nele] nelle; dee] de / **24:** il] el / **25:** poppe] mammille / **26:** dinançi] dinanzi;
 operatione] operation / **27:** fatto] facto / **28:** gli] li / **29:** ae] ha; acquistata] acquistato; operatione] operation / **30:**
 operatione] operation / **31:** del] dal / **32:** nudo grano] grano nudo; operatione] operation / **34:** gli] li; seculo]
 seculo / **35:** si aguaglano] saguagliano / **36:** alle] ale; chessi] che si / **37:** buone] bone; ad] a / **38:** seguitano]
 segui[†..]no / **39:** bracciate] abbracciate / **40:** dipo] doppio / **42:** a[†...]] al

¹⁴⁶ <a> uncial.

¹⁴⁷ O sinal de pontuação < . > parece ter sido prolongado até o caractere <N>.

¹⁴⁸ Desgaste do suporte. Os caracteres seriam: <llo>.

[As páginas 117 a 406 não foram disponibilizadas neste arquivo.]

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em conta que todo manuscrito possui suas particularidades, justificadas pelo próprio processo de cópia (feita à mão), qualquer edição de um códice manuscrito possibilita uma avaliação das técnicas utilizadas em sua composição. Nesse sentido, a edição paleográfica do *Libro dell'Abate Isaac di Siria* presente no códice *ricc. 1489* da BRF contribui para discussões sobre normas de transcrição e de edição de manuscritos medievais.

O cotejo entre o texto de Isaac presente no manuscrito *ricc. 1489* e o constante da edição *princeps* de 1500 foi com efeito muito interessante, uma vez que se detectou uma grande quantidade de lugares-críticos, de natureza diversa. No plano lingüístico, o aparato de variantes concebido a partir desse cotejo constitui um *corpus* fértil e rigorosamente preparado para estudos diacrônicos no âmbito dos vários níveis de análise da linguagem (grafemático, fonético-fonológico, morfológico, sintático e semântico). No plano textual, esse aparato representa uma fonte indispensável para as investigações a respeito da tradição italiana do *Livro de Isaac*, uma vez que oferece um grande número de lugares-críticos significativos, o que certamente contribuirá para uma posterior construção do *estema* de todos os testemunhos italianos desse texto (etapa fundamental para a realização de uma edição crítica).

Portanto, julga-se que este trabalho favorecerá sensivelmente futuras pesquisas lingüísticas e crítico-textuais, na medida em que disponibiliza um conjunto rico de dados para serem explorados.

REFERÊNCIAS

1. Edições impressas da obra de Isaac de Nínive em italiano (em ordem cronológica)

BONETUM LOCATELLUM PRESBYTERUM (Ed.). *Il libro de l'abate Isaac de Syria de la perfectione de la vita contemplativa*. Venezia, 1500.

BUONAVENTURI, Tommaso (Ed.). *Collazione dell'Abate Isaac, e Lettere del Beato Don Giovanni dalle Celle, Monaco Vallombrosano, e d'Altri*. Firenze: Gaetano Tartini e Santi Franchi, 1720.

SILVESTRINI, Giovanni (Ed.). *Del Dispregio del Mondo: Collazione dell'Abate Isaac e Lettere del Beato Gio. dalle Celle e di altri*. Milano, 1839. (Biblioteca Scelta di Opere Italiane Antiche e Moderne).

SORIO, Bartolommeo (Ed.). *Collazione dell'Abate Isaac Recata alla Sua Vera Lezione con l'Aiuto e l'Autorità del Testo Latino Stampato a Venezia nel MDVI., col. ms. Zanotti del MCCCCLIV. e la Stampa di Venezia del MD. e in Questa Biblioteca Messa a Stampa per Cura del P. Bartolomeo Sorio*. Roma: Tipografia dei classici sacri, 1845. (Biblioteca Classica Sacra o sia Raccolta di Opere Religiose di Celebri Autori Edite ed Inedite dal Secolo 14. al 19).

GUALA-CAMPELLO, G. *Isaac Siro. Eremita di Monteluco*. Torino: Marietti, 1957.

GALLO, Maria & BETTIOLO, Paolo. (Ed.) *Isacco di Ninive. Discorsi ascetici / 1, l'ebbrezza della fede*. Roma: Città Nuova, 1984.

BETTIOLO, Paolo. (Tr.) ISACCO DI NINIVE. *Discorsi spirituali*. Comunità di Bose, Magnano: Qiqajon, 1985. [2. ed. rev. e ampl. 1990]

2. Outras edições impressas da obra de Isaac de Nínive citadas na dissertação

Sermones beati Isaac de Syria. Venetiis: [s.n], 1506. <latim>

BEDJAN, Paul. (ed.) *Mar Isaacus Ninivita De perfectione religiosa*. Paris/Leipzig: Otto Harrassowitz, 1909. 646p. <siríaco>

BROCK, Sebastian (Tr.). *The syriac fathers on prayer and the spiritual life*. Kalamazoo, Michigan: Cistercian Publications Inc., 1987. 381p. <inglês>

BROCK, S. P. (Ed.). ISAAC OF NINEVEH (Isaac the Syrian). *'The Second Part', Chapters IV-XLI*, Lovanii, Peeters, 1995a (Corpus scriptorium christianorum orientalium, vol. 554; Scriptorum syri, t. 224). 196p. <siríaco>

CHABOT, Jean Baptiste. *De S. Isaaci Ninivite vita, scriptis et doctrina; accedunt ejudem Isaaci tres integri sermones quos e codicibus syriacis Musaci britannici descripsit, latinitate donavit, notis instruxit et, collatione ad graecam versionem facta, nunc primum publici juris facit* I. B. Chabot. Paris: E. Leroux, 1892. 147p. <siríaco e latim>

GALLAND, Andrea. *Bibliotheca veterum patrum antiquorumque scriptorum ecclesiasticorum, postrema lugdunensi longe locupletior atque accuratior*. Venetiis: ex typ. J. B. Albritii Hieron. fil., 1765-81. Tomo XII, 1778, p. 3-35. <latim>

GOFF, Frederick R. *Incunabula in american libraries; a third census of the fifteenth-century books recorded in North American collections*. New York: Kraus Reprint, 1973 [New York, Bibliographical Society of America, 1964]. p. 333, item I-177 [I, 1500].

MIGNE, Jacques-Paul. *Patrologiae cursus completus. Series Graeca*. Paris: Ed. do Autor, 1865. Tomo 86, Col. 811-886. <latim>

MILLER, Dana (Tr.). *The ascetical homilies of St. Isaac the Syrian*. Traduzido por Dana Miller. Boston, Mass.: The Holy Transfiguration Monastery, 1984. 568p. <inglês>

THEOTOKIS, Nikephoros (Ed.) *Τοῦ ἁγίου Πατρὸς ἡμῶν Ἰσαάκ, ἐπισκόπου Νινευί, τὰ ἐὐρεθέντα*. Leipzig, 1770. <grego>

WENSINCK, Arent Jan. (Tr.). *Mystic treatises by Isaac of Nineveh*. Amsterdam: Koninklijke Akademie van Wetenschappen, 1923. 400p. [Reimpr.: Wiesbaden: Martin Sändig oHG.. 1969. <inglês>

3. Demais obras citadas na dissertação

'ABDISHO' DI NISIBE. *Scriptorum Ecclesiasticorum Catalogus*. In: ASSEMANI, J. S. *Bibliotheca Orientalis Clementino-Vaticana*, III, Romae: Propaganda Fide, 1725, p. 1-362, citado por CHIALÀ, Sabino. *Dall'ascesi eremitica alla misericordia infinita: Ricerche su Isacco di Ninive e la sua fortuna*. Firenze: Leo S. Olschki, 2000. (Biblioteca della Rivista di Storia e Letteratura Religiosa, Studi XIV).

ADINI, Giunia. *I codici 1701-1728 della Biblioteca Riccardiana di Firenze. Descrizione e storia*. Tesi di láurea in codicologia. Università degli studi di Firenze, Facoltà di lettere e filosofia. Anno accademico 1996-97. Relatore prof. Giancarlo Savino.

AGENO, Franca Brambilla. *L'edizione critica dei testi volgari*. 1. rist. della 2. ed. riveduta e ampliata. Padova: Antenore, 1999. (Medioevo e umanesimo, 22).

AMOS, Thomas L. *The Fundo Alcobaça of the Biblioteca Nacional, Lisbon*. Collegeville (Minnesota): Hill Monastic Manuscript Library, 1988-1990. 3 Vols.

AZEVEDO FILHO, Leodegário Amarante de. *Iniciação em crítica textual*. Rio de Janeiro/São Paulo: Presença/Edusp, 1987.

BATTELLI, Giulio. *Lezioni di paleografia*. 4.ed. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1999.

BROCK, Sebastian. St. Isaac of Niniveh. *The Assyrian*. London, 1986b. vol. 3, n. 6, p. 8-9.

BROCK, Sebastian. From Qatar to Tokyo, by way of Mar Saba: the translations of Isaac of Beth Qatraye (Isaac the Syrian). *Aram*, 1999-2000, v. 11-12, p. 475-484.

BUNGE, Gabriel. Mar Isaak von Ninive und sein 'Buch der Gnade'. *Ostkirchliche Studien*, Würzburg, 1985. vol. 34, n. 1, p. 3-22.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Livro de Isaac: edição e glossário (cód. ALC. 461)*. São Paulo: FFLCH- USP, 2000. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa).

CAMBRAIA, César Nardelli; MELO, Teresa Cristina Alves & VILAÇA, Cynthia Elias de Leles. Tradição latino-românica do *Livro de Isaac*: análise de lugares-críticos. *Filologia e Lingüística Portuguesa*. São Paulo, n. 9. (no prelo).

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Coleção Leitura e Crítica).

CAPPELLI, Adriano. *Dizionario di abbreviature latini ed italiani*. 6. ed. 1. rist. Milano: Ulrico Hoepli, 1995.

CARRETER, Fernando Lázaro. *Diccionario de términos filológicos*. 3. ed. corr. Madrid: Gredos, 1987. (Biblioteca Románica hispánica: III. Manuales, 6).

CASTRO, Ivo & RAMOS, Maria Ana. Estratêgia e tática da transcrição. Separata de *Critique textuelle portugaise. Actes du colloque, 1981*. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian/Centre Culturel Portugais, 1986.

BIBLIOTECA MARCIANA. *Cataloghi di codici italiani. Catalogo manoscritto: Classe I, Bibbia sacra e scrittori ecclesiastici, ms It. I, 1-125*. p. 1-26.

CHABOT, Jean Baptiste. Le Livre de la Chasteté, composé par Jésusdenah, Évêque de la Basrah. *Mélanges d'Archeologie et d'Histoire de l'École française de Rome*. Roma, n. 16, p. 277-278, 1896 citado por CHIALÀ, Sabino. *Dall'ascesi eremitica alla misericordia infinita: Ricerche su Isacco di Ninive e la sua fortuna*. Firenze: Leo S. Olschki, 2000. (Biblioteca della Rivista di Storia e Letteratura Religiosa, Studi XIV).

CHIALÀ, Sabino. *Dall'ascesi eremitica alla misericordia infinita: Ricerche su Isacco di Ninive e la sua fortuna*. Firenze: Leo S. Olschki, 2000. (Biblioteca della Rivista di Storia e Letteratura Religiosa, Studi XIV).

COPINGER, Walter Arthur. Supplement to Hain's Repertorium bibliographicum or collections towards a new edition of that work. Milano: Görlich, 1950. Vol. I, part II, p. 335.

CROSS, F. L. & LIVINGSTONE, E. A. (Eds.) *The oxford dictionary of the christian church*. 2. ed. London: Oxford University Press, 1974.

D'ACHILLE, Paolo. *Breve grammatica storica dell'italiano*. 2. ed. Roma: Carocci editore, 2004.

DROGIN, Marc. *Medieval Calligraphy: its history and technique*. New York: Dover Publications, Inc., 1989.

FRATI & SEGARIZZI. *Catalogo dei codici marciani italiani*. Modena: Ferraguti e C, 1909. Vol. 1.

FRUGONI, Arsenio. Angelo Clareno (Pietro da Fossombrone). In: *Dizionario biografico degli italiani*. 003 Ammirato-Arcoleo. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, 1961. p. 223-226.

FRUGONI, Chiara (a cura di). *Il Villani illustrato: Firenze e l'Italia medievale nelle 253 immagini del ms. Chigiano L VIII 296 della Biblioteca Vaticana*, con testi di Alessandro Barbero... [et al.], p. 74 fig. 15. Firenze: Banca CR, 2005. Biblioteca Apostolica Vaticana: Casa Editrice Le Lettere.

FRUGONI, Chiara. *Una solitudine abitata: Chiara d'Assisi*. Roma: GLF editori Laterza, 2006. fig. p. 153; p.148, 239 (note 25-26).

GIOVANARDI, Claudio. *Fonetica e fonologia, pronuncia standard e pronunce regionali: grafemi e interpunzione*. Università di Roma Tre, Maio de 2003.

GIOVÈ, Nicoletta; ZAMPONI, Stefano. *Manoscritti in volgare nei conventi dei frati minori: testi, tipologie, scritture (secoli XIII-XIV)*, in *Francescanesimo in volgare (secoli XIII-XIV)*. Atti del XXIV Convegno internazionale, Assisi, 17-19 ottobre 1996. Spoleto: Centro Italiano di Studi sull'Alto Medioevo, 1997. p. 303-336.

GRAMIGNI, Tommaso. *I manoscritti della letteratura italiana delle origini conservati nella Biblioteca Riccardiana di Firenze*. Tesi di laurea in Paleografia latina. Firenze, Anno accademico 2003-2004. p. 52, 55, 73, 275. Scheda p. 196-201.

GRIBOMONT, J. *La Scala Paradisi, Jean de Raïthou et Ange Clareno*. *Studia monastica* 2, 1960, p. 345-358 citato por CHIALÀ, Sabino. *Dall'ascesi eremitica alla misericordia infinita: Ricerche su Isacco di Ninive e la sua fortuna*. Firenze: Leo S. Olschki, 2000. (Biblioteca della Rivista di Storia e Letteratura Religiosa, Studi XIV).

HIGOUNET, Charles. *História concisa da escrita*. 2. ed. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2003. Título original: *L'écriture*. 10. ed. corrigée: 1997. Presses Universitaires de France, Paris, 1955 (1ª ed.).

HOUAISS, Antônio. *Elementos de bibliologia*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1967. vol. 1.

IMSS [Istituto e Museo di Storia della Scienza]. *Catalogo multimediale: Biografie: Carlo Roberto Dati*. Firenze, 2006. Disponibile em: <<http://brunelleschi.imss.fi.it/museum/isim.asp?c=300162>>. Accesso em: 15 Jan. 2008.

Inventario e Stima della Libreria Riccardi. Manoscritti e edizioni del secolo XV. Firenze, 1810, p.33.

KHALIFÉ-HACHEM, Élie. Isaac de Ninive. In: VILLER, Marcel *et al.* *Dictionnaire de spiritualite ascetique et mystique*. Paris: Beauchesne, 1971. Tome 7, Partie 2. Cols. 2041-2054.

LAUSBERG, Heinrich. *Lingüística Românica*. Tradução de Marion Ehrhardt e Maria Luísa Schemann. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1974. Título original: *Romanische Sprachwissenschaft*.

LAZZI, Giovanna. Isaac Syrus, *Collationes*, volgarizzamento di Angelo Clareno. In: LIONARDI, Claudio & DEGL' INNOCENTI, Antonella (a cura di). *I santi patroni. Modelli di santità, culti e patronati in Occidente*. Biblioteca Nazionale Vittorio Emanuele III di Napoli, 3 giugno - 15 ottobre 1999, [S. l.], MBCA, 1999. (Bimillenario di Cristo. I santi nella storia, 1998-1999). Scheda n. 65 alle pp. 257-260.

LEMAIRE, Jacques. *Introduction à la codicologie*. Louvain-La-Neuve: Université Catholique de Louvain, 1989. (Publications de l'Institut d'Études Médiévales: textes, études, congrès; 9).

LEVASTI, Arrigo. *Mistici del Duecento e del Trecento*. Milão e Roma: Rizzoli, 1935.

LOPEZ, Athanasius (a cura di). *Descriptio codicum Franciscanorum Bibliothecae Riccardianae Florentinae*. «Archivum Franciscanum Historicum», VI, 1913. p. 158-167, scheda p. 165.

MANNI, Domenico Maria. *Vite di alcuni santi scritte nel buon secolo della lingua toscana*. Tomo IV. Firenze: Appresso Domenico Maria Manni, 1735.

MIGLIORINI, Bruno. & BALDELLI, Ignazio. *Breve storia della lingua italiana*. 18. ed. Firenze: Sansoni, 1989.

MORPURGO, Salomone. *I manoscritti della R. Biblioteca Riccardiana di Firenze. Manoscritti italiani*. Volume primo. Roma: Ministero della Pubblica Istruzione, 1900. Indici e cataloghi, XV.

MORTARA, Alessandro. *Catalogo dei manoscritti italiani che sotto la denominazione di Codici Canonici Italiani si conservano nella Biblioteca Bodleiana a Oxford*. Oxford, 1864.

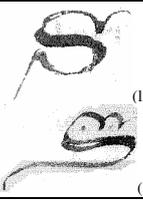
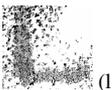
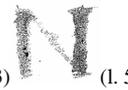
PATOTA, Giuseppe. *Lineamenti di grammatica storica dell'italiano*. Bologna: Società editrice il Mulino, 2002.

PETIT, L. Isaac de Ninive. In: VACANT, A. *et al.* *Dictionnaire de theologie catholique contenant l'exposé des doctrines de la theologie catholique, leurs preuves et leur histoire*. Paris: Letouzey et Ane, 1924. Tome huitième, Première partie.

- POSNER, Rebecca. *The Romance Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- POTESTÀ, G. L. *Angelo Clareno*. Roma, 1990, p. 270-275 citado por CHIALÀ, Sabino. *Dall'ascesi eremitica alla misericordia infinita: Ricerche su Isacco di Ninive e la sua fortuna*. Firenze: Leo S. Olschki, 2000. (Biblioteca della Rivista di Storia e Letteratura Religiosa, Studi XIV).
- RAHMANI, Ignace E. *Studia Syriaca*. Beirute: Charfet Seminary, 1904. vol. 1. p. 32-33 citado por CHIALÀ, Sabino. *Dall'ascesi eremitica alla misericordia infinita: Ricerche su Isacco di Ninive e la sua fortuna*. Firenze: Leo S. Olschki, 2000. (Biblioteca della Rivista di Storia e Letteratura Religiosa, Studi XIV).
- REICHLING, Dietricus. *Appendices ad Hainii-Copingeri Repertorium bibliographicum; additiones et emendationes*. Monachii: IAC Rosenthal, 1905. Fasciculus I, p. 157.
- RIGOLI, Luigi. *Illustrazioni di vari codici Riccardiani, ca. 1794 - 1810* (Firenze: Biblioteca Riccardiana, *Ricc.* 3582), scheda a p. 1072.
- ROHLFS, Gerhard. *Grammatica storica della lingua italiana e dei suoi dialetti: Fonetica*. Tradução de Salvatore Persichino. Torino: Giulio Einaudi editore, 1966. Título original: *Historische Grammatik der Italienischen Sprache und ihrer Mundarten*.
- RONCAGLIA, Aurélio. *Principi e applicazioni di critica textuale*. Roma: Bulzoni, 1975.
- SALMI, Mario. *La miniatura fiorentina gotica*. Roma: Fratelli Palombi Editori, 1954.
- SCURICINI GRECO, Maria Luisa. *Miniature Riccardiane*. Firenze: Sansoni Antiquariato, 1958. p.227-228, scheda 226.
- SPAGGIARI, Barbara & PERUGI, Maurizio. *Fundamentos da crítica textual*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- SPINA, Segismundo. *Introdução à Edótica: Crítica Textual*. 2.ed. ver. e atual. São Paulo: Ars Poética/Edusp, 1994.
- VILAÇA, Cynthia Elias de Leles. *Edição e estudo lingüístico das traduções em línguas românicas do tratado ascético medieval Livro de Isaac: subsídios para o estudo da tradição italiana*. 2004. 142 f. Relatório de pesquisa (Iniciação Científica) — Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- ZAMBRINI, Francesco. *Le opere volgari a stampa dei secoli 13. e 14. indicate e descritte da F. Zambrini : supplemento con gli indici generali dei capoversi, dei manoscritti, dei nomi e soggetti / a cura di S. Morpurgo ; pubblicato dalla Commissione per i testi di lingua*. Bologna: Zanichelli, 1929.

ANEXOS

ANEXO A - Alfabeto das capitulares em rubrica presentes no *Libro del Abate Isaac di Siria* (cód. *ricc. 1489* da BRF).

A	 (l. 130)	J		S	 (l. 270)  (l. 374)
B	 (l. 3045)	K		T	 (l. 3443)
C	 (l. 694)  (l. 1358)	L	[Capitular com a miniatura do Abade Isaac (5)]  (l. 4440)  (l. 4890)	U	
D	 (l. 871)  (l. 3359)	M	 (l. 593)	V	 (l. 5331)
E		N	 (l. 193)  (l. 5486)	X	
F	 (l. 2894)	O	 (l. 1619)	W	
G		P	 (l. 5997)	Y	
H	 (l. 3833)	Q	 (l. 320)  (l. 2851)	Z	
I	 (l. 4149)	R	 (l. 234)		

[As páginas 415 a 418 não foram disponibilizadas neste arquivo.]